

42

Darà todos...

Nº 199

ANNO IV

RICHARD D. D.



AS DOENÇAS PROVENIENTES

DA

IMPUREZA DO SANGUE

Molestias da pelle, Escrophulas, Dôr nos ossos, Boubas, Rheumatismo, Feridas, Úlceras, Darthros, Eczemas, Fistulas, Impureza do Sangue, Empigens

SÃO DEBELLADAS PELO

Licor de Tayuyá

de São João da Barra

Este poderoso depurativo, purificando o sangue, tem restituído a saúde a milhares de doentes e realizado extraordinarias curas em diversas molestias de fundo syphilitico, boubatieo e rheumatieo.

A venda em qualquer pharmacia e drogaria do Brazil, Republicas Argentina, Oriental, etc. Depósito: ARAUJO FREITAS & C. — RIO.

A maior descoberta para a SYPHILIS O ELIXIR "914"



Unico especifico proprio para
as creanças

Ilmos. Srs. Galvão & C.
S. Paulo.

Attesto que tenho usado
em diversos doentinhos deste
Hospital o ELIXIR 914 com
magníficos resultados, sobre-
tudo num caso de eczema ge-
neralizado que estava em tra-
tamento ha já muitos mezes
e que no fim do terceiro vi-
dro do ELIXIR 914 apresen-
tava-se curado.

(Assignado) D^{na}
Celeza P. Soares.
Directora do Hospital das
Crianças Cruz Vermelha
Brasileira
(Firma reconhecida)

A' venda em todas as pharmacias e drogarias do Brasil.

Depositarlos Gerais : Galvão & C. — Avenida S. João, 145 — S. Paulo

E' O UNICO DEPURATIVO ATE'
HOJE USADO NOS HOSPITAES

O ELIXIR 914

PORQUE E' O UNICO QUE
NÃO AFACA O ESTOMAGO

Porque é o unico que combate a Sy-
philis. Evita os abortos e a tuber-
culose nos individuos atacados de
Syphilis. 90 % dos individuos que
têm Syphilis estão propensos a tu-
berculose. Cada 10 nascimentos 9
crianças nascem mortas quando os
paes são Syphiliticos. Não ha mais
duvidas sobre o effeito do Elixir 914.
A prova é que está sendo usado nos
hospitaes. Não se deve tomar depu-
rativos sem experimentar o Elixir
914. Substitue com vantagem o Ka-
rope Gibert e Deret. Em todas as
— Drogarias do Brasil —

A' BOTA FLUMINENSE

O Maior Deposito de Calçados



Preto ou Branco 26\$000
Ns. 32 a 40



Preto ou Branco cor de vinho 25\$000
Ns. 32 a 40

Sapatos brancos e pretos Luiz XV a saldar
desde 10\$000

Pelo correio mais 2\$500 por par.

Pedidos a Alberto Antonio de Araujo
Rua Marechal Floriano, 100
(Canto da Avenida Passos, 123) Rio

ACABARAM-SE AS POMADAS, OS UNGUENTOS E OS CREMES

que são velhas formulas de carrancismo thera-
peutico e que irritam a pelle com a gordura
rançosa que contém.



sem gordura, liquido, não suja a pelle e nem as
roupas, de uso facil, comodo e rapido, não
obstruindo os póros da pelle e não impedindo
a sua perfeita respiração, que é o unico meio
de se conservar perfeita e evitar as rugas da
velhice.

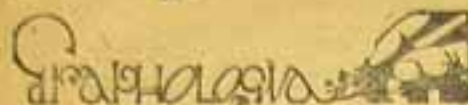
A LUGOLINA é o unico remedio Brasileiro
adoptado na Europa, Norte-America, Argentina,
Uruguay e Chile, com enorme successo.

Cura afficazmente as molestias da pelle,
feridas, dartros, eczemas, suor dos pés e dos
sevacos, queda dos cabellos, etc. O seu uso
constante conserva a pelle fresca e evita as
rugas. Anti-parasitario e cicatrizante poderoso,
evitando qualquer contagio nos dois sexos.

Vende-se em todas as drogarias, pharmacias e
perfumarias.

Preço: 3\$000

Unicos depositarios: ARAUJO FREITAS & C.
Rua dos Ourives, 38 e B. Pedro, 90 — Rio
de Janeiro.



ESCLAPPIO (S. Paulo) — Temperamento bastante impetuoso, algo apaltonado e, portanto, muito sujeito a acessos de cólera. Além disso, é muito interessado e presta extraordinariamente os bens materiais, mas a sua ambição é muito discreta, para surtir melhores efeitos. É vaidoso e o seu coração está longe sempre que se avizinha alguma necessidade alheia a remediar.

INJOV (Rio) — Natureza pujante, muito dada a pequenas aventuras de salão. Tem um espírito secco para tudo que não é mudanismo. Só está bem no meio das pequenas intrigas, que põem em foco e tornam a vida alheia. É um tanto idealista, mas somente sobre o seu futuro: exige o todo dourado, entre sons festivos e arrastados.

Tem bondade cordial muito extensa.

A. S. BIZARRO (São Paulo) — O que logo avulta é o traço do orgulho, ou, melhor, da vaidade. Crê-se, senão um grande homem, pelo menos diferente dos outros. Dahi o característico de um espírito de opposição. Tem sempre que dizer mal de alguém ou alguma coisa, e isso lhe satisfaz muito a vaidade. É mais colérico do que voluntarioso. Não são mas as qualidades do caracter propriamente dito, e o coração é susceptível de alguma bondade caritativa.

CORINO (Mimoso) — Natureza delicada, insinuante, mas de espírito um tanto incerto. É um tanto expansivo, mas quando em solidão deixa-se dominar pelo idealismo e pela melancolia. Põe um grande cuidado em parecer bom e aparecer bem. Sua vontade ora quer, ora não quer. Acompanha perfeitamente o espírito. Gosta de passar por generoso, mas, realmente, não o é senão em casos extraordinários.

Cicci (Andarahy) — Um tanto presumptuoso. O seu orgulho, porém, não irrita: é manso e contenta-se com pouco. O espírito é pouco vibrante e bastante idealista, embora de curtos vãos. O coração é frio, isto é, não tem bondade apreciável.

D. PIMPOS (Santos) — Estamos diante de uma natureza dissimulada, que procura tirar os maiores proveitos, sem dar na vista. E quando é apanhada em flagrante, nem por isso justifica as camelas de que se revestiu: affronta nova situação. Claro está, pois, que é um desassombrado. Antigamente usava-se outro qualificativo... O seu espírito é extremamente volúvel, um tanto propenso ao idealismo, de que, aliás, parece, às vezes, envergonhar-se... É que as idéas praticas que o dominam, fazem cara feia a digressões empiricas. Tem às vezes acessos de sensualidade que o perturbam. O seu coração é muitíssimo bondoso.

SANCHO PANÇA (Taubaté) — O maior característico é o do orgulho e da vontade. É forte em ambas as cousas. Encara a vida pelo prisma positivo e tem o espírito afinado por esse tom. É de uma grande perspicácia, apesar de o não parecer, pela sua comunicativa expansibilidade. O querer é poderoso e de grande teimosia; mas nem sempre se orienta no mesmo sentido. De resto, muita bondade cordial e bastante gaíxo pelo dinheiro.

ROQUIN (Ceará) — Positivo até à brutalidade, o seu espírito não teme de afrontar quaisquer conveniências alheias. O

resultado é quem o possui andar sempre mal visto e mal julgado. Entretanto, ha no fundo do seu temperamento uma grande bondade para com os humildes. Será talvez que a sua vaidade se sinta mais lisonjeada pelos que precisam de amparo... Prova, pois, de... tollice. Sua vontade não conhece limites, em se tratando de atlar seus interesses pecuniarios. Ha, porém, grande altruismo nas relações do seu coração.

CASA GUIMAR

CALÇADO DADO

Avenida Passos, 120

Tendo adquirido uma importante fabrica, pôde assim vender todos os seus productos de calçados, desde as alpercalas ao Luiz XV, mais barato que em qualquer casa 50 %.



MODELO NILDA

de 17 a 26	4\$000
" 27 " 32	5\$000
" 33 " 40	6\$500



MODELO NORAH

do 17 a 26	4\$500
" 27 " 32	5\$500
" 33 " 40	7\$500

Pelo Correio mais 1\$500 por par.
Remettem-se catalogos illustrados, gratis, para o interior, a quem os solicitar.

Pedidos a JULIO DE SOUZA

BENETI (São Paulo) — Sonhador, mas sempre com os olhos no interesse material. Talvez o sonho se refira ao temperamento artistico. Grande vontade de possuir avultados bens de fortuna. Mas tal ambição está pouco defendida pela pertinacia no trabalho. Coração frio.

AURA CERQUEIRA (Minas) — O que parece mais certo é o feitiço original do seu coração. Não gosta de se prender, mas exige que os outros lhe sejam escravos... E para isso emprega todos os meios, ainda mesmo os violentos ou simplesmente

reprováveis. Fora disso é uma creatura normal, até mesmo no constante recurso à inverdade...

LAURA SWANSON (Recife) — Natureza antagonica com o seu senso commun. Preende-se muito superior ao meio em que vive e procede sempre com a idéa fixa de se distinguir de todos. Mas, como o seu espirito no tem preparo, apenas se distingue por um certo ridículo de atitudes. Salva-se uma certa ingenuidade e uma certa bondade cordial, muito beneficiadora de todos quantos precisam de auxilios.

C. DE MANSO (Belém) — O extranhavel é principalmente a rudeza do espirito em contraste com um modo de requintada delicadeza. Parece haver muita dissimulação, mas tal se não dá, pois essa delicadeza está presente em todas as situações. A conclusão é, pois, por uma excessiva desconfiança que lhe perturba o exercicio espiritual. O cerebro é um tanto curto e isso justifica um pouco a sua apparente humildade. Tem particular amor ao dinheiro e é egoista.

LUCINDA (Maceió) — Farfalhante, paltradora, a sua personalidade enche as rodas em que se encontra. Espirito vazio, muito materialista, e uma vontade tenaz, mormente em casos de amor.

EVA NOVACH (Rio) — Quem a vir tão simples e tão complacente pensará sem duvida que é um temperamento manso obedecendo aos impulsos de uma alma candida. De facto não se enganará... muito. No fundo de seu ser assim pacifico, lá está o signal que o transforma repentinamente. Basta que lhe não insumam a vaidade latente para a sua individualidade se resentir e procurar logo uma vingança... Tem, pois, uma apparencia que atraição os incautos. Por baixo della está sempre de atalaia uma vontade pertinaz prompta a "arrecber" todos os proveitos moraes e materiaes, do que se julga perenne credora. A essa egolatria tão bem dissimulada, junta um coração endurecido ante alheios infortunios.

WILLIAM FARNUM (São Paulo) — Temperamento profundamente artistico em que o espirito idealista se espraia em mil fantasias. Será pintor ou musico? No primeiro caso, a sua obra abordará de preferencia a quantidade para satisfazer os prodigios da fantasia. Impossiveis de conter em poucas telas. Se musico, preferirá as composições de pequeno folego, pela mesma causa e ainda por uma questão de gosto.

FLYNN (Mimoso) — Homem pacato, honesto e franco. Alma consternada pelo espectáculo da dor alheia que se lhe depara continuamente. Ou então será apenas um feitiço melancolico inherente à sua natureza ou à sua intelligencia e ao seu coração, ambos vibratéis. Sua vontade não tem directrix a não ser para consolar os des-enturados. Excelente creatura!

THOMAS MEIGHAN (Barbacena) — Espirito deturpado pela má concepção intellectual. Vê cousas pavorosas onde não existe sinão o natural e o logico. Dahi o sobresalto constante do espirito. Mas apesar disso é calmo e vê claro onde se agitam os seus interesses pecuniarios... Vale a pena proporcionar-lhe momentos dessa ordem. Em amor também é desorientado, quasi sempre por desconfiar de mais... A vontade só é firme com a idéa do ganho... Bondade cordial, nem sempre.

ROSA CHA (Rio) — Equivocon-se. O de que mais fazemos questão é de escrever cousas originaes e não copiadas.

PARC ROYAL

Nos ultimos dias, tem augmentado sensivelmente o movimento da nossa casa, muito embora não tenhamos organizado nenhuma venda especial.

E' que os preços conscienciosos, porque os nossos artigos estão marcados, de par com o valor real que elles representam, constituem o melhor chamariz para os que desejam comprar.

EM TODOS OS NOSSOS «RAYONS»

ULTIMAS NOVIDADES EM ARTIGOS
DE VESTUARIO PARA SENHORAS, HOMENS E CRIANÇAS — IMPORTAÇÃO
EXPRESSAMENTE FEITA PARA A
QUADRA PRESENTE

ARTIGOS PARA TODOS OS GOSTOS

PREÇOS AO GOSTO DE TODOS

Aos freguezes do Interior: Peçam catalogos, amostras, informações, etc.


Parc Royal
A MAIOR E A MELHOR CASA DO BRASIL

Dar todos...

O prestigio do banho

A agua por si só é muito agradável, dizia a bellissima Lyvia — porém o Sabonete de Reuter dá-lhe um prestigio tal, que, quanto a mim, seria capaz de viver dias inteiros dentro da minha banheira sentindo em meu corpo a voluptuosa carícia de sua finissima espuma e exquisito perfume.

Submergida n'um banho em que o Sabonete de Reuter turvou a agua com os seus frescos e agradaveis effluvios sinto uma alegria infinita em meu espirito, phantasticos pensamentos na minha mente, e no meu corpo uma elasticidade e uma frescura tal que me fazem pensar que sou um ser ideal.

Parece até que sob a influencia deste sabonete sem rival, a existencia retrograda aos dias virginaes da infancia, annullando por completo o cansaço da vida e as amarguras das dores e decepções.

Creio até que se nos tempos mythologicos existisse o Sabonete de Reuter, as celebres aguas de Juventa occupariam o lugar vulgarissimo da mais prosaica laguna.

Oh Sabonete de Reuter, adoro-te!



Biotonico

Fontoura



O MAIS COMPLETO FORTIFICANTE

A VENDA EM TODAS AS PHARMACIAS E DROGARIAS.

Depositarior: Plinio Cavalcanti & C. — Rua da Alfandega, 147.
Rio de Janeiro

ELIXIR DE

INHAME



Depura

Fortalece

Engorda

O TICO-TICO



Unico jornal das crianças, attento sempre em proporcionar aos seus gentis leitores novos encantos.



Questionario



Toda a correspondência para esta seção deve ser dirigida a OPERADOR — 164, Ouvidor — Rio de Janeiro.

Devido á formidável affluencia de cartas para esta seção, muitas aguardam a resposta por semanas e mezes até; pedimos por isso excusas aos nossos leitores, e ao mesmo tempo lhes solicitamos a attenção para a lista de endereços de artistas que mensalmente publicamos; isso evitar-lhes-á muita vez o trabalho de escreverem pedindo informações que nella se encontram e a nós um trabalho excusado de compulсар catalogos para os satisfizermos. Mais: abreviará o prazo das respostas.

No caso de pedido de informes sobre films devem vir sempre que possível os titulos. Essa nossa exigencia é motivada pelo facto de muitas vezes os films aqui exhibidos com um titulo passarem com outro nos Estados.

MISS VELHAQUINHA (Rio) — Nascida em Michagan, em uma cidadezinha proxima a Grand Rapids Foi artista de theatro, estreando em "Cyrano". Entrou para o cinema na World, passou-se para a Fox, Paramount, Goldwyn etc. Norma, Constance e Nathalie, casada a primeira com Joseph Schenck, divorciada a segunda de John Pialogolo, casada a ultima com Buster Keaton. May Miler Minter é natural de Shreveport, Louisiana; com a Paramount, Lewis Lody foi casada com Dorothy Danton.

NELLY (Bahia) — Irmão de William, mais velho uns dois annos. Não é lá grande artista assim. William Duncan é escocez. Com a Vitagraph.

SALEROSA (Santa Anna do Livramento) — No palco actualmente, tendo deixado a Robertson Cole. E', de facto uma das primeiras figuras da tela. Geraldine Farrar, é cantora lyrica. 485 Fifth Avenue, New York os dois. Não ha de que. Nunca podemos assegurar quando sahem as respostas e não ha pedido de urgencia que valha.

SARITA (Rio) — Já não ha perigo; escapou de boa. Irlandez, da Dublin. Olhos azues, cabellos pretos. 2º. Hespanhol, 34 annos. 3º. Italiano. 4º. Americano do norte, filho de New York.

BEMZINHO (Sorocaba) Casada. Sua irmã e Lucille. Tem um irmão ainda, George, que também trabalha para o cinema. Escreva directamente, envie 25 cents. (1/4 de dollar) em "coupons-réponse" e aguarde uns 3 mezes pela resposta.

ZÉB (Rio) — 1º. United Artists. Já, no Rialto e no Iris. 2º. Nasceu em Paris, 1889. 3º. Douglas, Mary, Griffith e Carlito. 4º. Todos especiaes. 5º. Não sabemos.

PINOCA (Campinas) — Não temos certeza, mas pôde muito bem ser.

SANTINHA GUEDES (Ouro Preto) — 1º. 67 de altura, olhos azues, cabellos lozros.



Johnny Fox

2c. Nascida em S. Francisco, California, divorciada, cabellos castanhos e olhos azues escuros. 3º. Suranna Pittes, casada com Tom Gallery.

MME. X. P. T. O. (Rio) — E' casada com Charles Bryant, que muitas vezes dirige os films. Actualmente seus films, passam atravez da United Artists. Os ultimos: "Casa da Boneca" e "Salomé".

SABIDA (Nietheroy) — Tão sabida e tão perguntada! Só cinco de cada vez. 1,



Baby Peggy

3º. e 4º. 485 Fifth Avenue New York City. 2º. Deiron o cinema. 5º. Com a United Artists. Depois que deixou a Paramount fez alguns films para o First National. Venha pelo resto depois.

ESDRUXULA (Itararé) — Na Inglaterra a fazer um film mas volta a trabalhar com Griffith.

LEONOR X (Rio) — 1º. No palco. E' casada, muito loura, olhos castanhos. 2º. Com a Selzinck, cujos films actualmente não vem ao Brasil. 3º. Volveu a trabalhar com Mack Sennett.

PERNALTA (Rio) — Deixou a Selzinck e volveu a trabalhar com a sua antiga "partenaire" Norma, no First National. Estão fazendo juntos um film. Marion Davies na Cosmopolitan.

BELLICO (S. Paulo) — Chama-se Joseph Francis. Nunca vimos nenhum, mas a critica os tem julgados bons. Betty com a Paramount Valentino deixou a Paramount, si bem esta o tenha levado aos tribunaes para o coagir a executar o contracto feito de locação de serviços por cinco annos.

ANDALUZA (Porto Alegre) — E' muito bonita, só. Quanto á arte... quem a perdeu para ella achar? Mary Pickford ha muito que só trabalha para a United Artists.

SAMUEL TRISTONHO (Rio) — Está trabalhando para a Robertson Cole. Solteira. June Caprice é já casada, mãe de um filho que terá seus 4 mezes mais ou menos.

LABORDE (Santos) — Tem 21 annos, é casada, olhos e cabellos castanhos. Irmã de Viola Dana. O nome de familia é Flugrath. Cullen Landis com a Goldwyn. Edith Johnson tem 27 annos.

BILLY (Rio) — Vej-á-á com Douglas Fairbanks em "Os tres Mosqueteiros" a passar este mez ainda.

ZENOBI (Rio) — Gostou? Pois mande mais.

DIRECÇÃO DE ARTISTAS

Gladys Walton, Baby Peggy, Mary Philbin, Reginald Denny, Virginia Valli, Miss DuPont, Richard Talmadge, Hoot Gibson, Maude George, Erich von Stroheim, Priscilla Dean, Herbert Rawlinson e Art Acord, Universal Studios, Universal City, California.

Billie Dove, Cullen Landis, Viola Dana, Clara Kimball Young, Elliott Dexter, John Bowers e Barbara La Marr, Metro Studios, Hollywood, California.

Mabel Ballin, para Hugo Ballin Productions, 366 Fifth Avenue, Nova York City. Pearl White e Charles Hutchinson, para

PARA TODOS...

PREÇO DAS ASSIGNATURAS
Um anno (Rorio de 52 nr.) 48\$000
" semestre (26 nr.) 25\$000
Estrangello 60\$000

As assignaturas comecam sempre no dia 1 do mez em quo forem tomadas e só serão necessitas annual ou semestralmente. Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro, (que pôde ser feita por vale postal ou carta registrada com valor declarado), deve ser dirigida á Sociedade Anonyma O MALHO — Rua do Ouvidor, 164. Endereço telegraphico: OMALHO—RIO. Telephones: Gerencia: Norte 3402; Escriptorios Norte 5518. Succursal em S. Paulo: Rua Direita n. 7, sobrado. Tel. Cent. 3812. Caixa Postal 9.

PREÇO DA VENDA AVULSA

No Rio.....) 1\$000
Nos Estados.....



@ filmes da semana



Douglas Fairbanks fez o seu reaparecimento. O film em que vimos agora o famoso herói de tantas aventuras, é uma boa prova do valor artístico da nova fábrica United-Artists. Sem duvida, essa produção não é apenas uma produção commum.

"A marca do Zorro" é um film de programação especial. Como elle será a maior parte dos que futuramente veremos nas linhas cinematographicas da Capital e dos Estados.

E, admirando o novo trabalho de Douglas, no motivo inspirador da "A marca do Zorro", sente-se bem claro que esse trabalho é um perfeito estudo do d'Artagnan que elle criou para "Os tres mosqueteiros" da United-Artists, a famosa super-produção da nova fabrica americana que breve

veremos "A marca do Zorro" não teve o publico que merece. Poucos viram o reaparecimento de Douglas. Mas tambem para que passou o film no Rialto? O Rialto como o Central e ultimamente o Palais não estão muito na sympathia do publico. Tantas vezes são os admiradores da arte muda mal servidos nessas casas que afinal de tudo desconfiam...

Katherine Mc Donald esteve no Odeon. A fascinante belleza americana só por ella torna supportavel o film que posou "Trahição e fidelidade".

O motivo da produção tão cheia de coisas falsas, não interessa, e, fatiga o espectador. Não é recommendavel. Tambem

os films da semana não foram além do de Katherine Mc Donald. "O dinheiro de Martha", "Pode casar papae", "Temeridade", "Amor de um verdadeiro homem", nenhum nos pareceu realmente mais interessante. Rivalisam até mesmo nos seus detalhes de luxo e elegancia. Sómente maior do que elles, com mais fausto, com mais grandiosidade de "fécie", vimos, no Avenida, "Encantos" por Marion Davies e Forrest Stanley.

Essa foi a produção que mais applausos obteve depois da "A marca de Zorro".

Como inferioridade tudo o mais quanto passou.

OPERADOR N. 3

COTAÇÃO DOS FILMS — SEMANA DE 25 DE SETEMBRO A 1 DE OUTUBRO DE 1922

MARCA	CINEMA	TITULO DO FILM	PRINCIPAES INTERPRETES	DATA	CLAS.
First Nat.	Odeon	Trahição e fidelidade (Her Social Value)	Katherine Mc Donald	1922	5
Paramount	Avenida	O dinheiro de Martha (Her own money)	Ethel Clayton	1922	4
Fox	Pathé	A mancha da covardia (The Yellow Stain)	John Gilbert	1922	5
United Art.	Rialto	A marca do Zorro (The Mark of Zorro)	Douglas Fairbanks	1921	10
Universal	Parisiense	Amor de um verdadeiro homem? (Afraid to fight)	Frank Mayo	1922	4
(*)	Palais	Do vicio a virtude (*)	Xenia Desue	?	3
Ermolieff	Central	Tempestade (Tempêtes)	Mme. Listenko e Mosjoukine	?	6
Paramount	Avenida	Encantos (Enchantment)	Marion Davies e Forrest Stanley	1921	6
Fox	Pathé	Temeridade (Without Fear)	Pearl White	1922	4
May	Palais	Ilona (*)	Iya de Putti	?	4
Realart	Parisiense	Pode casar papae! (Moonlight and Honey suckle)	Mary Miles Minter	1921	5

(*) Não consta do programma.

Pathé Exchange, 25 West Forty-fifth Street, Nova York City.

Helen Eddy, Doris May, Jane e Eva Novak, Ethel Clayton e Harry Carey, R-C Studios, 780 Gower Street Hollywood, California.

Jaqueline Logan, Katherine MacDonald, Margaret Loomis e Herschel Mayall Mayer Studios, 3800 Mission Road, Los Angeles, California.

Carol Dempster, Lillian Gish, Henry Hull, Virginia Magee e Dorothy Gish, Griffith Studios, Orienta Point, Mamaroneck, Nova York.

Alice Terry, Ramon Navarro (Sambas), e Rex Ingram, Metro Studios, West Sixty-first Street, Nova York City.

Betty Blythe e George Arliss, Whitman Bennett Studios, Riverdale Avenue, Yonkers, Nova York.

Pelo Natal deste anno apparecerão as bonecas Mary Pickford no mercado. Foi o escultor Christian Van Schneidan o

autor do busto que servirá para a moldagem das cabeças dos novos artefactos para divertimento infantil. Sessenta foram os modelos feitos e delles Mary escolheu uma meia dúzia.

Fern Andra ha poucas semanas fazia uma excursão em aeroplano pilotado pelo barão Richthofen. O aparelho capotou vindo despedaçar-se no solo.

O barão morreu immediatamente. A artista si bem muito machucada escapou.

Sete mil e quinhentos personagens apparecem em uma das scenas do film "Robin Hood", de Douglas Fairbanks, que deve ser exhibido este mez em New York.

Em "The Eternal Flame" Norma Talmadge obteve um outro grande triumpho.

"Human Hearts", da Universal, com House Peters, direcção de King Baggot foi

muito bem recebido pela critica e pelo publico.

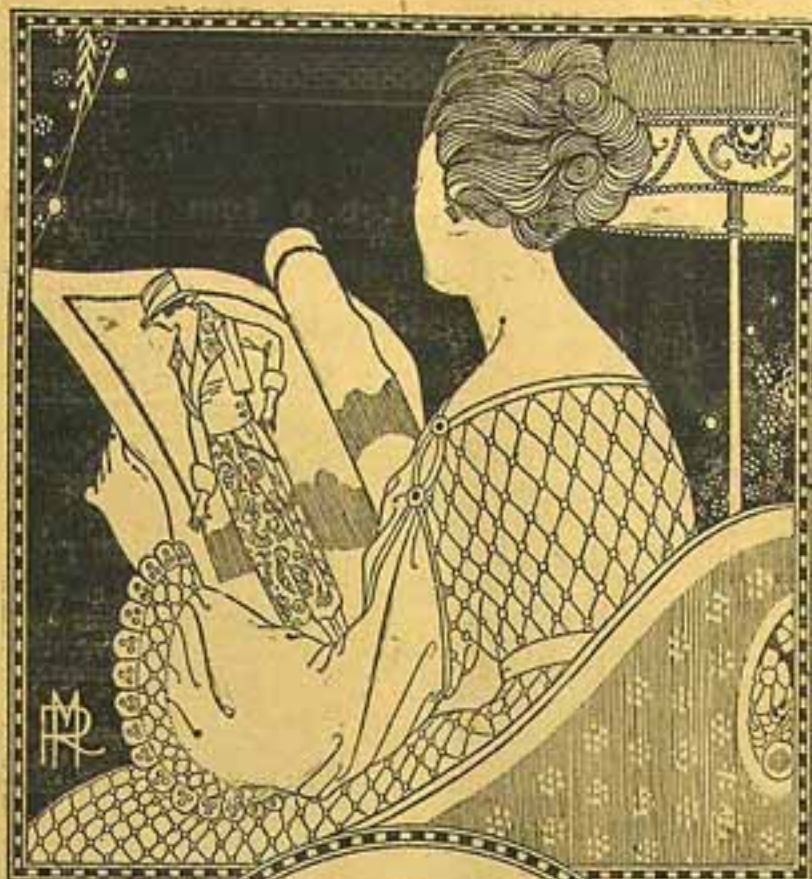
Douglas Fairbanks vae filmar as "Aventuras do Zorro", continuação d' "A marca do Zorro", um dos seus mais apreciados e applaudidos trabalhos.

"The cowboy and the Lady" é um novo film da Paramount em que trabalham nos principaes papeis Mary Miles Minter e Tom Moore.

Em "Kentucky Days" figura Virginia Valli. A produção é da Fox.

Jean Paige vae fazer uma visita á Europa em companhia do marido Albert Smith, director da Vitagraph.

George Walsh depois de gastar seis mezes a trabalhar em series para a Universal declarou-se farto.



Si vós, senhora, lamentais em silêncio que lhe haja tocado por sorte uma cutis defeituosa e sem merito algum, recordeis aquelle adagio que diz: "Querer é poder". Com effeito, basta que vos resolveis transformar a pelle do seu rosto n'uma verdadeira maravilha de belleza e finura, para que o consigais usando diariamente o notavel

PO' DE ARROZ MENDEL

unico producto capaz de obrar esse milagre. Importante: O PO' DE ARROZ MENDEL possui uma notavel qualidade adherente que resiste á acção do ar e o seu uso não requer o emprego de crèmes ou pomadas.

Usa-se nas côres branca, rosa, para as claras de pouca côr. "Chair" (carne) para as loiras e "Rachel" (crème) para as morenas.

Vende-se em todas as perfumarias.

Agencia do PO' DE ARROZ MENDEL:
Rua Sete de Setembro n. 107, 1º andar, Tel.
C. 2741, Rio de Janeiro.

Deposito em São Paulo: Rua Barão de Itapetininga n. 50.

MENDEL & C.

POLLAH

Devolve o tom primaveril a um
rosto que sendo ainda joven, está
condemnado, pelas imperfeições da
cutis á triste melancolia outonal

Suave como uma carícia - Cutis
: branca - Unida -- Côr de Saude :

Sentia verdadeiro pavor ao me ver no espelho com espinhas no queixo, quantidade de cravos no nariz, manchas perto dos olhos, grãosinhos na testa, nariz avermelhado, precisando fazer prodígios com col-cremes, aguas brancas e pó de arroz, para conseguir um rosto apresentavel, não enganando senão a mim propria, a principal interessada.

Experimentando tudo que me ensinavam, interna e externamente, só consegui em alguns casos peorar meus defeitos — e assim continuava de desillusão em desillusão até que tive a ventura de conhecer o CRÈME POLLAH — verdadeira maravilha, que em poucas semanas transformou completamente a minha cutis, fazendo desaparecer todos os defeitos.

Não tenho palavras para descrever minha alegria, ao me ver livre das espinhas, manchas, vermelhidões e ver meu rosto liso, branco, com aspecto de saude, contentando-me a mim mesma, graças unicamente ao CRÈME POLLAH.

GRAZIELLA RUTT

“FARINHA POLLAH”

AMENDOAS

Si deseja que a sua cutis do rosto,
braços, mãos — seja branca, macia bo-
nita em todas as occasiões, nada gor-
durosa, substitua o sabonete pela FA-
RINHA POLLAH.

Para facilitar os effeitos rapidos do CRÈME POLLAH, chamo a attenção para a acção nociva da maioria dos sabonetes, que é bastante prejudicial.

O que succede aos tecidos de lã, que ao contacto da agua com sabão enrugam e arripiam, succede á cutis, que perde a maciez com o uso constante do sabonete.

O sabonete, antigamente, era pouco usado e ainda hoje as orientaes possuem as cutis mais bellas do mundo, porque não as estragam com alcalis e gorduras, materias primas de qualquer sabão.

A FARINHA “POLLAH” é inegualavel. Limpa perfeitamente a cutis e evita os estragos produzidos pelos sabonetes.

O uso que na Inglaterra, França e Estados Unidos se faz da FARINHA DE AMENDOAS “POLLAH”, prova a excellencia da mesma.

A FARINHA, o CRÈME “POLLAH”, encontram-se na Casa Crashley & C. — Ouvidor, 58 e nas principaes perfumarias. — Em Campinas: Casa Bucci.

(PARA TODOS...)—Corte este coupon e remetta aos Srs. Reps. da American Beauty Academy — Rua 1ª de Março, 151, sob. — Rio de Janeiro.

NOME CIDADE

RUA ESTADO

Para todos...

ANNO IV



NUM. 199

RIO DE JANEIRO, 7 DE OUTUBRO DE 1922



Sua Excellencia o Sr. Dr. Antonio José de Almeida condecorando a bandeira da Escola Naval com as insignias da Torre e Espada.



O prestito a caminho do cãez, no dia do regresso do Presidente de Portugal.



Aspectos do embarque do Presidente de Portugal; na Avenida e na Praça Mauá





As últimas despedidas do grande português ao Rio de Janeiro: na prancha e na torre de comando do "Arlanza".



A inauguração
das obras da zona
franca na ilha do Gover-
nador à qual compareceu o
Sr. Dr. Antonio José
de Almeida.

As pequenas e
lindas embarcações pre-
staram a sua continência aos
dois presidentes, de Portugal e
do Brasil, e às altas
autoridades.



Lembrança
da visita
do presi-
dente da
República
Portuguesa
à nossa
terra.

O baile
do Palácio
Guanabara,

na noite de 25 de
Setembro do
anno do Centenario
da Independencia
Brasileira.



Instanta-
neas da
bella festa
que reuniu
em torno
do Chefe
de Estado
do paiz
irmão at-
mais



nobres familias da
colônia portugueza
e da sociedade
do Rio de
Janeiro.



O Pavilhão do Distrito Federal, na Exposição Internacional do Centenário.

MULHERES... MULHERES...

MLLE. FUTILIDADE

Graça, encanto, intelligencia, talento mesmo, mas, que, aos poucos, se vai esgarçando, esgarçando, até quando venha a tornar-se como a gaze tenuissima que lhe finge — é bem o termo — cobrir e gasalhar a cabeça fidalga e orgulhosa, em as noites de baile ou de Municipal, que lhe são, também, de triumpho, ainda e sempre.

"Uma sylphide..." chamal-a-lá o poeta romantico e tuberculoso, revirando os olhos para cima, num trejeito alambicado.

"Uma pluma..." diremos nós, vendo-a passar, vaporosa, elegantissima, podre de chic, afinal!

E' uma figurinha encantadora, que tem tudo, menos coração.

Fala o francez correctamente, o inglez na perfeição, e, quanto ao por-

tuguez, por que não dizel-o? quanto ao portuguez, estropia-o, regularmente... E' incrível, mas, nem por isso, menos verdadeiro. A natação a attrai, o remo a enthusiasma, e o foot-ball, ah! o foot-ball! a empolga, a arrebatá, e até mesmo a desvaira... De tanta torcida, a lingua já se lhe torceu de modo es-

pantoso e, não raro, lhe escutam os phrases assim, nos bailes: "Elle já vinha feito pra cima de mim, para dansar, quando eu o driblei e cahi fóra deixando elle off side", e, depois, ao convite nosso, para sentar-se: "Sentar-me, e? não estou cansada, não senhor!... Eu não dou o prego, assim, sem mais nem menos..."

Elegante, elegantissimo, positivamente, o seu *surround* dire...

Dizem de primeira — ella é quem o dia — Musset, o meigo Musset passa por ser o seu poeta querido, porque, constantemente, lembrado em suas conversas e nas, que chama, suas



O Sr. Dr. Carlos Sampaio, no dia em que recebeu as homenagens dos funcionários da Exposição.



Recordação do "garden-party" oferecido aos congressistas estrangeiros que estiveram no Rio pelos congressistas brasileiros, com a presença do Sr. Presidente Epitácio.

horas de romantismo, que, afinal nunca foram além de dois ou tres minutos de sobra, no intervalo das festas, dos almoços, dos chás, dos cinemas, dos tangués, dos jantares, dos theatros ou dos bailes, a que, diariamente, comparece, extasiando a todos com a sua leveza de corpo e de espirito.

... Em verdade: uma pluma... arrastada ao sabor da variedade.

ROGERIO DE ALCANTARA.

A RONDA DO DESLUMBRAMENTO

Apparecerá por estes dias em magnifica edição, o novo livro de con-



Sr. William Zadig, autor do monumento a Olavo Bilac, inaugurado no dia 7 de Setembro, em São Paulo, sua Exma. Senhora e a filhinha do casal.

tos de José Geraldo Vieira, um dos mais serios talentos literarios da nova geração brasileira. *A Ronda do Deslumbamento* promette ser uma verdadeira maravilha de bom gosto e uma agradável surpresa, mesmo para os que já conhecem o valor literario de quem a escrevem. O novo livro de Geraldo Vieira vem assim confirmar os muitos titulos de gloria que seu autor já havia conquistado desde a publicação do *Triste Epigramma*.



Membros da Embaixada Especial dos Estados Unidos ás festas do Centenario da Independencia Brasileira.



A Embaixada Especial, chefiada pelo Sr. Dr. Asdrubal Delgado, que o Uruguay enviou às festas da Independência Brasileira. Photographia feita, na saída do Caffete, quando os illustres diplomatas do país irmão foram despedir-se do Sr. presidente da Republica.



Ao centro: Sr. Dr. Alvaro Saralegui, sub-secretario de Estado no Departamento de Relações Exteriores, ministro plenipotenciario; á esquerda: general don Eduardo da Costa, chefe do Estado Maior do Exercito, delegado militar; á direita, commandante Rodrigues Luiz, aggregado naval; nas extremidades, Sr. Dr. Fortunato Anzoátegui, e o escriptor Horacio Quiroga, secretarios, — membros da Embaixada Especial do Uruguay.



Lembrança da primeira reunião do "Memorial Committee" da Camara do Commercio Americana, encarregado da offerta de um monumento ao Brazil. Estiveram presentes os Srs.: Charles Hughes, ministro do Exterior dos Estados Unidos da America do Norte, então Embaixador Especial, e Edwin Morgan, Embaixador da grande republica junto ao governo do Brazil.



Team brasileiro de water-polo, campeão latino-americano de 1922.



Campeonato de equitação do continente. Tres dos vencedores. Instantaneos de saltos.

O Campeonato Sul-Americano de Foot-ball, inventado para estreitar as relações e unir as sympathias dos varios paizes deste pedaço do mundo, falhou definitivamente. Sympathias e relações não se fazem a pontapé. Sobretudo, quando os pés... não tomaram chá em pequenos... Este anno, no stadium do Fluminense, onde se apinhou, durante os encon-



Fragmento de um friso: "A torcida paulistana..."

tros, a gente mais fina da nossa cidade, o descalabro de ver valentões em pleno delirio não compensou o prazer de applaudir verdadeiros homens de sport, educados, jogando com elegancia, respeito mutuo, delicadeza mesmo na violencia de certas phases.

Um pouco la rientavel o espectáculo de alguns se lecci o na dos, muito mal seleccionados...



No "stadium" do Fluminense. Um momento do jogo entre Chilenos e Brasileiros.



CAMPEONATO SUL-AMERICANO DE FOOTBALL

Flagrantes da assistência que encheu o "stadium" da rua Guanabara, calculada em cincoenta mil pessoas que applaudiram Kunz, Fortes, Formiga e Palamone, dos nossos; Urdinaran, Batiguan, Tejera, Zebechi e Romano, dos uruguayos, — heróis da tarde.



UM "SHOOT" VALENTE...

O SENSACIONAL ENCONTRO DE DOMINGO

Os seleccionados do Uruguay e do Brasil que empataram por o a n. A entrada no campo dos jogadores orientaes conduzindo a nossa bandeira, gesto que despertou o maior entusiasmo, sendo os onze "sportmen" saudados com uma salva formidavel de palmas e delirantes aclamações.

CONGRESSO
EUCARIS-
TICO
DO
CENTENARIO

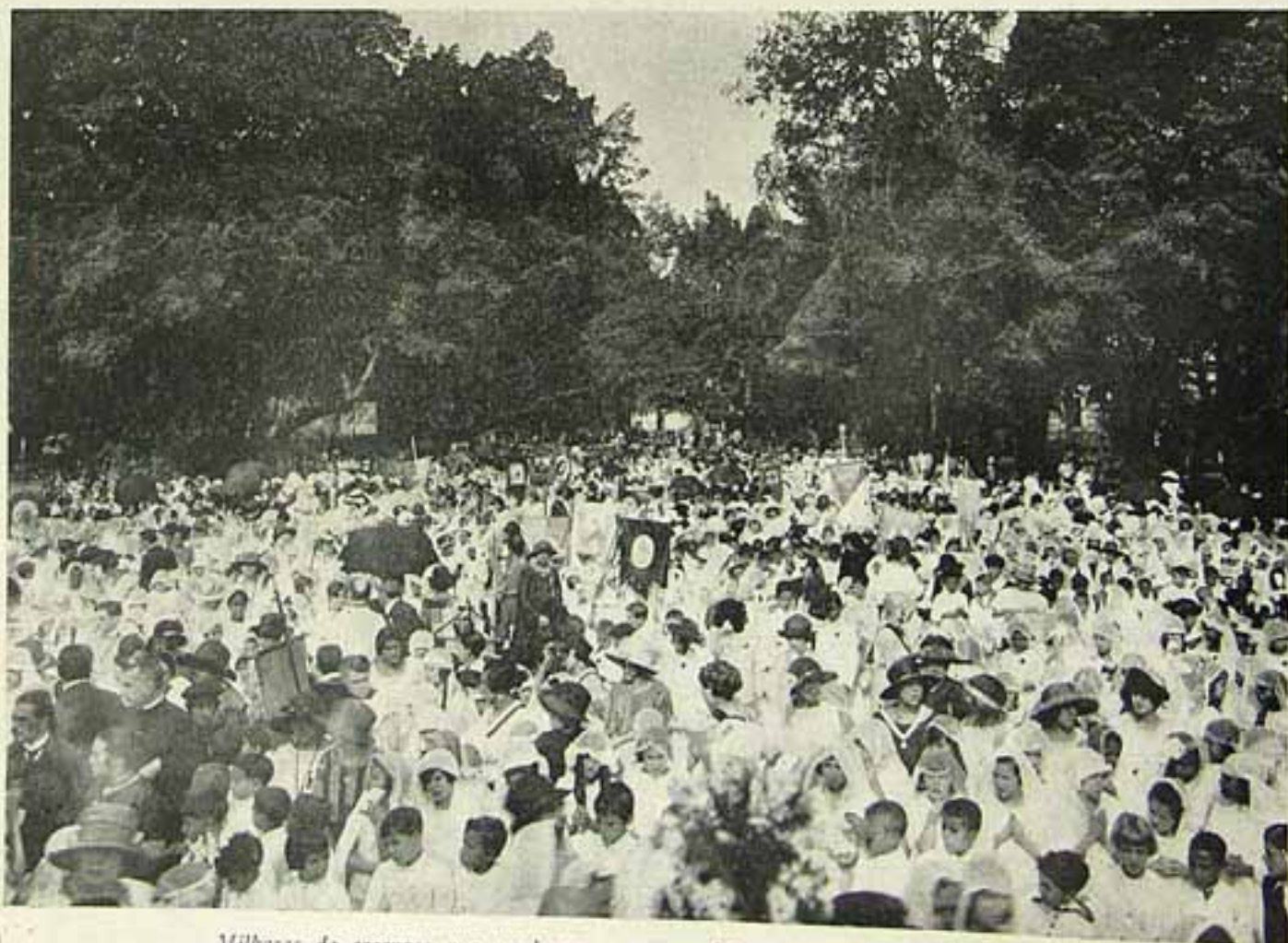
Das cerimônias do Congresso Eucarístico, que se reuniu nesta cidade, uma das mais importantes foi a missa campal de quinta-feira da outra semana, seguida de e o m m u n h ã o às crianças católicas.



A COMMU-
NHAO GERAL
NO
CAMPO DE
SANT'ANNA

O Campo de Sant'Anna ficou apinhado de fieis, de todas as idades, de todas as classes sociais, e aquella multidão tinha os olhos no céu, no lindo céu da manhã.

O arcebispo D. Sebastião Leme elevando a sagrada hostia.



Milhares de crianças que receberam a communhão no dia 28 de Setembro.

A EGREJA CATHOLICA E A SUA PUJANÇA NO BRASIL.

Inaugurado, terça-feira, 26 de Setembro, com uma sessão imponente, na igreja de São Francisco de Paula, o Congresso Eucharístico envolveu a semana toda unindo nas almas o sentimento da patria ao culto religioso.



Depois da inauguração, foi enviado por Sua Eminência o Sr. Cardeal Arcoverde o seguinte telegramma ao Summo Pontifice:

"Inaugurando-se solennemente Congresso Eucharístico Nacional, presença cardeal arcebispo, nuncio, prelados, grande numero representantes todas dioceses, todas classes sociaes, membros Senado, Camara, Supremo Tribunal, Exército, Marinha, Academia, mocidade estudiosa, operariado, imprensa, todos congressistas de pé acclamam Summo Pontifice, renovando-lhe expressão, incondicional affectuosa adhesão, implorando bênçãos trabalhos que inauguramos Eucharistia restauração espiritual Brasil alorua Patria Igreja. — (a) Cardeal Arcoverde."



OS ULTIMOS ACTOS DO CONGRESSO EUCHARISTICO

As nossas photographias apresentam aspectos de diversas ceremonias do Primeiro Congresso Eucharístico Nacional culminadas na grandiosa procissão de domingo, que foi acompanhada por mais de duzentas mil pessoas.



soas. Ao alto: a reunião dos homens, no Circulo Catholico, em que foram discutidas importantes theses; sessão feminina no collegio da Immaculada Conceição, na Praia de Botafogo, tendo-se o conego Dr. Mac Dowell falando; mesa que presidiu uma das sessões do Circulo Catholico; reunião sacerdotal no Circulo Catholico; o carro triumphal de Jesus Hostia e instantaneos da procissão. A' esquerda: na Candelaria, durante o Grande Pontifical. A' direita: na igreja de São Francisco de Paula, durante uma das sessões do congresso, presidida por Sua Eminência o Sr. Cardeal Joaquim Arcoverde de Albuquerque e Cavalcanti, arcebispo do Rio de Janeiro.

O RIO DE JANEIRO
DEMONSTRA A
A SUA FE'
COM O MAIS
VIVO ENTHUSIASMO.



Uma nobre e bella idéa

O Sr. Dr. Diego Carbonell, ministro plenipotenciário da Venezuela junto ao governo do Brasil, remittiu num banquete, sabado passado, os representantes diplomaticos das nações americanas de origem hespanhola para, sob a presidencia do Sr. Azevedo Marques, ministro das Relações Exteriores e na presença de intellectuaes brasileiros, ler e commentar a carta que lhe enviára o nosso companheiro Ezequiel Ubatuba lançando a idéa de "um grandioso monumento á Liberdade, Igualdade e Fraternidade dos povos ibero-americanos", a ser inaugurado quando a Republica Oriental do Uruguay, "el Benjamin de nuestras republicas", festejar o Centenario de sua Independencia, a 25 de Agosto de 1925.

das nações ibero-americanas, para justificar quão significativo era o designio que ali os aggreminava. Falaram, em seguida, com declarações entusiasticas de apoio, todos os Srs. Embaixadores e Ministros presentes.

Ezequiel Ubatuba respondeu ás referencias que foram feitas á sua pessoa por varios oradores e propoz os nomes que deverão constituir a "Commissão Central Internacional pró Monumento á Fraternidade das Nações Americanas de origem luso-hespanhola":

Presidente, S. Ex. o Sr. Ministro das Relações Exteriores do Brasil.

Vice-Presidente, S. Ex. o Sr. Dr. Diego Carbonell.

Secretarios: Sr. Dr. Rozeusweig Diaz, Sr. Dr. Goulart

M



No terraço do Jockey Club, antes do banquete de 30 de Setembro.

O Sr. Azevedo Marques, não podendo comparecer, impedido por um compromisso anterior, autorizou o Sr. Diego Carbonell a declarar que se associava á bella e nobre idéa. O Sr. Ministro da Venezuela começou assim o seu discurso:

"Bajo la suave presión de la historia de cien años, el amor patriótico de mi amigo el Dr. Ezequiel Ubatuba dejó errar la imaginación que en Caracas, como en México, Bogotá, Santiago, Lima, Buenos Aires, Montevideo, Asunción y Habana identificó en una misma psicología de vorágine el grito famoso de Ipiranga y la decisión de los colonos elevados a la ciudadanía... Volvió luego del ensueño y dióse cuenta de que habia vivido un instante sublime en la existencia ideal de nuestras republicas."

E continuou, fazendo um retrospecto da vida historica

de Andrade, Sr. Capitão Marcolino Fagundes e Sr. Dr. Raphael Pinheiro.

Thesoureiro, O Banco do Brasil.

Conselho Deliberativo — Todos os Srs. Embaixadores e Ministros das Republicas americanas de origem hespanhola, acreditados ante o Governo da Republica Brasileira.

Conselho Consultivo — Professor Sá Vianna, Senador Felix Pacheco, Deputado Alberto Sarmento, Dr. Agenor de Roure, Dr. Mario Bhering, Sr. Affonso Vizeu, Dr. Linneu de Paula Machado, Professor Oscar de Souza, Dr. Nascimento Gurgel e Dr. Ataulpho de Paiva.

O Sr. Ministro de Perú disse que a commissão não prescindiria de um secretario-geral e que ninguém melhor para o cargo do que o autor do "projecto generoso", Ezequiel Ubatuba, que foi aclamado.



Emmanuel Coelho Netto, que a morte levou.

Elle era bom. Tinha a serenidade dos fortes. A juventude do seu corpo de atleta guardava uma alma antiga, de orgulhosa origem, mas sempre alegre por perdoar e esquecer. Nunca lhe sahiu da bocca uma queixa. Acostumara os labios ao rythmo do louvor. Sabia admirar. Sabia amar. Mano! Quem o appellidou assim, de pequenino, adivinhou que, depois de grande, quando olhasse de olhos abertos a vida, havia de ser o que foi: o irmão... o Mano, mais moço ou mais velho, dos outros homens que o conheceram, os amigos da sua intimidade e aquelles que, junto de Coelho Netto e da companheira admiravel desse nobre artista, aprenderam o culto da belleza e da bondade.

Coelho Netto

DEPOIS DA MEIA

NOITE...

Se ha um autor novo que cahiu no gosto do publico, elle é Benjamin Costallat. Apesar de ter talento e de escrever bem, Benjamin Costallat conta com milhares de leitores, sempre á espera dos seus livros para esgotal-os em poucos dias. Foi assim com a *Luz Vermelha*, foi assim com *Mutt, Jeff & C.* O phenomeno acaba de repetir-se com



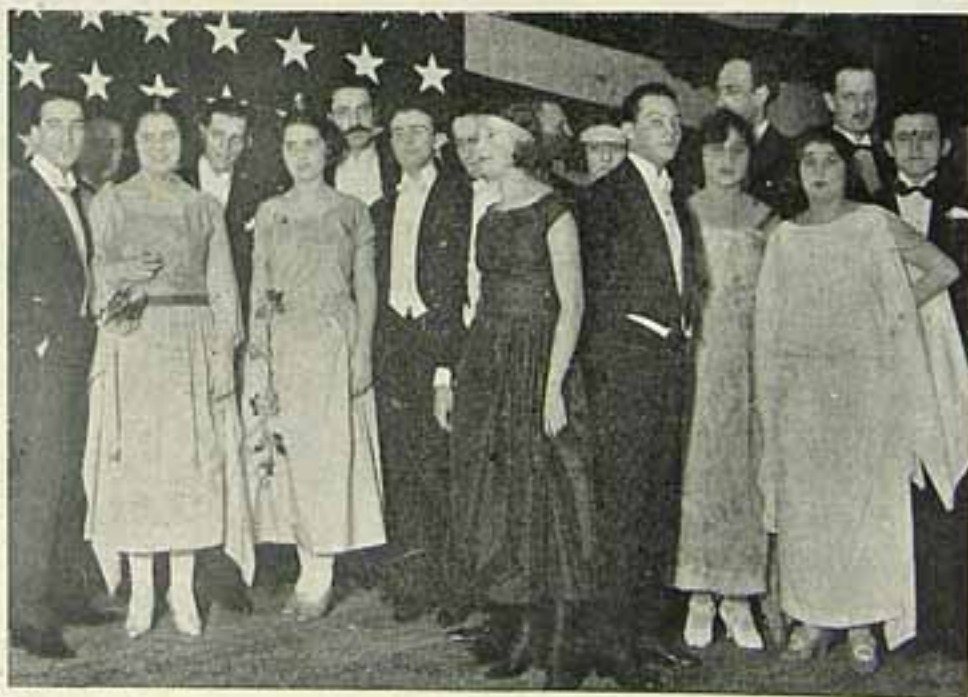
No cães do porto: chegada dos Srs. João Moreira da Silva, o nosso querido collaborador "Arcimor" e de seu filho Sr. Professor Raul Moreira, com suas Exmas. Famílias.

ta a vida. A vida é que é escandalosa. Escandalosa até na dor. Depois da meia noite... é todo feito de dor: dor das grandes cidades e das pequenas creaturas, dor de amor, dor de desejar... A prosa arripiada de Benjamin Costallat vae dizendo as historias verdadeiras, tão verdadeiras que parecem inventadas... Vae dizendo, como se fosse uma voz de ternura e desespero



Banquete do Club de Engenharia aos membros do 2º Congresso Ferro-Viário Sul-Americano.

Depois da meia noite... Voaram os quatro mil exemplares da primeira edição. Entretanto, palavra de honra, Depois da meia noite... é um livro excelente. Dizem que Benjamin Costallat consegue vender tanto porque põe escandalo em tudo que lhe sae da penna. Esse homem turbulento não faz isso de proposito. Con-



Recepção a bordo do "Nevada", da Armada Norte Americana.

que falasse... Eis ali o segredo do seu agrado: a sinceridade natural, a simplicidade ao alcance de todos... Cinematographia em que as palavras fazem de interpretes... Guignol com todos os fantoches do mundo... Baila do russo... Dansa americana... Tango... Maxixe... Ahi está a arte de Benjamin... Ahi está o chamariz de Costallat...

PAPEIS ANTIGOS

A sala era côr de cinza e dormitava eterna noite sob o eterno luar cansado de uma lampada fôca.

Eu ficava sempre, do fundo da poltrona, a querer aquelas mãos longas e puras que amavam accordar, no piano, velhas coisas da alma da gente que andam nas sonatas de Beethoven.

Na sala sempre



DEPOIS DO ALMOÇO DO SR. MINISTRO DA DINAMARCA AOS JORNALISTAS NO PAVILHÃO DO SEU PAIZ.

amôr sem mascaras, ululante e largo como o oceano.

Os dedos della tremiam sobre as teclas, num bailado afflicto, supplicando silencio.

Inutil... O cantico continuava a dizer de almas maiores que os vendavaes e de amores maiores que as almas.

Depois, o piano emmudecia. Ficavam tres silencios...



SABBAO PASSADO, EM FRENTE AO PAVILHÃO DE FESTAS, NA EXPOSIÇÃO, DURANTE O CONCERTO, REGIDO PELO MAESTRO MASCAGNI, NO QUAL TOMARAM PARTE 300 PROFESSORES DE ORCHESTRA E OS CÔROS DO THEATRO MUNICIPAL.

tômos tres: ella, o piano e eu. Dos tres só o piano falava, dizendo tudo que nós não tínhamos animo de dizer. A sua voz, sem palavras, revelava angustias paradas, sonhos de carinhos, desejos infinitos e mudos como nós dois.

E, para a alma compassiva do silencio, havia sempre dois silencios.

A's vezes a sua alma se revoltava contra a nossa mudez sem motivos e subia, num cantico bravo, colerico, a bramar da timidez dos homens e a proclamar um grande



NA LEGAÇÃO DA DINAMARCA, QUANDO O SR. MINISTRO OFFERECU UM BANQUETE EM HOMENAGEM AO ANNIVERSARIO DO REI CHRISTIANO.

e os meus passos me levavam.

Uma noite prendi-a nos meus braços e falei. O piano ficou calado à espera de que ella respondesse. E ella não disse nada.

Quando houve tres silencios eu sahi para sempre.

Na rua havia noite. Na sala a "Segunda Sonata" era a angustia de um chamamento.

Já não acreditava no piano.

E os meus passos me levaram para sempre...



Os jangadeiros do Norte com o Sr. Presidente Epitácio Pessoa.



O prestito dos jangadeiros.

A Confederação dos Pescadores do Brasil foi, no dia 30, ao Palácio do Catete, apresentar ao Sr. Presidente da Republica os jangadeiros que vieram das praias do Norte,



Directoria do Departamento Naval da Associação das Homens do Mar.

em frágeis embarcações, comemorar com a gente carioca o Centenario da Independencia. O prestito dos jangadeiros deu à cidade um movimento festivo.



Banquete da Senhora Collier às senhoras brasileiras e às delegadas na Exposição.



Curso de Dança da Senhorinha Yvonne Daumerle, em São Paulo.

GAFFE...

Na *garden-party* dos Congressistas Ella esteve infeliz, talvez, porque Elle não fóra, ou porque o não vira talvez... Se havia tanta, tanta gente, em meio á qual Elle bem pudera aproveitar a oportunidade para variar um pouco...! O facto é que, á sahida, Ella não se conteve e queixou-se de que a festa "não prestara para nada..."

E, depois, olhando em torno e deparando a solemnidade de duas cartolas que haviam, provavelmente, escutado a objurgatoria, assustou-se e com razão... Eram dois dos organizadores da festa.

Valeu, comtudo, a *gaffe*: com o rubor que subiu ás faces ficou mais bella, ainda...



UM DIA

— Por que é que te vejo, quando na ronda dos annos tu floresces no meu cerebro — minha triste flor de Lothus — sob a ponte de Amboise, nuns fundos de tarde orleaneza, como um perfil de Carrière dentro de uma tela de Corot?

Por que?

Si nunca amaste essas terras de longe, e si eu te quiz num canto banal, daquelle perdido Brasil banal...

Por que?

E por que é que ainda voltas, teimosa saudade de trinta e cinco annos?

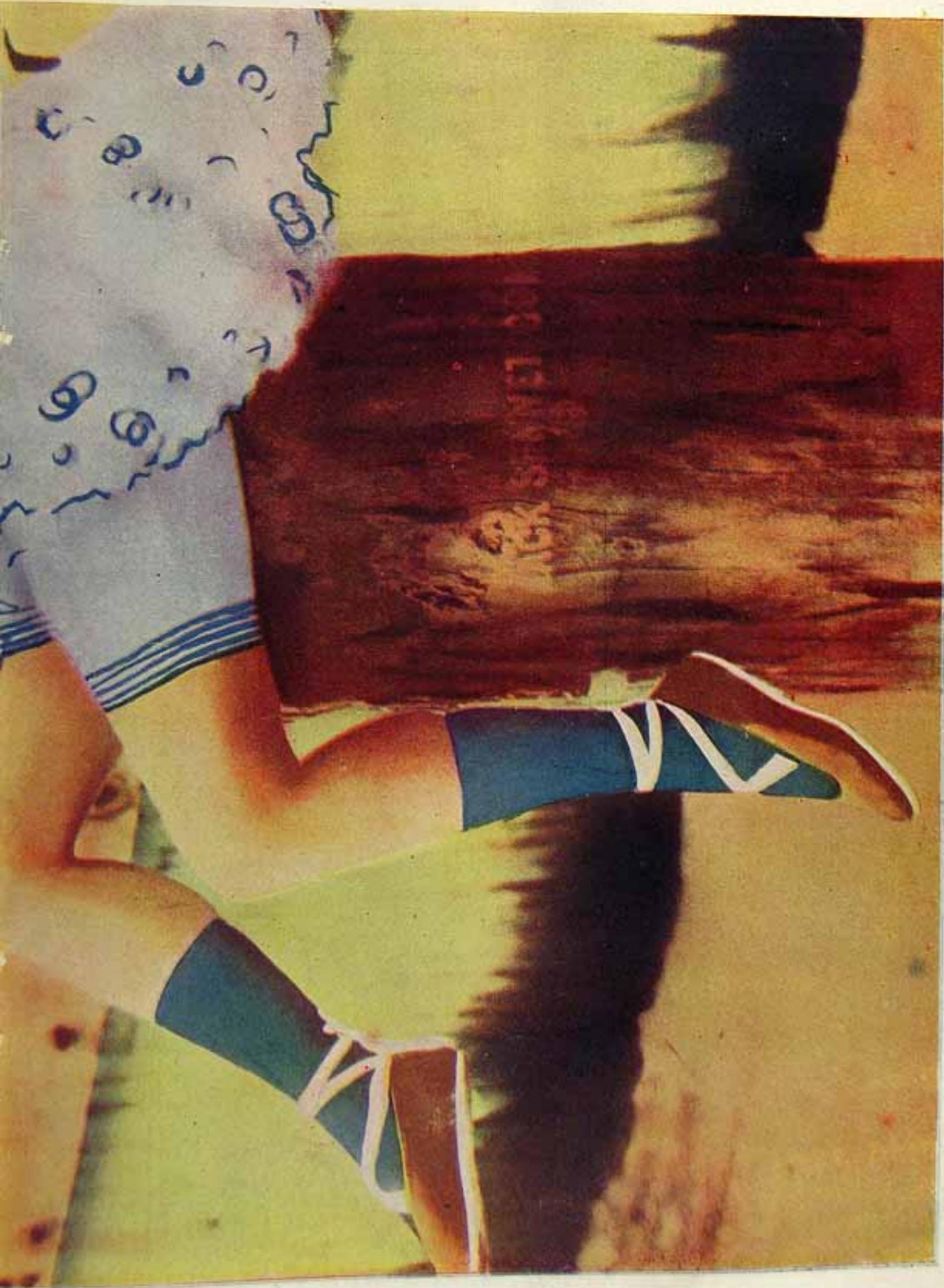
DEABREU.



Daphnia e Cloé. Quadro do pintor riograndense Pedro Weingartner.

Darà todos...





HARRIET HAMMOND



O Exmo. Sr. Dr. Salazar Oyarrazabal, Embaixador Especial da Republica do Peru às comemorações do Centenario da nossa Independencia, e demais membros da Embaixada, entre os quaes o joven diplomata Sr. Edgardo Rebagliati (o segundo, em pé, à direita) nosso collega de imprensa, redactor da revista "Mundial", de Lima.



A Exposição, à noite. Lado dos pavilhões nacionaes.

CINEMA PARA TODOS

REDACITOR-CHEFE
OPERADOR

RIO DE JANEIRO, 7 DE OUTUBRO DE 1922

COLLABORADORES
VARIOS

A NOSSA CAPA

RICHARD DIX não é dos artistas mais conhecidos entre nós, se bem dos mais cotados nos Estados Unidos. Ainda agora confiou-lhe a Goldwyn o principal papel no film "O apóstolo", extrahido do celebre romance de Hall Caine, já publicado pelo Para Todos...

No proximo numero — MAY MC. AVOY.

Chronica

A ESTRÉA DA UNITED ARTISTS

Com A marca de Zorro, a melhor produção de Douglas Fairbanks que já passou por telas brasileiras, estreou a semana passada no Rialto a famosa marca norte-americana United Artists Corp.

Não teve a concorrência que merecia esse film, o que attribuímos à pequena reclamação feita e à pouca confiança que mereceu de programações anteriores fracas, ao tempo em que o explorava a empresa Durlot, inspira ao publico aquella casa de espectáculos.

Entretanto quem foi ver esse film deve ter sahido satisfeito. Trata-se de facto de uma produção excellente, digna do mais caloroso acolhimento. Quer quanto à technica, à interpretação, quer quanto ao argumento interessante e logico. A marca de Zorro é um dos bons films que nos tem sido dado apreciar.

Seguiu esta semana uma produção de Griffith A rua dos Sonhos; na proxima veremos o melhor film de Mary Pickford O pequeno lord Fauntleroy, que unanimes applausos têm consagrado em todo o mundo, como obra prima. Depois veremos Os tres mosqueteiros, por Douglas Fairbanks e As duas orphãs, de Griffith, todas super-produções de incontestado merito.

Com essa programação é de esperar que o Rialto, incontestavelmente um dos nossos bons cinemas readquirira a clientella perdida; o nosso publico sabe sempre fazer justiça à boa produção.

A United Artists ha de ser das marcas favoritas entre nós.

OPERADOR N. 2.

MAX LINDER

O comico francez está actualmente em Paris. Entrevistado por uma revista franceza queixou-se amargamente da gente dos Estados Unidos que não só não supporta o film francez, como mesmo desdenha as suas produções, delle, Max Linder.

"Nos trinta e seis mezes que passei nos Estados Unidos, diz elle, apesar da amizade de artistas eminentes como Douglas Fairbanks e Charlie Chaplin, só pude produzir tres films: "Sete annos de urucubaca", "Sê minha mulher", e a parodia dos "Tres mosqueteiros", de Douglas. Destas tres produções só pude vender uma nos Estados Unidos, "Sete annos de urucubaca", que foi lançada com tanta má vontade ao mercado, que redundou em fracasso. Tive de trazer os outros dois para a França, onde já vendi um. O outro vai ser explorado pela "United Artists".

Sobre o estado da cinematographia, diz Max Linder:

"Seriamos de certo muito superiores aos americanos se possuíssemos os mesmos meios technicos que elles. Mas a julgar

pelo que vi antes de minha partida para a America — e parece não ter havido na minha ausencia, grandes mudanças — somos bem inferiores em tres coisas: studios, iluminação e artistas.

Deixem-me precisar. Na America ha studios de trezentos metros de comprimento por setenta ou oitenta de largura. Na America, os studios são completamente fechados, sem vidraças, como aqui se usa, para que entre a luz externa. Quando se quer filmar à luz natural vai-se para fóra; para scenas de interior, despende-se uma quantidade enorme de electricidade.

E demais, é mister dizer: em França não possuímos artistas de cinema; temos excellentes artistas de theatro que occasionalmente posam para cinema; já se vê que não é a mesma coisa.

No theatro os gestos, as attitudes têm que ser exaggerados; cobrios no cinema. O theatro e o cinema são coisas diferentes.

Nos Estados Unidos existe uma verdadeira carreira artistica cinematographica, com estrellas numerosas de ambos os sexos e mais numerosas artistas ainda da segunda plana. O autor ou o director de scena, pode achar sempre o artista de que ha mister para interpretar tal ou qual papel.

Quanto aos processos de realização technica, affirmar a superioridade dos americanos sobre nós, nessa parte, é repetir coisa bem sabida.

Posso citar a proposito a reconstituição do castello feudal, feito para o film de Douglas "Robin Hood". Nesse gigantesco castello, certos aposentos têm 250 metros de comprimento. Uma chaminé attinge uma altura de dois andares... e essas decorações ficaram promptas em vinte e cinco a trinta dias.

Entre nós quanto tempo se levaria para conseguir tal?"

Passando a falar dos argumentos, criticou os americanos exaltando os francezes fazendo a seguinte observação: "Os defeitos do film americano são tamanhos, o numero de argumentos ridiculos ou infantis cresceu de tal sorte, que o publico começa já a aborrecer-se do cinema. E' uma coisa chocante constatar o vazio que se faz nas salas de cinema. Penso que em 1922 o publico que frequenta o cinema diminuiu em relação ao de 1921 em uma proporção de pelo menos 33 %".

Os editores americanos ver-se-ão obrigados a fazer appello à boa produção estrangeira para variar o seu programma e a só editar films de primeira ordem."

☆☆☆

Andrey Chapman, que apparece no film de Douglas Fairbanks "Robin Hood", (que ao que parece veremos ainda este anno, se bem não haja passado nos Estados Unidos), foi pelo pintor e escultor sueco Christian von Selmeidan, escolhida como o typo da beleza loura americana.

☆☆☆

Ben Turpin, sob a direcção de Mack Sennett, acaba de concluir seu film "The Schrick", parodia de "The Sheik" (Paixão de barbaro).

☆☆☆

Pola Negri nasceu em Bromberg, Polonia allemã então, em 1899. Seu verdadeiro nome é Apollonia Chalupez. Negri foi adoptado em lembrança de Ada Negri, a famosa poetisa italiana, cujos versos ella costumava traduzir na escola.

☆☆☆

A produção italiana continua em plena crise, recusando os estabelecimentos bancarios qualquer credito aos productores.

A situação do pessoal que trabalhava para o cinema torna-se mais grave cada dia que passa. Corre o rumor que a U. C. I., nascida sob tão brilhantes auspícios vai fechar suas portas definitivamente. Rarissimos os productores que mais raramente ainda produzem algum film. Parece que a não haver uma intervenção de novos elementos financeiros poderosos... era uma vez a cinematographia italiana.

O meu cavallo fiel

(TRAVELING ON)

Film Paramount — Produção de 1922 —
Direção de Lambert Hillier

DISTRIBUIÇÃO

J. B.	WILLIAM HART
Susan Morton . . .	ETHEL GREY TERRY
Dandy Mc Gee . . .	James Farley
Hi.	Brinsley Shaw
Mary Jane	Mary Jane Irving
Gila	Robert Kortman
Haskins.	Willis Marks

OPINIÕES DA CRÍTICA

- Interessante e típico drama do oeste.
Moving Picture World.
Hart em uma de suas produções habituais.
Film Daily
Diversão satisfatória.
Exhibitor's Trade Review.
Drama do oeste regular.
Exhibitor's Herald.

Sentado á porta do seu barracão de pinho, Haskins "Sabetudo", o redactor-chefe do "Boletim de Tumble Bluff", observava tranquillamente o eterno drama da vida, representado ante os seus olhos. O seu papel, na tragedia da existencia, era o de simples observador, uma especie de coro Grego que acompanhava a epopeia do Arizona. Mas Haskins vivia satisfeito com a humildade da sua funcao, pois observava que outros actores, mais em destaque, tinham não raro que assumir o papel principal em enforcamentos e ceremonias antipathicas, nada do seu gosto. A insignificancia era como um manto invisivel que acobertava o seu possuidor, garantindo-o contra situacoes inseguras. E por isso lhe era agradavel.

E olhando o que se passava, com olhos perscrutadores, inamistosos, que chammejavam friamente como o sol mordendo o cano lazido de uma garrucha, ruminava alto para o unico confidente e companheiro que tinha, — elle proprio:

— E' isso mesmo. Estou bem satisfeito de estar vivo, e não pretendo tão pouco servir de alvo ao revolver de Gila. E' um passatempo agradabilissimo ver o que vae acontecer, e ou eu me engano muito, ou aqui vão acontecer grandes cousas nestas proximas semanas. A mulher daquelle caixeiro viajante da Doutrina, Suzanna, é uma linda mulher, e não ha para originar complicações como uma mulher bonita ou um leão á solta!...

Haskins pousou os seus olhinhos crepitantes na esplendida figura de uma mulher que á beira da rua, defronte do "Palacio da Sorte", de Dandy Allen Mc Gee, levantava uma especie de balcão, feito de caixotes vazios. Com as nobres curvas que se accusavam sob o seu delgado vestido de chita, e aquella pelle de um colorido quente, e aquelles olhos apaixonadamente negros, seria uma figura voluptuosa se não fosse a expressao do seu semblante, puro como uma agua limpida que recobrisse incommensuraveis abysmos, agua em que se mirasse o sol, em que o olhar dos homens se afogasse, se refrescasse do peccado.

Ao longo da rua feia, orlada de barracões de madeira que encimavam nomes

absurdamente pomposos, — o "Hotel Magnifico", o "Emporio da Elegancia", o "Templo de Hebe", que era, por signal, o botequim — só o "Palacio da Sorte" se destacava importante, um edificio de dois andares com uma torre de madeira, pintada de um amarello berrante e decorada com toscos bonecos de madeira. De dentro vinham os accordes aggressivos da orchestra mecanica, o rumor das gargalhadas, dos passos rythmados que se arrastavam sobre o assoalho.

A tavalagem a que presidia Dandy Mc Gee funcionava de accordo com o mesmo principio a que obedecem aquellas igrejas custeadas por contribuições, cobradas pelos proprietarios. A "Sorte" de que falava o titulo da casa, era a sorte que a freguezia tinha que dar ao proprietario. Como porém era sabido que o predilecto argumento de Dandy era um revolver calibre 36, ninguém se queixava dos prejuizos que porventura soffresse. Carteador que não favorecesse a casa, bailarina que não produzisse para aquelle antro a receita que della se esperava, estava summariamente na rua. E o jogador mal avisado que avertisse a discordar do veredictum da roleta era pessoa a quem os seus amigos, de futuro, só se poderiam referir no tempo preterito...

Haskins apurou o ouvido, á escuta das martelladas que soavam ao extremo da acidentada rua, e desatou a rir sardonicamente: era Hi-Morton, o rafeiro da salvacao que não pensava em outra coisa, que outra coisa não via, que para outra coisa não vivia senão para ver construida a sua igreja.

Apparecera no povoado, ia para um mez, com os seus cavallos estrompados e aquelle carrinho de toldo de lona, em cujos flancos havia pintados textos da Escripura, e desde esse dia trabalhara esforçada-

mente, os calhos da alma fitos nessa fantastica visao de um templo, encimado por uma torre branca, emergindo da arida areia daquelle deserto do Arizona, emergindo das aridas almas dos homens que ali habitavam. Fingira, desde então, não perceber os escarnos e insultos dos mineiros grosseiros, nem a ameaçadora hostilidade de Dandy Mc Gee, ao mesmo tempo ignorando os perigos e desconfortos a que submettia a esposa e a filhinha, com o zelo ardoroso que punha em converter a humanidade.

— E enquanto o pastor prosegue nas suas zumbais a Deus, Dandy Mc Gee vae-lhe ageitando a mulher!... — disse Haskins, a rir, sem maior sympathia pela victima do que mostra o espectador aos actores de um drama em que elle não participa.

— Dandy, não é porém homem que aposte senão na certa, e está esperando o momento em que possa abocanhar a preza, sem causar grande alarido. Por outro lado, Gila aborrece que lhe façam predicas em publico, tambem não dispensa grande sympathia ao evangelista. Bem feito, que é para elle não perder tempo com um individuo como Gila que só poderá ver o Céo de perto no dia em que o levarem á forca!... Mas Morton não quer saber disso: insiste na missao que se attribue, e não me admirará nada que se elle continuar a insistir, um dia destes, Gila se aborreça e o despache a elle para o Céo. De tudo isto o que se deprehende, porém, é que grandes cousas estão para acontecer por aqui!

E o velho observador, esfregando as mãos de contente ao cabo deste monologo, observou então uma outra figura, um homem esgaldado e alto, que vinha rua abaixo, e a quem elle ainda acolheu, mal disfarçando nas pregas do rosto de couro a sua mysteriosa alegria.

— Bons dias, J. B.! Ouvi dizer que o senhor incorporou um novo membro á sua familia?

O homem alto olhou-o impassivel.

— Isso prova que o senhor ainda tem bons ouvidos,—replicou sem se alterar. Era uma figura estranha, o corpo descarnado, o rosto mordido até á flor dos ossos pelo



Pelo menos, creio na senhora.

sol e pelo vento do deserto. Mas o que elle tinha de mais bizarro eram os olhos como janelas cerradas por store, que não permittiam figurar que especie de alma habitava ali dentro. Donde viera, para onde ia, que nome e historia se escondiam debaixo daquellas duas mysteriosas iniciaes, unico nome que elle proclamava, ninguem o sabia. Apparecera em Tumble Bluffs duas semanas antes, a cavallo num garra-no malhado, cujo aspecto motivara até a franca hilaridade de Gila que não hesitara em dizer-lhe:

— Aquella coberta de retalhos que você monta...

Sem alterar a sua expressão pelo tremor de um musculo, J. B. rapara de cada lado da cabeça do valentão um tufo de cabelo, com a mesma precisão com que se usasse uma navalha, e talvez houvesse concluido essa exhibição da sua pericia cravando uma bala no espaço a descoberto se o pastor itinerante não houvesse intervido. Olhando em volta as physionomias tomadas de espanto, o olhar morto de J. B. pousara no rosto de Suzanna Morton e nelle se demorou um momento, antes de proseguir em seu caminho. E desde então, sem motivo apparente, o forasteiro ficara em Tumble Bluffs, sem nada dizer, e tudo vendo com aquelles olhos singulares.

— Disseram-me — proseguiu unctuosamente o falador — que Mc Gee tentou descobrir o seu mysterioso nome e que o senhor o mandou bugiar. Disseram-me tambem que elle se lhe offereceu por amigo, e que o senhor lhe respondeu que não tinha amigos, que os olhos delle denunciavam a mentira do que elle dizia pela bocca. Cuidado, meu amigo. Não houve até hoje homem algum que dissesse semelhante cousa a Mc Gee sem ser, desde logo, candidato a uma mortalha e um caixão!

— Aquelle?!... — disse com desprezo o homem do mysterio. — Aquelle não passa de um cão ruivo que os colletes de fantasia e os aneis de brilhantes não conseguem disfarçar! E os cães ruivos só foram postos no mundo para serem corridos aos ponta-pés!

Preparou-se para seguir, mas Haskins deteve-o, segurando-lhe o braço com força.

— Se soubesse como elle ficou furo! —

proseguiu, num riso alto — Tão damnado que sentiu a necessidade de vingar-se fosse no que fosse, e descarregou a colera no pobre do macaco! Eu proprio o vi quando elle veio para a rua e Ignez, atraz delle, aos gritos, e o pobre do macaco a herrar como uma creança. E ainda ouvi quando o senhor lhe disse que não consentiria que elle matasse o macaco, salvo com a condição de haver duas mortes, em vez de uma. Hum, hum... Foi um bom espectáculo, não ha duvida. Mas deixe que lhe diga, meu amigo: Dandy tem-lhe um amor de irmão, o mesmo amor que tinha Caim por Abel, e por seu desejo, o unico espaço que lhe seria concedido, seriam sete palmos de terra...

— Não me dá isso cuidado, — replicou J. B.

O seu olhar desviara-se para o balcão improvisado do outro lado da rua, onde a mulher acabava de entregar a Gila um objecto qualquer, embrulhado em papel castanho. E lentamente, cerraram-se-lhe os dedos descarnados e longos, e os labios fecharam-se-lhe numa linha dura e triste. Os olhos de Haskins seguiram a figura alta e bem lançada, no gradual movimento que a approximava da esposa do pastor. Sorriu então, lambendo os beiços como se saboreasse um azeite: é que só elle sabia o motivo porque J. B. ficara no povoado.

Por cima do balcão, um pedaço de papel de embrulho annunciava "Um livro que todos os jogadores deviam ler. — \$500". Os olhos imperscrutaveis de J. B. pousaram na inscripção. E ninguem já mais suspeitaria que aquellas letras não tinham para elle a menor significação.

— Dê-me um! — disse arrancando do bolso um saqueto de couro, e pousando sobre o balcão uma nota.

A mulher considerava-o gravemente:

— Queria uma promessa sua, — disse, entregando-lhe o livro embrulhado. — Queria que me promettesse ler este livro. Promette?

— Por sua intenção? — perguntou asperamente J. B. Mas no tom da sua voz havia uma significação tão clara que o sarrone subiu lentamente ao rosto de Suzanna.

— Não, — respondeu immediatamente. Pela sua. O senhor tem um olhar de fome,

e esse livro ser-lhe-á alimento; o senhor tem um olhar de quem não possui um lar, e esse livro lhe offerecerá um abrigo; o senhor tem olhos de quem já soffreu, de quem se sente só, e esse livro lhe será um amigo.

A creancinha puxou-lhe por uma das mangas da jaqueta. Era uma cousinha tenra, de cabellos louros avermelhados aqui e ali, da longa exposição ao desapiadado sol do deserto.

— Onde está hoje o seu menino? — disse em voz timida. — O senhor hontem ia com elle ao collo. Um menino todo cheio de roscas, — não é verdade?

Os olhos da mulher prenderam-se aos olhos mysteriosos de J. B. com o luminoso orgulho da maternidade; mas antes que ella pudesse falar, escancarou-se a porta do "Palacio da Sorte", e por ella irrompeu Gila aos gritos de colera, seguido de uma revoltosa malta de jogadores esbaforidos, mal seguros nas pernas.

— Quero para cá o meu dinheiro! — exigiu, atirando o livro ao chão, e pisando-o a pés. — A senhora embrulhou-me. Para que diabo serve a um jogador uma Biblia? Pois já não basta que o seu marido, com as suas predicas, me faça saber a enxofre o whisky que bebo no botequim? Vamos, passe para cá o meu dinheiro!

— Nenhum homem precisa mais de Biblia do que aquelle que é jogador — disse Suzanna, firmemente. — O dinheiro que o senhor me deu vai servir para construir, aqui, em Tumble Bluffs uma igreja que Deus possa visitar e habitar.

Os olhos pequenos de Gila ardiam como carvões accesos. A mão desceu-lhe ao cinto, mas J. B. desviou-o para o lado com desprezo.

— Vá-se embora! — disse-lhe em voz terminante. E voltando-se significativamente para os demais: — É' um lindo livro, e vale bem cinco dollars, — não acham?

Como que casualmente, a sua mão pousou-se no cabo do revolver. Aquelles que tinham vindo para fazer còro com Gila perceberam o movimento e dispuzeram-se a pagar. Um após outro, foram todos desfilando ao balcão, entregando o valor de uma boa bebedeira, receberam as duas Bìblias e regressaram ao "Templo da Sorte" onde, profanamente, depositaram os livros que haviam comprado.

— Aquelle sujeito está dispondo com muita liberdade do dinheiro dos outros, — disse Gila, — e se elle não tomar juizo, o proximo recenseamento em Tumble Bluffs vai accusar um habitante de menos!...

Elevando para o rosto lugubre de J. B. a luz pura dos seus olhos, Suzanna dizia tremulamente:

— O senhor falou ha pouco como um homem que acredita em Deus.

Mas o forasteiro abanou a cabeça: — Só acredito numa cousa: eu conseguir aquillo que quero conseguir!

Olhou-a com fixidez, mas Suzanna não lhe fugiu ao olhar como fugia a cabeça dos olhos sem pestanas de Dandy Mc Gee. Homem e mulher, os olhos enlaçados um longo momento, mediram-se um ao outro. Depois, elle caminhou para ella:

— Até hoje nunca gostei de creatura alguma, com menos de quatro pés de alto, — disse J. B. perturbado — mas gosto de si, é' minha norma possuir sempre aquillo de que gosto.

Suzanna Morton sorria tranquillamente. Depois, como elle desse costas para retirar-se:

— Olhe que se esqueceu do seu livro. Leia-o. Elle lhe ensinará a confiar.

— Confiar? — repetiu J. B., com os labios cerrados. — Confiar é' o mesmo que



Aquella coberta de retalhos que você monta...

dar tiros contra um barril de pólvora. Muito perigoso...

Mas pegou no ferro que não sabia ler e os seus dedos grosseiros tremeram, ao apertar-lhe a mão. A's cegas, desceu a rua, esquecendo-se do fim com que saíra, esquecendo-se de Haskins, do seu olhar vigilante e sardônico. Viajava há trinta e oito annos, solitariamente, sempre e sempre a caminhar, sem parar em parte alguma, impellido por aquelle eterno desassossegado, por aquella constante desconfiança que sentia dentro de si. Enxergara o lume das lareiras de outros homens pelas vidraças das janelas, mas nunca lhes sentira o calor. A soleira de lares alheios, avistara mulheres, mas nunca se detivera a pedir-lhes a esmola da compaixão, do amor. Agora, agora porém, parecia-lhe que estava olhando por uma dessas vidraças, que sustenta o passo junto a uma dessas soleiras.

Sobre a sua manga pousou-se uma leve mão, coberta de anéis vistosos, e os olhos do caminhar baixaram sobre o lindo rosto pintado de Ignez, a dançarina do "Palacio da Sorte", que lhe dera o seu macaco para que elle olhasse por elle. Os seus olhos eram também como agua azul, mas a agua era turva, e della podia beber quem quizesse. Ignez brindou-o com um sorriso, num assomo de faccricice, e J. B. observou um brilhante, encastado num dos seus dentes fronteiros. — Como está Jokko? — perguntou; e logo depois: — Ah, que bondade a sua, hontem!

Era patente que ella interpretava-lhe a bondade do unico modo por que a sabia interpretar. A flor rubra da bocca affeccionou-se para o beijo, mas J. B. franziu a testa, severo, e fugiu a pequenina mão cariciosa, com uma resposta laconica. E a mão da rapariga resvalou-lhe do braço, apagado o brilho fugaz de todas as pedras falsas que lhe estrellavam os dedos. — Era meu amigo, Jokko, — disse lugubrememente, voltando-se, — o unico amigo que jámais tive, creio eu!

O homem nada accrescentou quando a viu caminhar, a passos inconscientes, para o "Palacio da Sorte". Como aquecer as mãos ao lume illusorio de um fogo fatuo!

Ao extremo da rua, junto ao pequeno barracão que adquirira com o producto da venda dos seus cavallos e do seu caminhar, Hi Morton trabalhava na construção da casa de Deus que imaginara, com a incansavel energia de um fanático. Era um homem franzino, cuja estrutura alterada por um desastre antigo, parecia também esgotada pelas devastações da culposa vida de outr'ora. Sem embargo, os seus olhos claros brilhavam com o fogo fantástico de uma fé quasi grande demais para o seu corpo rachitico. Ao ver J. B., pousou o martello e veio para elle agitando no ar um dos seus braços esqueléticos.

— Ah, irmão! — disse fervorosamente. — Quanto tenho rezado para que enxergues a luz! Juntos, quanto não poderíamos fazer por Deus, aqui em Tumble Bluffs, onde são tantos os impios! Guerreiam-me a cada passo! Ninguém me ajuda a construir a minha igreja, e não tenho dinheiro nem para taboas, nem para pregos! Mas Deus me ha de mostrar o caminho! O senhor é porém bem diferente dos outros: vamos, ajoelhe-se, e confesse os seus peccados, e entregue-se nas mãos de Deus!

J. B. rio disfarçadamente. Sentia ante aquelle homem, ao dominar de toda a sua esplendida altura aquelle rosto pallido, trabalhado pela molestia, em que só os olhos brilhavam ingenuamente accezos, o desprezo do homem forte pelo fraco. Que homem aquelle para uma mulher como ella!

E os seus labios desfranziram-se para responder brutalmente:

— Não faço fé com Deus, meu amigo. Tenho passado sem elle até hoje e creio que, já agora, irei sem elle até ao fim da viagem!

Hi Morton alçou um punho grotesco e deixou-o cair contra o outro, devagar, exclamando:

— Descrente! Atheu!

— Não sei o que isso seja! Por força alguma praga nova que eu desconheço! — disse o inalteravel J. B. A despeito das suas palavras, sentia entretanto por aquelle pregociro do Evangelho um respeito que jámais sentira até aquil. E esse respeito, por algum mysterioso processo, parecia varrer os seus ultimos escrupulos em relação ao que assentara fazer. Antes tinha a impressão de que arrebatara a essa miseravel creatura a sua esposa e companheira, seria o mesmo que roubar a uma creança. Agora, os dois eram mais iguaes.

J. B. assentou os seus planos lentamente. Não havia necessidade de ter pressa. Essa necessidade elle só a verificaria se pudessem ver o lume da cubica que havia nos olhos de Dandy Mc Gee quando pousavam na alta e airosa figura da esposa do pastor.

Suzanna Morton, mesmo antes do jogador lhe ter formulado o seu desejo em termos claros, quando ella lhe fôra pedir o seu auxilio para a construção da igreja, já sabia do perigo que corria.

— A minha bondade para com seu marido dependerá... dependerá apenas da bondade da senhora para commigo... — dissera Gila.

Suzanna não era uma creatura mundana, mas conhecia os homens, conhecia as feras brutas, e percebeu o desejo de fera bravia que afoqueava os olhos sanguineos com que Mc Gee a devorava. Recuou, pois sem receio, mas com uma certa impressão de nojo, ante as brancas mãos polpudas do jogador. Animado pelo seu silencio, Mc Gee proseguiu:

— Uma mulher como a senhora não pode amar uma traça de Biblia, acorundada, doente, como aquella!

Então a colera explodiu nella, precipitada e ardente:

— Elle veio a vós, offerecendo-vos o Pão da Vida, e vós o apedrejaes. Receiaes a igreja que elle vai construir, e julgaes-nos fracos e desprotegidos. Mas enganastes-vos! Temos Alguem por nós que não permitirá que se nos faça mal! E mesmo sem pregos, mesmo sem taboas, mesmo sem trabalhadores, a igreja será construída, — ficae certos!

Cerrou a porta atraz de si e partiu. Dandy Mc Gee morden os labios e sorriu com um sorriso máo. Segundo o seu credo, qualquer mulher podia ser conquistada. E que não fosse de um modo, sel-o-ia do outro. E elle conhecia o outro...

Conheceu-o também duas noites depois Suzanna, quando com o coração a palpar de receios, attentou nos olhos veiaados de sangue do jogador, alvoroçados de triumpho, e quasi junto do rosto, sentiu-lhe o hato quente e repulsivo.

— Se esse pessoal soufresse que este Hi-Morton que agora quer ensinar-nos a pôr as mãos, é o mesmo que, ha alguns annos, ordenava as pessoas que alçassem as mãos ao alto, de outro modo; se elles soubessem que elle começou a vida sob o nome de Hi Bradley, e a mascara que costumava afivelar ao rosto quando assaltava as diligencias, — que boa cama não lhe fariam! Eram capazes de o fazer sahir daqui debaixo de chicote, com um trilha amarrado á perna!

Suzanna sorriu, paciente:

— Se o fizerem sahir daqui, irei com elle, — disse, de cabeça bem alta. Dandy Mc Gee sentiu-se burlado, vencido, subjugado. Mas porque sentir-se assim? Pois não era noite? Não estava elle a sós, ali, com ella, enquanto o maluco do marido lá andava a pregar e repregar as taboas da igreja do seu sonho, á luz de uma lanterna? E não era elle mais forte e possante do que ella?

— Não os impedis: eu — disse em voz lugubre Mc Gee — e eram até capazes de o enforcar!

— Pois então pedir-lhes-ei que me enforcuem também, disse Suzanna com firmeza. A lealdade dos seus olhos era como

(Termina no fim da revista)



Aquella não passa de um cão ruivo.

O pequeno lord Fauntleroy

(THE LITTLE LORD FAUNTLEROY)

Film da United Artists — Produção de 1922

DISTRIBUIÇÃO

Mrs. Errol). . . .	MARY PICKFORD
Cedric). . . .	Colin Kenny
Bevis Errol. . . .	CLAUDE GILLINWATER
O conde Dorincourt. . . .	Joseph J. Dowling
Hawisham	Kate Price
Mrs. Mc Ginty	Frederico Malatesta
Dick, o engraxate	James A. Marcus
Hobbs, o merceeiro	Rose Dione
Minna	Frances Marion
O falso lordzinho	Emett King

OPINIÕES DA CRÍTICA

Mary Pickford attinge o pináculo da sua carreira. Este film é perfeito em tudo.
Moving Picture World.

A produção ideal de Mary Pickford — um presente regio para a legião de seus admiradores.
Motion Picture News.

É um film para crianças de todas as idades, dos sete aos setenta annos: Anima-o um sopro de mocidade jovial...
Exhibitor's Herald.

Esplendido film, quer tecnicamente quer artisticamente considerado. Um dos maiores successos cinematographicos de todos os tempos.
Exhibitor's Trade Review.

Porque será que a tristeza da vida, de si tão curta e sempre a nos mostrar os seus lados asperos, os homens ainda por cima buscam augmental-a juntando-lhe os horrores da inimizade e os odios de familia?

O velho conde de Dorincourt, um dos maiores e mais ricos fidalgos ingleses, teria algum dia feito a si proprio essa pergunta?

Seja como for, para resolver-a elle não tivera a coragem de dominar o seu orgulho e de perdoar a seu filho predilecto, Cedric Errol, o casamento desigual que elle contrahira com uma americana. Prohibira-lhe voltar ao castello de Dorincourt e ficara sózinho com seu filho Bevis, pouco dado ás expansões ternas e muito ás alcoholicas, no immenso senhorio da familia.

Enquanto isso em New York vivia a encantadora Mrs. Errol, viuva de Cedric, pouco depois de sua chegada á America, arrebatado pela morte em poucos dias. O pequeno Cedric, filho unico daquelle malfadado matrimonio creava-se ao seu lado, não conhecendo da vida senão aquella existencia modesta que partilhara com a mãe, mas apesar disso sentindo-se perfeitamente feliz.

New York não era por aquelle tempo essa formidavel metropole cheia de arranha-céus que hoje é; parecia-se antes com uma dessas novas cidade, do Oeste. Viviam-se em familia; as crianças eram como que reis. O dominio do pequeno Cedric era a rua em que morava...

Um dia alguns garotos fizeram caçoada dos lindos cachos do seu cabello dourado em que, ternas e amorosas, as mãos maternias mergulhavam todos os dias, arranjando-os, penteando-os com enlevo e orgulho;

Cedric atirava-se contra elles e voltara para casa com a roupa em farrapos, os cabellos em desordem, o rosto inflammado por subita resolução para declarar á mãe que não queria mais cabelos compridos, que os fizesse cortar.

Mas Mrs. Errol levou-o ao quarto, e tomando de um cofrezinho em que guardava as suas mais caras recordações dos dias felizes, mostrou-lhe uma photographia:

— Olha, filhinho, aqui tens o retrato de teu pae com tua idade. Vês? Elle tinha os cabellos annellados como os teus. Que pezar não me farias meu filho, se cortasses teus cabellos!...

E logo Cedric, levantando a cabeça orgulhosamente, bateu o pé decidido:

— Pois se o papae tinha os cabellos annellados assim, eu tambem quero ficar com os meus.

Cedric não sabia entretanto quem eram seu pae nem seu avô; sua mãe nunca lhe havia falado nesse assumpto; seu filho era pobre e ella tinha buscado afastar delle todas as idéas de grandezza. Em suas longas palestras com o seu velho amigo Hobbs, negociante e inimigo dos aristocratas, Cedric fazia côro com as objurgatorias do velho com a maior sinceridade.

— E' mister que a gente se orgulhe de ser americano, dizia o velho; os condes, os lords, os fidalgos da velha Europa são uma sucia de bandidos que por dez reis de mel coado faziam cortar a cabeça da gente honrada... eram uns grandes tyrannos!...

— E o que faria você, seu Hobbs, se um conde entrasse no seu armazem?

— Eu?

O velho Hobbs empertigava a sua estatura, os tres ultimos pellos da sua vasta calva reluzente arrepiavam-se e elle com os olhos enfurecidos protestava:

— Atirava-o á rua com um pontapé num fogar que eu bem sei...

E a ferocidade subita do pacifico negociante punha Cedric pensativo.

Ora aconteceu um dia aquillo que havia de acontecer. Bevis, o beberão morreu de uma queda de cavallo e o conde de Dorincourt ficou sem herdeiro ou para melhor dizer o herdeiro ficou sendo aquella criança de que o conde nunca quizera ouvir falar.

— Hawisham — disse elle ao seu procurador, posto que elle seja um americanozinho muito mal educado, vá procural-o. Trate de encontral-o onde elle estiver. Procurarei dar-lhe uma educação condigna com a sua posição.

Eis porque algumas semanas decorridas Hawisham chegava a New York em busca do herdeiro do nobre conde de Dorincourt, do pequeno Lord Fauntleroy.

Justamente estava Cedric de prosa com uma de suas boas amigas Mrs. Mc Ginty, vendedora de maçãs que se queixava sempre de ter os pés gelados. Cedric consolava-a dizendo que quando fosse presidente

dos Estados Unidos elle lhe daria um aquecedor confortavel. Depois passou a falar a Dick, o engraxate a quem um proprietario deshumano havia posto os trastes na rua, por atrasos de pagamento. E Cedric teve de prometter-lhe tambem hospedagem na Casa Branca quando fosse presidente...

Hawisham encontrou pois a joven mãe sozinha, entregue aos seus affazeres domesticos que ella buscou dissimular mal mal, porque se então não havia crise de criados, nem por isso Mrs. Errol tinha qualquer cousa que com isso se parecesse.

A noticia que a tantas outras mães encheria de alegria pareceu interessal-a mediocrementemente.

— O conde ama'diçou injustamente meu marido, disse ella; assim não lhe entregarei meu filho.

— Mas pense bem, senhora, olhe que é o futuro do seu filho; Lord Fauntleroy deve receber uma educação propria de sua elevada posição.

Mrs. Errol suspirava, buscando uma resposta esmagadora, quando um cheiro caracteristico filtrou atravez da porta da cozinha: era o assado que se queimava.

Teve de se precipitar para pôr termo á catastrophe.

Hawisham não ficou sozinho por muito tempo. A porta de entrada abriu-se e Cedric plantou-se defronte da visita.

Esta exclamou jubilosa:

— Ora aqui temos o pequeno Lord Fauntleroy.

— Perdão, o Sr. se engana, eu me chamo Cedric Errol, corrigiu o pequeno.

O velho sorriu.

— Esse era o seu nome até pouco tempo. Agora chama-se Lord Fauntleroy.

Cedric reflectiu por instantes; sentou-se e com as pernas a balançar pronunciou com gravidade:

— Compreendo perfeitamente o que me



Hawisham encontrou a joven mãe sozinha.

dia, mas fique sabendo que não quero ser um lord.

E sussurrou aos ouvidos do velho procurador já conquistado pela graça infantil irradante do pequeno:

— O Sr. Hobbs diz que eles mandam cortar a cabeça dos desprotegidos...

Hawisham deu uma gargalhada e tratou de convencer Cedric do exagero das palavras do negociante. O menino escutou-o com atenção.

— Eu ia ser o presidente dos Estados Unidos, declarou depois de um momento de reflexão, mas talvez fosse coisa divertida ser lord, contanto que a mamãe fosse comigo...

Hawisham illudiu a questão com prudência e tirou do bolso um maço de notas do banco.

— Agora que é rico, Lord Fauntleroy, passo-lhe às mãos esse dinheiro que é seu, para as despesas da viagem; pode entregá-lo à sua mãezinha.

Essa estrara sem fazer barulho e os seus olhos encheram-se de lágrimas. Era aquele maldito dinheiro que ia arrebatá-lo o filho...

Cedric porém de nada se espantara.

— Vou comprar um aquecedor para os pés de Mrs. Me Genty e pagar o quarto de Dick... quanto a Hobbs...

Mamãe interrompeu:

— O dinheiro nos torna egoístas muito rapidamente. Contanto que não lhe reseque o coração...

Continuou a conversar com o procurador do velho fidalgo.

Cedric aproveitando-se da pouca atenção que lhe prestavam esgueirou-se furtivamente e a correr foi dar parte a Mr. Hobbs do que lhe acontecia. Ao transpor a porta porém veio-lhe ao espírito a lembrança das declarações anteriores do negociante. E não é que ele agora era um dos tais aristocratas a quem com tanto rancor se referia o honrado merceiro! Como seria recebido? Hesitou, voltou sobre os passos, tornou a subir a escada, desceu de novo... mas com subita resolução atirou-se afinal dentro do armazem. Mr. Hobbs, gordo e reluzente despedia-se de um freguês. Cedric sentou-se sobre uma caixa de assucar e sem dizer palavra começou a lançar sobre o merceiro uns olhares cheios de aflicção.



Visitava a mãe frequentemente.

— Meu Deus, disse Hobbs alarmado, você está doente, Cedric?

Cedric tomou um ar absolutamente solenne e recuperou o uso da palavra:

— Sr. Hobbs tenho uma pergunta a fazer-lhe mas quero que me responda com toda a franqueza.

— Fala, pequeno.

— O que foi que o Sr. disse que faria a um conde se ele entrasse na sua loja?

O outro inflamou-se logo:

— Sei bem onde lhe assentaria o bico da minha botina.

Cedric cheio de heroísmo levantou-se e voltando as costas disse-lhe:

— Então faça.

— O que é isso, pequeno? levanta-te! Então!

E agarrando Cedric pelos ombros obrigou-o a sentar-se de novo sobre a caixa.

— Bem que eu desejava isso, Sr. Hobbs, mas olhe que quem está sentado nesta caixa é um lord.

E como o outro revirasse os olhos espantado a imaginar que o pequeno estivesse maluco, disse:

— Nenhum de nós está doido, Sr. Hobbs. Bem que eu desejava ser presidente dos Estados Unidos; mas é preciso que eu seja lord.

E contou-lhe toda a historia, ao passo que o negociante o escutava com os olhos cheios de lágrimas. O romance de Cedric circulou logo por todo o quarteirão e Cedric teve de repetir os pormenores um cento de vezes. Entretanto a mãe fazia os preparativos para a viagem. Chegou a hora da partida. Os melhores amigos um dia se separaram. Cedric conheceu a tristeza das despedidas. E um dia...

Chegando à velha Inglaterra partiram para o senhorio de Dorincourt. Mrs. Errol sentia-se cada vez mais angustiada pensando no acolhimento que lhe faria o velho aristocrata. Não teve essa desillusão, mas uma outra mais dolorosa ainda. Aberta a porta do parque o carro avançou até ao lindo pavilhão. Hawisham teve de confessar então:

— E' aqui, minha senhora, que passará a viver. Quanto a Lord Fauntleroy irá viver no castello com seu avô.

A pobre Mrs. Errol teve de fazer apello a toda a sua coragem para resistir àquella golpe; era porém tarde de mais para discutir e como em todas as circunstancias de sua vida o seu generoso coração era quem dava a ultima palavra, abraçou o filho, dizendo-lhe:

— Meu amorzinho, viveremos um pouco distantes um do outro; entretanto o que me consola é ir viver ao pé de teu avô que será bom para ti. E' mister que gostes d'ele, Cedric.

Cedric partiu, occultando suas lágrimas, com Hawisham. E por varios kilometros, a esplendida equipagem rolou por terras do vasto dominio senhorial do Dorincourt. Quando Cedric viu o castello, contentou-se em reflectir:

— No fundo, o que acho exquisito, é ficar a casa tão longe do portão!

Examinou tudo com attenção; as torres ameadas, o vasto vestibulo cheio de



Os amigos de além-Oceano.

(Continua no fim da revista)

Dever de gratidão

(THE WOMAN NGIVES)

Film do First National — Produção de 1920

DISTRIBUIÇÃO

Inga Sonderson . . .	NORMA TALMADGE
Daniel Garford . . .	JOHN HALLIDAY
Terry Castello . . .	Edmund Lowe
Mrs. Garford . . .	Lucille Lee Stewart
Cornelius . . .	John Smiley
Bowdon . . .	Edward Keeper

OPINIÕES DA CRÍTICA

O facto de ser interpretado este film por uma das celebridades da tela, auxiliada por artistas escolhidos, faz com que elle se torne uma real attracção.

Moving Picture World.

Melodrama muito bem feito este ultimo film de Norma.

Motion Picture News.

Indubitavelmente este film se fará popular pelo excellente desempenho de todos os papeis.

Exhibitor's Trade Review.

E' por meio de films como este que Norma Talmadge se tornou em pouco tempo uma das mais queridas estrellas do cinema.

Exhibitor's Herald.

— E por que fizeste tudo isto?

O homem apanhou sobre a mesa os cigarros e lançou a pergunta, quasi com veneno.

Da sua cadeira baixa, junto á janella, Inga sorriu com meiguice.

— Por gratidão, — respondeu.

— Pois tens um modo de a demonstrar bem extranho, bem desnecessario, direi mesmo!...

Não se alterou a serena expressão do rosto de Inga.

— Tenho pena que o senhor assim pense, — disse. — O modo de que me valti talvez não fosse o mais proprio, mas fiz o que na occasião me pareceu melhor. Eu tinha que resolver promptamente. Quanto á desnecessidade, creio bem que não penso como o senhor...

— Ah, sim? E quaes foram as tuas razões?

— O senhor bem as conhece, Sr. Garford.

— Mas quero ouvil-as de novo!

E a sua voz assumiu um tom de escarneo, como se elle anticipadamente desse ao desprezo quaesquer razões que ella lhe pudesse apresentar.

Inga sorriu ao mesmo tempo com os olhos e com os labios. Para ella, Garford era uma creança machucada, uma creança doente, e como tal cumpria satisfazer-lhe os minimos caprichos. Ella o estava tratando ali, em sua casa, e devia pois satisfazer os seus desejos, mesmo a titulo de dever de hospitalidade.

— O senhor tem pouco por norma gostar que se lhe repitam as cousas, — accentuou, — que se lhe repita cousa nenhuma... mas eu nunca me cansarei de repetir tudo isto... tudo isto que o senhor fez por mim. Foi dali que me veio a sympathia que hoje sinto por todos os homens... Foi isso que me inaufflou de novo a fé

quando eu estava prestes a perdê-la... Foi isso que me deu a doce força... de amar...

— Como amas Terry Castello? — fez Garford, interrompendo-a bruscamente. Avivaram-se os olhos de Inga.

— Sim, como amo Terry Castello. Decerto, — confirmou. — Mas isso me faria perder o fio do que lhe ia dizendo. Olhe: lembre-se? Eu vim a si, ha tres annos, um simp'es modelo, sem grande sympathia, sem confiança, sem grande fé, nem em mim mesmo, nem em ninguém. Vinha... vinha até faminta, apprehensiva, assustada! O senhor era rico, cheio de glorias, occupado, occupado em extremo... Entretanto não se importou de deixar tantas vezes o seu trabalho, — tantas! — para me ensinar um sem numero de cousas que eu não sabia... E apresentou-me a todos os seus amigos, com uma palavrinha de recommendação, de elogio a meu respeito... Teve tempo ainda de interromper o trabalho que estava fazendo e de concluir esse meu retrato que me fez celebre: o meu retrato, vestida de freira.

— Retrato que me fez celebre, tambem a mim... incidentemente! — interrompeu Garford, com secura.

Inga abanou com a cabeça, a protestar.

— O senhor já era celebre, meu amigo, e o beneficio foi todo meu! Graças a esse retrato, fiz-me conhecida, ganhei meios de fazer dinheiro, de me fazer. Depois disso, foram os seus auxilios pecuniaros que me permittiram fazer o meu curso...

— Auxilios esses de que tu me embolsaste, que tu fizeste questão de me pagar... até o ultimo centil.

— Mas o que nunca poderei pagar, é a espontaneidade, a bondade de tudo isso! — disse a rapariga, com os olhos banhados de lagrimas, pela recordação do passado. — Depois, por fim, o contracto com a revista, que o senhor me arranjou, e eis-me

de repente uma illustradora em voga, cheia de glorias... e cheia de gratidão!

— Entretanto... a noite passada... — disse Garford — por pouco não atiraste tudo isso ás ortigas para soccorreres um homem que fôra á tua casa bebado a ca-hir, que te insultou pela sua presença... por pouco não malbarataste o respeito da sociedade eminentemente respeitavel que ti rodeava... por pouco não semeaste a desconfiança no coração do homem que amas... E tudo isso... tudo isso... só por gratidão?

— Decerto, — affirmou Inga. Por de parte o esboço que estivera fazendo, e dirigiu-se ao divan em que elle passara a noite. Outr'ora ella não se atreveria a falar-lhe assim, a ferir-o assim no seu amor proprio. Mas esse, não existia mais: jazia despedaçado aos pés delle. Por certo alguma cousa ferira Garford cruelmente. Saltava aos olhos: aquelle escarneo... aquelle rictus sardonico... aquelle embriaguez da noite passada... aquelle arcabouço gasto... aquelles olhos sem luz — porventura não proclamava tudo? Quem lhe fizera tudo isso?

Perguntou-lh'o, aifagando-lhe a fronte com a ponta dos seus dedos macios. Durante longo tempo, houve um silencio. Inga sentia-o a batalhar com a reserva de que usara até aqui, como de uma parede, uma barreira, levantada entre elle e o seu pudor de homem. Depois, Garford, começou a falar lançando as palavras aos sacões, des-tacadamente, fragmentariamente.

— Sabes que fui casado... — começou como se se accusasse — Casado e loucamente apaixonado... loucamente apaixonado por minha mulher. Extranho, não é verdade? E o ciume que eu tinha della!... Odiava os olhos dos outros homens quando se pousavam nella; as mãos dos outros homens, se lhe tocavam; os pensamentos dos outros homens, se convergiam para ella. Sentia que se um dia visse outro homem beijal-a, enlouqueceria... ou morreria decerto. Todas as noites, antes de me deitar, pedia a Deus que me poupasse tão intoleravel provação. Mas Deus... mas Deus não quiz. Uma noite regressi do "atelier" á casa, extraordinariamente contente. Ella tinha sido affectuosa para commigo de manhã, e era a vespera do nosso anniversa-



Na casa de opio.

rio de casamento. Não me falara nisto de manhã, e eu imaginava que ella guardara silencio porque pensava que eu não me lembrava, e não queria talvez parecer indelicada. Mas era ella que tinha esquecido. Ao voltar á casa, essa noite, comprei rosas de noivado, grandes brachadas de rosas. Queria encher-lhe o quarto dellas, pol-as sobre a nossa mesa, vel-as no seu seio. Em caminho, fui cantando trechos de canções conhecidas. O que mais repeti, creio que foi o "refrain" de uma canção que tu tinhas cantado naquella dia em que me viste falar, á tarde. A tua visita daquelle dia, tenho-a bem presente... ainda. Extra-nho também, não achas? Pois bem: cheguei finalmente á casa, mais cedo do que de costume, consequências da minha anci-dade de vel-a. Entrei devagarinho, no intui-to de lhe causar surpresa. E surpreendi-a de facto: estava nos braços de outro ho-mem qualquer que eu mal conhecia. Era o seu amante e ella prodigalisava-lhe os mes-mos carinhos que já me dispensara a mim. O tom de sua voz era o mesmo; o en-leio dos seus braços tinha a mesma mei-guice; a luz que lhe illuminava o rosto era a mesma luz que, a mim, me havia refeito o mundo. Pensei nessa hora no titulo "Aurora Falsa"...

Supponho que perdi a cabeça, supponho que me deixei arrastar a um desvario de louco. O que sei, de certo, é que me puz a gritar, que despedacei cousas que me vie-

ram ás mãos. Sei que vi tudo negro, tudo rubro, e que por entre o redemoinho das cores assassinas que me velavam a vista, percebi o seu rosto branco e desdenhoso. Senti-lhe esse desdém, senti claramente, em meio á minha colera, que ella não me ama-va, nunca me tinha amado, nunca me havia de amar! Senti também que ella não ama-va esse homem que eu vi sobre o seu re-gaço, nem amaria nunca homem algum. E este pensamento, cousa singular, era o mais torturante de quantos me assaltavam. Suprema futilidade! Disse-lhe que nunca mais a tornaria a ver, e de facto — a voz apagou-se-lhe, sumiu-se-lhe na garganta — e de facto nunca mais a vi!...

Os dedos de Inga, tensos durante o tem-po que elle falara, voltaram a affagar de-licadamente a fronte de Garford. Por al-gum tempo ella conservou-se calada, mas depois, com muita calma ponderou:

— O senhor não se deve deixar excitar, sob pretexto algum, meu caro amigo. Assim o recommendou o medico terminante-mente. Foi por isso que o conservei aqui. E o senhor, por enquanto, ainda não está restabelecido.

Garford levantou-se e accendeu outro ci-garro.

— Tu falas bem, — disse o artista quasi rythmando as syllabas — Falas bem... sempre falaste bem. Mas és uma mulher... e não é preciso dizer mais. Na mulher, não ha gratidão, não ha gratidão, que eu

bem sei. De todo o modo, muito, muito agradecido por tudo quanto fizeste.

E Garford desapareceu.

Tarde, naquella noite, Terry e Inga, de- pois do trabalho, ficaram longo tempo a contemplar as curiosas formas e desenhos que a sombra punha em torno da immobi-lidade expectante, da paciencia quasi con-sciente, da cidade. Eram ambos de pouco falar pois, identificados pelo seu trabalho de illustradores, como pelo profundo amor que os unia, quasi sempre, tinham mais o que dizer do que tempo em que o dissessem. Mas nessa noite tinham tido uma longa conversação, a principio amarga de parte de Terry, mas finalmente conciliadora, con-corde, por parte dos dois.

Tudo veio de um erro de apreciação meu, Inga, — dissera o mancebo — Calumnies-te, se assim o posso dizer, pois não me acudiu como devera, conhecendo-te, que uma mulher podia ser tão corajosamente audaciosa, tão corajosamente meiga para com um homem a quem a ligava apenas gratidão. Eu pensava que as mulheres... que as mulheres só faziam cousas assim... por amor!

— Num certo sentido é por amor que as mulheres fazem cousas assim: por amor de toda a humanidade, por um amor ma-ternal a todos os homens que sempre de-riva do amor de cada uma dellas por um homem unico. Eu não podia fazer o que fiz, mesmo com os motivos que tinha, se não fosse o meu amor... por ti!

— Amas-me então de verdade, Inga?

A rapariga não lhe respondeu, mas o sorriso que ali no segredo da sombra, lhe aflorou aos labios, era resposta sufficien-te. Passado algum tempo ella disse:

— Eu posso conferir uma generosa sym-pathia a todos os homens, mas o meu amor, só o posso dar a um. E' esse o meu ca-racter: extremada e decidida em tudo.

No dia seguinte ao de sua conversa com Terry, Inga foi procurar a esposa de Gar-ford que ainda vivia na casa um tanto sum-ptuosa que os dois haviam habitado duran-te o pouco tempo da sua vida em com-mum. Era de facto sumptuosa, reflectiu Inga, aguardando demasiado tempo que a senhora Garford a recebesse. Mas como essa sumptuosidade devia chocar-o! Inga conhecia-lhe a sensibilidade delicada, a sua reacção quasi dolorosamente autoritaria contra as cores e formas, e maravilhava-se de como elle pudera supportar a anarchia daquella associação de cores, a desordem tumultuosa com que se agrupavam as cou-sas naquella interior. Não era nada para elle ou melhor era tudo quanto havia de mais antagonico com a sua pessoa. Como elle devia ter soffrido ali dentro, e soffrido sub-conscientemente, — a forma de soffri-mento mais agudo que se conhece!

Quando a Sra. Garford penetrou final-mente na sala, Inga teve a mesma curiosa impressão que a casa lhe causara... Ha-via nella excesso de cor e as cousas re-uniam-se na sua pessoa, de um modo desen-trado, positivamente absurdo. E de novo Inga sentiu que por causa della, a despeito do amor que fervorosamente imaginara por ella, Garford devia ter soffrido, e soffrido horivelmente. Fora aquella casa the-atro de um vandalismo sem nome, pensa-va Inga. Por mais que elle se houvesse considerado ferido, pensara-o decerto mais do que o sentira. Ao demais, Inga sabia que um homem do typo esthetico de Gar-



"THE WOMEN GIVES"

O contrario do mal

(JUST AROUND THE CORNER)

Film Cosmopolitan — Paramount — Producção de 1922

DISTRIBUIÇÃO

Mamãe Birsdong.....	MARGARET SEDDON.
Jimmy Birsdong.....	LEWIS SERGENT.
Essie Birsdong.....	SIGRID HOLMQUIST.
Joe Uhlman.....	Edward Phillips.
O desconhecido.....	Frederick C. Thompson.
Lulu Pope.....	Peggy Parr.
A Sra. Finschreiber.....	Mme. Rosa Roseva.
O Sr. Blatsky.....	William Nailly.

OPINIÕES DA CRÍTICA

Drama de entrecosto humano, estudo muito bem feito da vida familiar no Leste.

Moving Picture World

Mixto de humor e interesse sentimental.

Exhibitor's Trade Review

Estudo de amor materno, novella de Fannie Hurst, direcção de Frances Marion.

Film Daily

Historia intensamente emocionante.

Motion Picture News

Outro film em torno do sentimento maternal. Não é tão bom como "Humoresque"; melhor entretanto, do que muitos outros feitos sobre esse assumpto.

Exhibitor's Herald

A despeito do abatimento do seu espirito, do cansaço corporal com que acolhia cada novo dia; a despeito d'aquelle coraçãõ doente que, ao menor esforço a deixava arquejante e livida, Mamãe Birsdong tinha duas boas razões para se apegar à vida. E essas duas razões eram nada menos que seus filhos, Essie e Jimmy. Desde que o pae morrera, Jimmy tomara sobre si a responsabilidade da pequenina casa, e procurava proteger sua mãe contra as mil apprehensões d'aquelles que vivem na pobreza, ao mesmo tempo buscando evitar que Essie, um pouco mais velha do que elle, incorresse nos mesmos erros de que elle accusava as amiguinhas de sua irmã. Certo era que o dinheiro que elle ganhava como estafeta não chegava para prover de grandes luxos o lar da familia, mas mesmo assim, sempre que alguma gorgeta eventual não era essencial ao pagamento das contas da semana, ella seguia invariavelmente para a loja do florista, a troco de uma bonita rosa, destinada à mãezinha. O clarão de alegria que afogueava as faces descarnadas da velhinha, ao acceitar a singela offerenda do rapaz, era para Jimmy ampla recompensa da noite de cinema que elle assim de bom coração sacrificava.

O futuro do rapaz não era cousa de preocupações para a Mãe Birsdong, mas a idéa de Essie — bonita, jovial, amante das coisas finas como era — privada da refreio da influencia materna, era para ella motivo de muitas e muitas horas de ansiedade. Agora mesmo, a vivacidade da rapariga, aquelle "que" que a diferenciava de todas as outras que naquella loja do andar terreo se consumiam, como ella, a fazer flores para os chapéus das senhoras que moravam n'aquellas casas de esquina, eternamente fechadas, agora mesmo, esse não sei que havia chamado sobre Essie as atenções do chefe da officina. Uma noite, ao

passar à porta da officina, caminho de casa, Jimmy não a encontrou alli à sua espera, como de costume.

— Onde está minha irmã? — perguntou a uma das mulheres que, apressadamente, se retiravam.

— O chefe mandou-a chamar. — disse por sobre o hombro a interrogada, sem se deter em seu caminho.

Jimmy encostou-se à hobreira da porta e esperou por alguns minutos. Depois, porém, mais pela lembrança da mãe que tinha o jantar quente à espera d'elles, do que porque lhe inspirasse qualquer temor a segurança da irmã, desceu os degraus, e abriu a porta da officina. Ainda antes que os seus olhos tivessem tempo de se habituarem sufficientemente à luz velada do interior para poderem distinguir as figuras, chegou-lhe aos ouvidos, n'um quebrado soluço, a voz de Essie, a suplicar a alguém que a deixasse ir. Um segundo depois, já a moça, aterrada e tremula, estava a seu lado, pedindo protecção.

— Mas que atrevimento é este seu, de conservar minha irmã aqui dentro, depois das horas do trabalho? — perguntou Jimmy ao individuo que agora apparecia nitidamente, á claridade que jorrava pela porta aberta.

— Olha, garoto, vá-te embora e não te mettas na minha vida, senão... — disse o mestre, acenando um gesto de aggressão.

Jimmy não se teria importado de se oppor ao seductor no terreno que a este melhor aprouvera, mas afinal Jimmy era apenas um garoto e a sua melhor segurança consistia em retirar-se com a irmã.

— Mas, Jimmy, olha que eu tenho dois dias de trabalho a receber, — lembrou a moça, depois que Jimmy a levou, de roldão, até ao alto da escada.

— Deixa estar que eu me encarrego de os cobrar! Pensas acaso que eu tenho medo d'elle? — disse para tranquilisar a irmã. Um olhar, lançado porém á officina sombria, fel-o mudar de resolução.

— Está bem. Não te apoquentes, maninha, — disse a confortar-a. — Conto que hei-de ter algumas gorgetas gordas esta semana. Uma cousa dará para a outra... E mamãe nem precisa saber...

N'essa mesma noite, Lulu Pope, uma nova amiga de Essie, uma d'aquellas raparigas que todas as mães receiam, appareceu em casa dos Birsdong para se alliviar da grande noticia:

— Sabes, Essie? — começou depois de se ver a sós com a irmã de Jimmy, no quarto d'esta. — Arranjei-te um emprego de primeira, um emprego que não tem comparação com aquella pinoia da officina...

— Mas eu não estou mais lá; despedi-me esta noite, — disse Essie.

— Pois melhor, — retorquiu a amiga — ao menos, assim, estamos livres de que a tua familia levante qualquer objecção. Não vês que uma das raparigas lá do theatro fugiu de casa a noite passada para se casar, e eu pedi ao chefe que te cedesse o logar d'ella...

— Pois se é aquella pequena que estava a fallar contigo ante-hontem, podes trazel-a. Boa pinta, ella tem!... disse-me o chefe.

— Então, sou ou não sua camarada de verdade? — proseguio — E isto é só metade: a outra metade lá vai agora!

Puxou do bolso uma photographia de um rapaz de pouco mais de vinte annos, com o cabello todo puxado para tráz, e uns olhos que pareciam proclamar: "Eu possuirei o mundo!" — o verdadeiro typo de um galanteador jovial.

— Papa fina, hein? Chama-se George Uhlman, e já lhe fallei muito de ti. Sómente, para te conservares num emprego d'es-



O bello Joe Uhlman, o querido das moças.

tes, precisas embonecar-te um pouco mais. As raparigas lá do theatro são todas "chics" como umas francezas! Mas não te de isso cuidado: o essencial não te falta; do que tu precisas, é só de um pouco de verniz, e isso fica por minha conta!...

N'um gesto rápido, Lulu apanhou os cabelos d'ouro que faziam uma moldura infantil ao rosto de Essie, puxou-lhes para traz, reunio-lhes n'um coque opulento, ao alto da cabeça.

— E agora vamos até ao Delles, — disse ageitando um caracol na testa de Essie, pondo-lhe dois outros, um de cada lado do rosto, sobre a orelha.

— Estás um verdadeiro lirio, — proseguio — mas isso de lírios, bem sabes, são flores que só tem grande extracção nas cereimonias funebres!... O que se querem, são rosas! — disse, com a sua grosseira philosophia, ao mesmo tempo que animava pelo "rouge" as faces de Essie e lhe carminava os labios. — Agora um pouco de "noir" nas sobrancelhas, e estás nova e linda! — concluiu manejando o lapis com vigor.

Effectivamente, a mãe Birsdong, quando viu a filha entrar na sala, um minuto depois, pensou que fosse outra rapariga. — Mas o — Mas, Essie... — que ella chegou a tentar, foi suffocado pela febril torrente de palavras que a filha pronunciava.

— Ah, mamãezinha! — exclamou Essie — Se soubesses que tétia de emprego Lulu me arranhou, no theatro onde ella trabalha! Começarei a trabalhar desde amanhã à noite. Vou ganhar oito dollars por semana, e ainda terei os dias livres para te ajudar, aqui em casa.

— Não queiras esse emprego! — aconselhou a mãe. — E' trabalho de noite, e tenho medo!

— Ah, mamãe! E' uma occasião como nunca mais me apparece! Por favor não m'a faças perder — supplicou Essie, já com as lagrimas a aflorar-lhe aos olhos.

— O que é isto, menina? — perguntou a Sra. Birsdong, tocando as faces e labios da moça, pintados de carmin.

— Foi Lulu que disse que é preciso, lá no theatro, embonecar-se um pouco, e que todas as moças que lá trabalham são "chics" como francezas!

— Ah, se vocês soubessem a raiva que

em tenho d'aquellas porteiras!... — disse Jimmy — Pretenciosas como só ellas!...

— Jimmy tem razão, minha filha, — confirmou a mãe. — Não é só o carmin: é aquillo que d'ahi te pode resultar!

— Ah! o mundo está cheio de ingratos! — commentou Lulu, retirando-se da sala.

Mas, mais tarde, Mãe Birsdong poz-se a reflectir. Quem sabia se não era ella que era antiquada e rotineira? Afinal que mal podiam fazer raparigas como Lulu? Alem d'isso, Essie precisava fazer carreira, e a officina não era precisamente lugar que conviesse a um temperamento nervoso e agitado como o della! De resto, se ella tinha que sujeitar-se a experimentar um novo modo de vida, arriscado embora, melhor era que o fizesse enquanto ella era viva e a podia amparar pelo seu conselho. E assim, finalmente, a Mãe Birsdong deu o seu consentimento, e Essie passou a ser uma das "ouvrees" do theatro Regent.

Joe Ullman teve occasião de verificar então que Lulu não pintara a sua amiga com cores por demais lisongeiras. Ao contrario, não lhe fizera a devida justiça. Era uma rapariga que qualquer rapaz se sentiria orgulhoso de levar a um baile, na sua companhia, e desvanecia-se por o haver Lulu escolhido para representar o papel do mortal feliz.

Quando Jimmy se propoz a ir buscá-la, cada noite, à sahida do theatro, topou com uma formal e vehemente recusa.

— Não é costume nenhuma das raparigas ser esperada pelo seu irmão, à sahida, — disse-lhe Essie — Todas ellas tem rapazes que são seus camaradas...

— E porque não hei-de ser eu o teu camarada? — perguntou Jimmy. — Acho que já tenho idade, não é verdade, mamãe? Ainda esta manhã me barbeei...

— Barbeaste o que, pequeno? As sobrancelhas?... — retorquiu a irmã — Não, tu ficas em casa, com mamãe. Um camarada de Lulu combinou esperar por mim, e trazer-me depois à casa.

Comquanto, em casa dos Birsdong, Joe Ullman fosse apenas um nome, era uma entidade real, muito real, para a linda Essie. Especulando nos bilhetes, cambista em grosso, ganhava nesse negocio mais do que nenhum rapaz dos que ella até então conhecera, e o que ganhava, gastava-o, o mais descuidosamente que era possível. No

caminho de casa, havia sempre uma pequena cea, o que demorava muito a chegada de Essie, na opinião dos dois que, olhos fi-tos no relógio, não os cerravam senão depois do seu regresso.

— Porque não trazes Joe cá a casa, alguma noite? — perguntou a Essie sua mãe, à segunda semana d'ella estar no emprego. — Prepararei uma boa cea, e tenho a certeza que lhe ha-de saber bem a nossa comida caseira!

Essie communicou o convite a Joe que o acceptou para a noite seguinte.

— Venham connigo esta noite ao Jardim das Papoulas, — tu e Joe, — disse Lulu, no momento em que as raparigas depois do espectáculo, despiam o uniforme. — Tem lá uma musica esplendida, e uns pratinhos... de tres assovios!

— Não, esta noite não, Joe vai com-migo para casa. Quero apresentá-lo a mamãe e Jimmy, que o não conhecem, — respondeu Essie.

— E agora vamos um pouco depressa, porque mamãe com certeza já tem tudo prompto e quentinho à nossa espera, — disse Essie, enfiando o seu braço no de Joe, à sahida do theatro.

— Não, temos que parar aqui primeiro, — disse-lhe Joe, entrando na porta de um restaurant proximo.

— Mas hoje, não temos tempo, Joe, — allegou Essie — Mamãe tem tudo prompto à nossa espera, e olha que ella é uma cozinheira como poucas!

— Mas Essie, por certo não queres que eu me apresente a tua mãe sem ter tomado a minha chicara de Java, — insistiu Joe. — Nervoso como estou, nem lhe saberia fallar!...

E a despeito do seu desejo de regressar à casa quanto antes, Essie consentiu em ser levada ao restaurant, onde o calor do ambiente, o resplandecer das luzes, a musica, e a presença de Joe, não tardaram em a fazer esquecer tudo o mais.

— Essie Birsdong, — que nomezinho exquisito, — observou Joe vendo as faces da rapariga avivarem-se e os seus olhos fulgurarem de animação.

— Mas algum dia terei que mudar de nome, não é verdade Joe? — perguntou, encostando-se muito a elle.

Joe não queria porém ser arrastado a nenhum compromisso sério.

— Olá, rapaz! — disse Joe ao chefe da orchestra — Chispa um bom "jazz"! Isso de valsas é por demais sentimental, para estas horas!...

— Dá um pulo lá acima, só para dar boas noites a mamãe e Jimmy, — insistiu Essie quando, duas horas depois, chegaram à porta de sua casa.

— Esta noite não, tétia! — replicou Joe. — Que idéa faria tua mãe de mim, se eu a fosse visitar a estas horas! Amanhã, amanhã à noite, sim?

— Sem falta, Joe? — perguntou Essie. — Sem falta! — repetio Joe, dando-lhe as boas noites.

— E Joe, onde está? — perguntou Jimmy, mal Essie assemou a porta da sala.

— Tem muita vergonha, e não quiz subir, mamãe, — respondeu Essie, sem fazer caso do irmão.

— Tem vergonha? Qual historia? Os homens d'aquella marca não sabem o que isso seja! — replicou Jimmy, com desprezo.

— Mas virá amanhã à noite, com certeza, — affirmou Essie.

Na noite seguinte, porém, Jimmy allegou um compromisso importante, de caracter commercial.

— Ficará para amanhã à noite, imprete-rivelmente — prometteu de novo — e leva-



Mamãe Birsdong e seus filhos.

remos á velha um d'aquelles pães recheados de ostras... Está combinado?

— Mas porque não sobes um minutinho só, esta noite? — supplicou Essie — Mãe com certeza ha-de extranhar...

— Não, hoje não é possível, juro-te. Este compromisso que tenho importa em dinheiro, e sabes bem que Joe tem que tratar de ganhar dinheiro. Senão, como ha-de elle poder fazer honra á sua bonequinha?

Na sombra da porta, cerrou a rapariga nos braços e beijou-lhe os lábios rubros. Esse beijo despertou dentro d'ella o que quer que foi que ella jamais sentira e que ainda se reflectia em seus olhos, quando ella abriu a porta do aposento que habitava a familia.

— Sempre o mesmo envergonhado, — disse, antes que a Sra. Birsdong a interrogasse. — Além do que, tem hoje uma entrevista commercial importante. Amanhã, porém, não deixará de estar aqui conosco!

— Dize-me uma coisa, — perguntou a Mãe Birsdong — Elle já alguma vez te falou em casamento?

— Não, ainda não, mamãe, — respondeu a moça.

— E tu consentes que elle te beije? — proseguio a Sra. Birsdong.

— E como é que tu sabes? — perguntou Essie, surpreendida demais para poder negar.

— O que é que as mães não sabem! — respondeu a velhinha. — Mas agora, has-de-me prometter, Essie, que não tornarás a deixar que elle te beije sem que elle te peça para seres sua mulher, sim?

Córando, Essie prometteu.

Na noite seguinte havia um concurso de dança, a que servia de premio um estojo de manicura.

— Ah, não podemos faltar, meu amor — disse Joe, ao sahir do theatro.

— Mas hoje, não — supplicou Essie: temos que ir para casa.

— Olha, sabes o que vamos fazer? Vamos entrar um momento, ganhámos o premio, e leval-o-hemos á velhinha de presente, — disse Joe.

— Mamãe parecia que ia ter uma das suas crises quando eu sahi de casa, — disse Essie mais tarde, no correr da noite. — Parece-me muito reprovavel que eu esteja aqui dansando, estando ella a passar mal.

— Vamos, vem d'ahi, boneca, e deixa-te de ser tola! — disse elle rindo, e arrastando-a a dansar mais um "fox-trot".

Entremettes, em casa, Mãe Birsdong, atravessava de facto mais uma de suas crises, uma crise causada pelas repetidas recusas que Joe oppuzera a ir a sua casa, com a filha.

— Ah, Jimmy, — disse quando as dores lhe permittiram finalmente fallar. — Sabes o que eu queria? Era ver o namorado de Essie. Vendo-o, eu logo saberia se as intenções d'elle são boas ou más!

— Ah, elle ha-de vir esta noite, — acudio o rapaz a confortar-a. — Tenho esse sentimento.

— Achas que elle quer bem a Essie, de verdade? — proseguio a pobre mãe.

— Creio que sim, — respondeu Jimmy. — Elle que não venha esta noite, para ver se eu não lhe arranco a cabeça!

— Acho que se elle não viesse esta noite, eu não resistiria, Jimmy! — murmurou a velhinha, voltando a encostar a cabeça ao travesseiro.

E Jimmy deu-lhe os remedios ás horas marcadas, contou-lhe as anedoctas mais engraçadas que sabia, cantou-lhe as suas mais alegres canções, pois sentia no coração uma omeação que jamais sentira, um nó na garganta que não lhe permittia engulir, e

no seu intimo parecia ouvir uma voz que, independente da sua vontade, murmurava:

— Deus bom! Não a deixes morrer! Não a deixes morrer!

Depois, Mãe Birsdong levantou a cabeça e ciciou ao ouvido de Jimmy, como se fosse uma reza:

— Deus permitta que Joe seja resistente e forte como era teu pae, como tu vaes ser também, Jimmy. Mas que é isso, Jimmy? Estás chorando? — perguntou ao sentir molhada uma das mãos que pousara no rosto do rapaz.

— Chorando, eu? Qual, chorando! — respondeu Jimmy, com firmeza. — Foi neve que me cahio nos olhos e que se está liquefazendo agora!

— E Jimmy: has-de sempre tomar conta de Essie, sim? — perguntou.

— Eu tomarei conta d'ella, e tu também, — respondeu o rapaz, procurando rir. — Por esse lado, fica descansada que um dia destes hei-de ganhar uma fortuna que ainda te ha-de permittir ter perolas e brilhantes, mamãe!

Essie e Joe não haviam ganho a esse tempo o concurso de dança. Estavam os dois a caminho de o ganhar quando um dos pés de Joe ficou preso a um pedaço de gomma que um folião qualquer atirara no soalho, assim subvertendo as suas probabilidades de victoria e a calma do seu temperamento.

— Se duvidarem, ainda me pregaram ahi nas costas algum numero azarado! — exclamou de regresso ao seu logar. Essie tirou-lhe o numero que lhe fóra distribuido e que Joe só então vio: o 13!

— Eu já sabia! — disse elle.

— Agora tens que entrar, ao menos para assonares á porta e mamãe ver que tu realmente existes! — insistio Essie quando chegaram á casa.

— Mas não vês que tua mãe me tomara por algum vagabundo se me visse apparecer como estou, com este collarinho feito em papas! — respondeu. — Amanhã á noite, porém, bonequinha...

— Sempre, sempre amanhã á noite! — atalhou a rapariga, rubra de colera. — E com essa eterna promessa, não tens cessado de me mentir! Mas, agora, acabou-se, entendes? Entre mim e ti, está tudo acabado, e para sempre, ouviste?

Com uma sacudidella de hombros, Joe

vio-a separar-se d'elle e correr escada acima, e assoviando a cançoneta da moda, poz-se a caminho do bilhar mais proximo.

No momento em que Essie abriu a porta, percebeu que alguma cousa se passava de anormal. E nem ousava ter coragem de abrir a cortina que dava para o quarto de sua mãe, com medo do que alli pudesse avistar. Inconscientemente, tirou o chapéo e o casaco. Nesse momento, no quarto da doente, fez-se ouvir a voz de Jimmy:

— Espera ahi com o teu companheiro até que mamãe tenha recobrado a respiração.

Um instante depois, o irmão estava a seu lado.

— E então, o miseravel? Onde é que elle está? — sibilou a voz de Jimmy aos seus ouvidos.

— Corre a chamar o medico! — supplicou Essie, os olhos transmutados pelo terror, fixos no rosto livido que agora se percebia no quarto, tibiamente illuminado.

— Não é de medico que ella precisa: é de ti e desse indigno, desse villão que tu tens por amigo! — respondeu o irmão — Vae buscal-o depressa e não me voltes sem elle, ouviste?

E então a voz da mãe Birsdong elevou-se no quarto distante, tão fraca que mal se fazia ouvir:

— Onde está Joe?

— Está esperando lá em baixo, mamãe, — respondeu a moça — Eu vou buscal-o.

Sem se deter á procura de nenhum abafio, Essie transpoz as escadas e precipitou-se para a rua coberta de neve. Sabia que bilhar Joe frequentava e estava certa de que o encontraria alli. Todos os presentes se tomaram de espanto ao vela entrar, mas ella só vio Joe que se debruçava sobre uma das mesas:

— Jimmy, estou arrependida do que te disse, — declarou arquejando. — Mamãe... Mamãe está morrendo... e quer ver-te por um minuto!

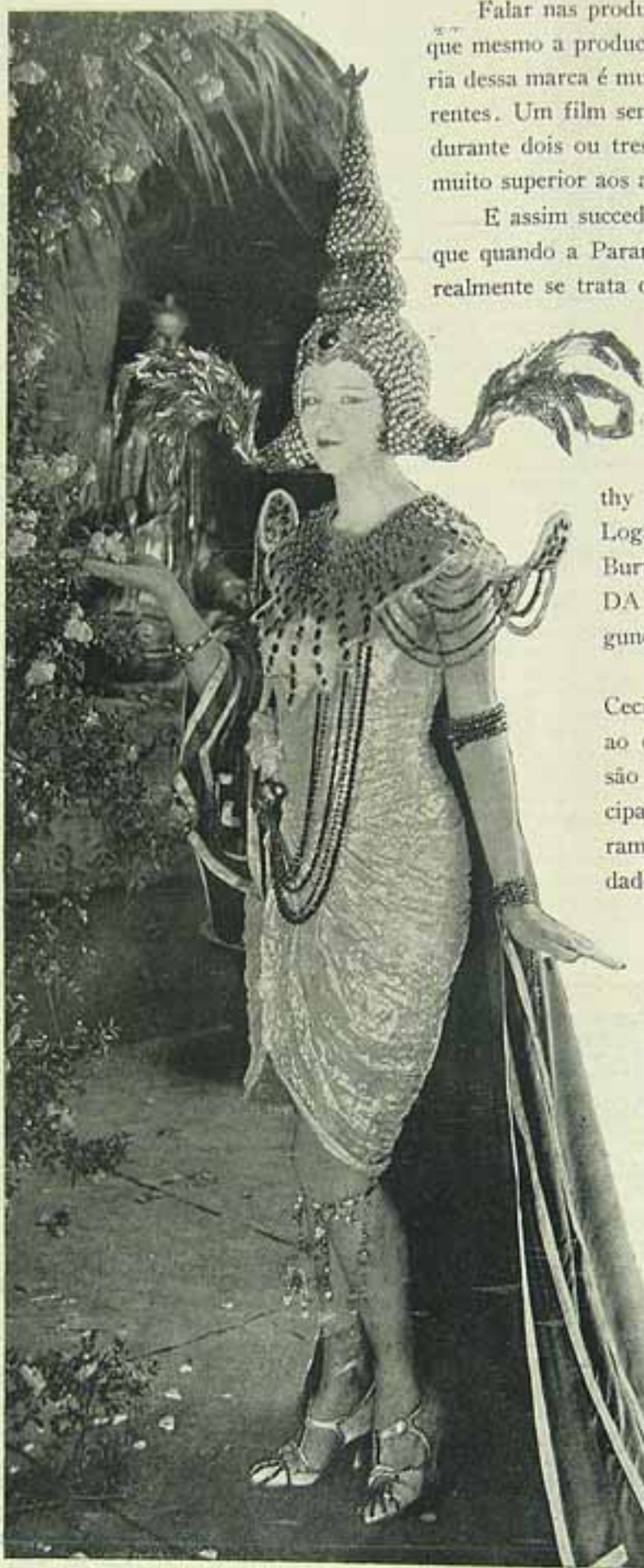
— Está morrendo? Pois deixa-a morrer!... O defunto não é meu... Portanto, que tenho eu com isso? — respondeu grosseiramente o cambista, sem levantar os olhos do bilhar.

Despertada do seu sonho, Essie reflectio por fim que estava a ponto de defender a unica grande amizade que tinha na terra,

(Continúa no fim da revista)



Uma superprodução da Paramount



Falar nas produções da Paramount é fazer-lhes o elogio, porque mesmo a produção média, commum, de programação ordinaria dessa marca é muito melhor do que o offerecido por suas concorrentes. Um film sem *réclames*, destinado a ser mostrado ao publico durante dois ou tres dias nos cinemas de primeira classe é sempre muito superior aos annunciados como *extra*, de outras fabricas.

E assim succedendo com os ordinarios chega-se á conclusão de que quando a Paramount classifica um dos seus films como *extra*, realmente se trata de uma obra prima cujo valor ninguem discute, pois que é da categoria das coisas indiscutíveis.

E' desse genero o film *A porta do paraizo* — film Paramount — direcção de Cecil B. de Mille e interpretação de Dorothy Dalton, Mildred Harris, Julia Faye, Jacqueline Logan, Conrad Nagel, Theodore Kosloff, Clarence Burton, Guy Oliver, etc., que os cinemas AVENIDA e IDEAL, começarão a exhibir na proxima segunda-feira, 9 de Outubro.

Ha neste, como em todos os films dirigidos por Cecil B. de Mille, uma nota de luxo, unida agora ao exotismo. Um dos grandes attractivos do film são os bailados siamezes em que algumas das principaes bailarinas do palco norte-americano figuram. As posições hieraticas, os movimentos estudados e sabiamente combinados, o luxo dos vestuarios, rigorosamente asiaticos, tudo faz com que essa parte do film esteja destinada a um formidavel successo de curiosidade.

O argumento se desenvolve nesse meio theatral, tão fértil em surpresas, nesse ambiente em que muitas vezes sob os dramas exhibidos á luz da rampa se occultam outros, bem mais pungentes, da vida real.

A porta do paraizo, vae ser innegavelmente um dos maiores successos da estação cinematographica de 1922 no Brasil. O *Exhibitor's Herald*, de New York, ao fazer a critica desse film classificou-o como *the magnificent production of Cecil B. de Mille*. Quem se habituou a admirar as obras primas desse extraordinario director que tamanho successo tem obtido

entre nós, como em todo o mundo, decerto não perderá o

ensejo de ver esse trabalho, classificado como o melhor que elle tem feito até aqui.

Um grande amor

(HER STURDY DAK)

Film Realart — Produção de 1921

DISTRIBUIÇÃO

Violet White.....	WANDA HAWLEY
Samuel Butters.....	WALTER HERS
Bele Bright.....	Sylvia Ashton
A Sra. White.....	Mayme Kelso
Archibald Melão....	Leo White
O rancheiro.....	Frederick Stantors

OPINIÕES DA CRÍTICA

O novo film de Wanda Hawley de argumento muito humorista. Grande valor como entretenimento.

Morning Picture World

Diversão de valor medio.

Motion Picture News

Comedia drama cheia de situações divertidas, deve produzir boa receita á bilheteria.

Exhibitor's Herald

Quando Violet White completou os seus primeiros cinco minutos de vida, o medico que assistira ao seu advento poz-se a olhar para ella, deitada na balança, e abanando a cabeça, disse :

— Ou eu me engano muito, ou algum dia um homem amaldiçoará o dia de hoje! Ha uma expressão no olhar d'esta pequena que vaticina catastrophes!...

Se bem que no correr dos tempos fossem desaparecendo muitos dos caracteristicos pessoas que Violet apresentara aos cinco minutos de idade, e o seu nariz evoluísse do typo-maçaneta de porta para o typo grego, e a sua pelle evoluísse de cor do acafrão para a cor do pecego, e á sua quasi completa calvicie succedesse uma farta juba cor de mel, o olhar que o medico observara continuou presente, e em ambos os seus olhos.

Aos quinze annos ella recebera a primeira proposta de casamento, apresentada pelo filho do açougueiro, e a Sra. White, uma viuva na phase dos vestidos de luto cor de alfazema, assentou que talvez a criança viesse a puxar ao ramo da familia que ella representava. Aos dezeseis, Violet recusou-se a ir á reunião da igreja em companhia do filho do boticario, que creou uma certa sensação naquella função festiva, beberricando a uma garrafa preta que elle suppunha contivesse veneno, mas que immediatamente se verificou ser apenas ipecacuanha.

A Sra. White assentou que Violet casaria com algum dos mais falados contribuintes do districto, e com essa idéa filiou-se á "Sociedade Litteraria", ao "Country Club" ao "Bridge Familiar", de modo a estar a geito de "grampear" a victima tão depressa ella apparecesse. Aguardava-a porém um grande desapontamento. Os unicos visitantes que de facto chegaram a Red-words durante o decimo setimo anno de Violet foram um philosopho hindu que fez na "Sociedade Litteraria" uma conferencia sobre "A belleza da pobreza", á razão de quinhentos dollars por tarde, um cavalheiro de origem hebraica que abriu na villa uma officina de passar calças a ferro, e um ministro baptista, escoltado por sua esposa e sete criancinhas.

Pouco depois de Violet completar porém o seu decimo oitavo anno, appareceu Archibald Melão, e tão depressa a Sra. White

o vio subir á tribuna do club litterario, logo tratou de assentar se o acontecimento seria celebrado com um almoço de casamento, comprehendendo salada de gallinha e sorvete de café, ou se seria um jantar de casamento com a mesma salada de gallinha, mas sorvete de pistache. Archibald tinha uma cabelleira de artista que elle usava por demais longa para que pudesse merecer as sympathias dos barbeiros, e proclamava haver poucos homens, inclusive Ibsen, que mais soubessem do que elle sobre a litteratura do dramaturgo scandinavo. Ao fim da conferencia — primeira de uma serie de dez que elle devia fazer — a Sra. White conseguiu ser a primeira a approximar-se delle, muito embora a esposa do director da escola de aperfeiçoamento, que tinha duas filhas para casar, se classificasse bom segundo.

Na altura do "Symbolismo de Peer Gynt", Archibald já era um assiduo visitante da casa das White, e quando veio "Hedda Gabler, um estudo do Egoismo", elle já tinha offerecido a Violet a honra de vir a ser a Sra. Melão, honra essa que, com grande surpresa delle, ella declinou.

— A razão — disse ella — é de ordem botanica: eu sou uma pessoa mais da especie das trepadeiras, e portanto com quem me devo casar, é com alguém do genero do robusto carvalho.

— Mas então, eu que sou? — perguntou Archibald, no tom de quem se sentia susceptibilizado.

Violet pintou-lhe longamente os caracões jacinthinos, as mãos brancas e macias, os sapatos lindamente engraxados, e disse com meiguice :

— O senhor, é um desses lyrios do campo que nem duram, nem tem perfume...

Muitas lagrimas custou á Sra. White a recusa de Violet. A esforçada senhora já fizera projectos até sobre o primeiro neto

que nascesse. E de repente, assim, brutalmente, arrancaram-lhe o dos braços!... Faltou então rancorosamente dos aguçados dentes das serpentes, e perguntou perversamente á filha se fazia tenção de ficar para tia.

— Não! — disse Violet ingenuamente — Creio que isso me seria desagradavel. Uma vinha trepadeira como eu precisa de alguma coisa a que se ampare. Mas não te afflijas, mamãe: com certeza encontrarei o meu robusto carvalho na proxima semana, quando visitar Mary Corruther, em Mountain View Jun.

Não ha como explicar os caprichos do amor. Assim, por exemplo, porque motivo é que um mancebo dos mais exigentes se apaixona ás vezes por uma coristinha junto de cuja "toilette" Eva estaria vestida com demasia? Talvez porque ella sabe levantar a perna ao alto e arrancar o chapéo do palhaço com a ponta do sapato? Porque será que... Mas basta! Violet apaixonou-se por Samuel Butters desde o momento em que o vio coçar a orelha esquerda com o pollegar da mão direita. Vão lá explicar!... Mas porventura teve o senhor melhores razões para se apaixonar por sua esposa?

Violeta passejava pelos bosques quando vio Samuel pela primeira vez. Era um mancebo corpulento e nesse momento entretinha-se a escrever n'um bloco, activamente. Sem attribuições de coração, a moça examinou-o e observou que a sua camisa de seda estava presa n'um dos pontos por um alfinete de segurança; no pescoço, faltava tambem um botão. Depois produziu-se o incidente já referido, e em dois tempos — zás — Violet estava apaixonada.

Ora havia razões mais que sufficientes para uma pessoa se apaixonar por Violet. O seu cabelo, por exemplo era muito forte e macio, como uma névoa de ouro; os seus olhos pareciam encerrar estrellas, e a sua bocca recurvava-se aos cantos de um modo extremamente gracioso, quando ella sorria. Quando porém o acaso quiz que Samuel Butters elevasse os olhos para ella, não foi nenhuma d'essas coisas que lhe poz o coração a bater desordenadamente, mas sim a circumstancia de que na orla rosada de uma das suas orelhas ella tinha uma verruga verdadeiramente "mignone". Foi por isso



A trepadeira e o carvalho...

que Samuel se apaixonou por ella tambem, perdidamente. Vão lá de novo explicar !...

Compreende-se bem que não trocassem os dois a sua confissão de amor por muito tempo, — dois dias pelo menos. Durante esse periodo trocaram sim opiniões profundas sobre o estado de tempo, sobre as saias, curtas das mulheres, a religião, o queijo Roquefort, os films estrangeiros, o divorcio, o Rubayat, etc. E' coisa muito de maravilhar, as suas opiniões serem concordes em todos esses assumptos !

Ao terceiro dia, como Samuel lhe mostrasse as horas que eram, Violet descobriu no interior do relógio de'le um retrato de mulher, uma mulher de expressão resoluta com um pomposo bigode e cara de poucos amigos. Através do retrato, uma inscrição: "Ao meu querido poeta, a sua Bellinha".

Violet sentiu que se lhe apertava o coração, mas conseguiu chamar aos lábios um sorriso :

— O senhor sabe ? Ninguém que o veja o supprá um poeta ! E essa senhora, é sua esposa ? Linda mulher !

Samuel corou copiosamente, e explicou, envergonhado :

— Eu sou um poeta de facto, mas ainda não fui descoberto !... Felizmente, não tenho que viver do que me rendem os meus poemas. Tenho meio-quinhão numa fazenda de alfafa, aqui perto. Bella — disse olhando tristemente para o retrato — é a co-proprietaria, ia ser uma despeza, uma machada terrível, de maneira que ella resolveu... isto é, resolvemos ajustar casamento um com o outro !

E suspirou de novo. Violet replicou, pressurosa :

— Compreendo. O senhor com certeza lê-lhe as suas poesias ?...

— Absolutamente. Já tentei varias vezes, mas Bella adormece logo. Não tem sentimento litterario. As suas leituras limitam-se ás cotações de titulos e aos resultados do "base-ball". As minhas poesias, era opinião d'ella, são lorótas !...

— Lorótas !... — exclamou Violet indignada, sem se lembrar que só ha cinco minutos tinha conhecimento do vate e da sua obra — Lorótas, uma maravilha d'essas !...

— Ah, a senhora? sim, comprehende-me !

— fez Samuel tremendo com todos os seus queixos.

Como é natural, fizeram um ao outro depois d'isso a confissão melancolica dos seus amores sem esperança. A's sete renunciaram um ao outro, heroicamente, e ás dez separaram-se para sempre ! Na manhã seguinte voltaram porém a encontrar-se, e assentaram ir a Bella, e dizer-lhe tudo.

A noiva de Samuel, quando os dois chegaram, estava sentada no escriptorio da fazenda, com os seus imponentes pés pousados sobre uma secretária, e um immenso charuto na bocca. Violet recuou com uma timidez que as circunstancias sobrejamente justificavam, e supportou, através uma fenda da porta, a angustia de ver Samuel pousar-se sobre um joelho recoberto por uma saia de xadrez e ser beijado explosivamente, depois de posto de banda o charuto.

— O meu menininho táva com sandodinha da sua Bellinha minita ? — indagou a dama, com uma voz de contra-baixo de corda. E logo depois, num estupefaciente traslucido do sentimento á prova, a mesma voz :

— Aquelle maldito chinês queimou outra vez o diabo do pão ! O desgraçado do cevado preto fugiu da poçiga e comeu as batatas novas. Descobri tambem que o cachorro está minado de pulgas. Peste !

Samuel furtou-se á sua posição compromettedora, todo ruborizado. E como a sua superficie facial offerecia um campo vasto por onde o rubor se podia expandir, o seu rosto parecia uma lua cheia, quando elle fez signal a Violet para que se approxinasse :

— Acho bom que vocês se conheçam ; ha... ha tanta coisa de commun entre as duas !...

Após um rapido olhar de desprezo lançado a Violet, Bella tornou a abocanhar o charuto.

— Uma mulher que não distingue um pé de milho de uma nabica, que não differença uma Shrophshire de um Longhorn, que não tem noção, talvez, de qual seja a extremidade commercial de uma vacca !...

— Uma creatura cujas unhas nunca conheceram manicura ! Uma mulher com uma pelle de lixa ! Elegancia, nenhuma ! Uma mulher para quem um ferro de friar é com certeza um illustre desconhecido !...

Galhardamente, Samuel procurou restituir a situação aos rigores da etiqueta :

— Meu bemzinho, — disse a Bella — dá-me licença que te apresente minha noiva !

Bella desatou a aspirar ruidosamente o charuto, enquanto os namorados expunham o intuito que os trouxera. Ao fim, por nas mãos de Samuel um anel do tamanho de um dollar de prata e resmungou :

— Olha: vê o que fazes, e depois não digas que eu não te avisei ! Isso de "o teu amor e uma cabana" é muito bom de dizer. Mas nos tempos que correm, mesmo os alugueis das cabanas, andam pela hora da morte !... D'aqui, receberás, como de costume 125 dollars por mez, mas creio que da tua poesia não tirarás um centavo. Versos livres !... O tal verso livre que não livra ninguém da fome !... cá por mim, prefiro o verso á moda antiga: flor rimando com amor, casa com braza, alfafa com garrafa... Mas isto é secundario. Queres a tua bonequinha de papel ? Pois leva-a, rapaz. Olha: de passagem vai ao curral ver o bode: o pirata levou a berrar toda a noite e não sei o que é que elle tem !...

Removido assim o obstaculo que vedava o caminho para a felicidade, Violet escreveu a sua mãe uma carta que teria precipitado a avisada senhora n'uma crise hysterica se no momento houvesse alguém, alli perto, a quem ella pudesse impressionar.

— Encontrei o meu robusto carvalho, — escrevia Violet n'uns gatafunchos traçados a tinta roxa — Peza trezentas libras e escreve umas poesias que algum dia nos hão-de grangear uma fortuna. Casámo-nos hontem á tarde e já temos casa montada em San Francisco, um aposento lindo, mas que obriga Samuel a entrar de banda pelas portas. Ah, mamãe, como é bello o Amor, e como está caro o filet de vacca ! Da tua querida filha, com outro nome: Violeta Butters.

A Sra. White escreveu a resposta á altura: "A felicidade matrimonial não se adquire a pezo, minha filha. Vale mais uma grande renda do que um marido grande. E olhe que vai ficar bonito num cartão de visita: A Sra. Butters !... Ah, se ao menos fosse "A Sra. Archibald Melão !" Isto sim ! Mas para que fallar do que não pode ser ? Mas foi pena: era um moço de modos tão captivantes ! De mim não esperes auxilio algum, e queres um conselho ? Em vez de filet, compra chan de dentro, que é mais barata ! Da tua mãe devotada..."

Uma em Redwoods, outra na sua fazenda de alfafa, as duas senhoras aguardavam desde esse dia a calamidade vaticinada ao lar dos Butters com a resignada satisfação com que nós, humanos, antecipamos sempre a adversidade dos nossos amigos. Como porém nada occorresse, uma e outra d'ahi a pouco começaram a sentir-se burlada, affrontada. Tão verdade é que facilmente se perdoa aos que naufragam e que é bem raro que se perdoe aos que triumpham... A situação das duas era perfeitamente a de quem tentasse conservar quente o peru engordado a capricho, e estivesse vendo a imminencia de ir o jantar por agua abaixo.

Precisamente ao completar-se um anno do casamento, duas mulheres tocavam á campainha encimada pela inscrição "Butters", no vestibulo de uma casa de aposentos mobiliados, em San Francisco, e voltaram-se depois uma para a outra n'um reciproco exame, com aquelle olhar audacioso de que as mulheres usam para pôrem etiquetas de preço em cada artigo de vestuario usado pelas suas semelhantes. Depois, fungaram forte, e desviaram os olhos para outro lado.

(Continúa no fim da revista)



Por sobre as cabeças desguarnecidas das crianças...



UM ASPECTO DA COMEMORAÇÃO DO DIA 7 DE SETEMBRO NA CAPITAL DE SÃO PAULO



A EXPOSIÇÃO — O PAVILHÃO DA BELGICA NO DIA 1 DE SETEMBRO.



O PAVILHÃO DAS INDUSTRIAS NO FIM DAS OBRAS

Desperta, mulher!

(WOMAN, WAKE UP!)

Film da Associated Exhibitors — Direcção de Marcus Harrison — Produção de 1922.

DISTRIBUIÇÃO

Anne Clegg . . . Florence Vidor.
Monte Collins . . . Louis Calhern.
Henry Mortimer . . . Charles Meredith

A gloria tem as suas dores e os seus sorrisos, e fôra justamente para escapar ao pesado imposto que a gloria costuma cobrar aos seus preferidos, que Henry Mortimer fugira para as Altas Serras. Doze annos Mortimer cortejara sem exito a musa da litteratura, e foi só com a publicação do seu volume *Junta das Praias Tranquillas*, que conseguira elle afinal subjugar todo o publico intellectual do paiz e ver-se guindado á celebridade, de um dia para o outro.

Escultor em voga desde então, começou a ser procuradissimo para festas, banquetes, recepções; e em poucos mezes, a tantas funcções dessas assistira que se sentiu exaustado, finalmente. Foi então que elle concebeu a idéa de buscar um retiro tranquillo, e acabou por ir parar a uma localidade pequenissima, por nome *Arroio Relvoso*, nas Altas Serras.

Mortimer tinha por seu melhor amigo Monte Collins, que começou a sentir-lhe a ausencia, passados poucos dias d'elle haver partido. Era bem singular a amizade que unia esses dois homens, tão differentes um do outro como o sol da lua. Mortimer era tranquillo, estudioso, reflectido, amigo em extremo de se retrahir. Collins, ao contrario, era expansivo, irrequieto, turbulento, odiava a tranquillidade e o estudo. Ao passo que Mortimer abominava fazer relações, gostava de se recolher consigo, Collins só tinha prazer no contacto alheio, só se sentia bem quando o rodeava uma verdadeira multidão de gente alegre, como elle.

Assim, mal começou a sentir a falta do seu amigo Mortimer, resolveu o impulsivo Monte ir ter com elle, e para isso, obteve um aeroplano em que voou na direcção do pequeno acampamento que installara o escriptor resoldido a "cahir de chofre sobre elle", como elle disse.

Monte, de facto, quasi cumpriu á letra o seu proposito porque o motor do seu aparelho soffreu uma panne, quando o aviador estava bem por cima do acampamento de Mortimer, e Collins despencou-se por entre os ramos das arvores e foi cahir, poucos metros distante da porta da barraca do escriptorio. O avião ficara fêto em estilhaços, e Monte soffreu contusões que, embora sem caracter mortal, lhe custaram grandes dores.

Casualmente, Mortimer fôra chamado á cidade para conferenciar com os seus editores, de maneira que Monte Collins teria jardi, até morrer, no local onde cahira, se não fosse havel-o encontrado Anne Clegg, uma rapariga que habitava ali perto.

Anne era uma moça activa e destemida, e mal vira a catastrophe, correu para o local onde cahira o aviador ferido, e fêzera quanto estava ao seu alcance para lhe alliviar os soffrimentos. Depois, pediu socorro e fêzera-o transportar para sua casa. Felizmente, não passou muito

tempo sem que elle começasse a manifestar os resultados do bom tratamento que lhe estava sendo dispensado, e finalmente entrasse em franca convalescença.

No correr do seu restabelecimento, Monte Collins experimentou uma grande atracção pela linda rapariga a quem devia a sua salvação, e a pouco e pouco sentiu que se transformava em amor o que a principio apenas fôra sympathia e gratidão.

As longas conversas que elle teve com Anne nessa phase do seu restabelecimento, puzeram-n'o ao par de que Anne nascera e fôra creada naquella região, e de que o unico conhecimento que ella tinha do mundo exterior era tão só o que lhe vinha da parca educação que lhe havia dado um velho tio.

Monte ficou encantado ao reconhecer que a rapariga era tão doce e innocente de espirito quanto de rosto e de coração, e o seu amor por ella cresceu por fôrma tal que elle acabou por pedir-a em casamento.

Nos primeiros mezes do matrimonio, Monte sentiu-se extremamente feliz, mas passado esse tempo, começou a achar a vida monotona. Sempre fôra um brincalhão, um gozador da vida, sequioso de divertimentos e de risos, e as tranquillias alegrias que o seu lar lhe offerencia acabaram por enfadalo.

Esconden á sua esposa esse aborrecimento quanto ponde, mas por fim veio um dia em que elle sentiu que não podia resistir por mais tempo áquella monotonia, e propoz a Anne fazerem uma viagemzinha á cidade, onde buscariam novas sensações e divertimentos.

Anne, que nunca havia estado nessa grande cidade, accetou a idéa de braços abertos, e alegremente preparou as malas e a si mesma para essa quadra imminente de contentamentos e prazeres. A principio, essa sua especulativa confirmou-se em absoluto, e Anne divertiu-se muito visitando os grandes estabelecimentos, os hotéis maravilhosos, os theatros e restaurants, mas pouco tempo depois, ella começou a observar que Monte cada vez passava menos tempo em sua companhia, e cada vez se entretinha com outras amizades frivolas e joviaes que havia feito.

Durante certo tempo, nada disse entretanto a Monte sobre o seu abandono. Um dia porém, em que elle a deixou só por muitas horas não se ponde ter por mais tempo e exprimiu-lhe muito claramente o que pensava d'elle, por a deixar tão só numa cidade estranha como aquella.

Monte respondeu dizendo:

— Mas então porque não vens comigo? — ao que Anne replicou que assim faria, dali para o futuro.

Monte era um leviano, um irresponsavel, e assim, sem levar em conta que Anne estava com elle, foi ao mesmo lugar a que tencionava ir, tal e qual como se estivesse só. Era um cabaret do bairro alegre da cidade conhecido sob o nome do *Moinho Vermelho*, onde se obtinha alcool á discreção, sob condição de pagar o preço exorbitante exigido pelos proprietarios do estabelecimento.

Anne sentiu-se muito fôra do seu ambiente nesse local, e considerou tão repelente a embriaguez que clandestinamente

ali se praticava como a familiaridade que parecia existir entre as mulheres e os homens habituaes da casa. Além do que, humilhava-a não saber um só dos passos de dança com que os outros se entretinham, não ter conhecimento algum dos assumptos que as pessoas presentes discutiam.

Quem quer que já estivesse em qualquer festa em que todos belessem menos elle, poderia bem calcular como ali se divertiu Anne, sentada, no seu perfeito juizo, observando as outras pessoas que de hora a hora ficavam mais irrequietas e turbulentas, e continuavam sem embargo a consumir de momento a momento o alcool que lhes era offerecido.

Quasi ao fim da noite, Anne percebeu que Monte, muito meigo então, assediava com as suas atenções uma bailarina do cabaret que, a instancias suas, se tinha abancado á sua direita e flirtava com elle com a maior audacia. Estupefacta, Anne viu o marido offerecer á rapariga a sua taça de champagne que ella esvaziou de um trago. Nessa altura, considerou que era tempo de pensarem em retirar-se, mas não foi sem grande reluctancia que ella persuadiu Monte a acompanhala.

A estadia de Monte e sua esposa na cidade prolongou-se, pois Monte constantemente adia a data do regresso do casal á sua casinha da montanha, onde o ar era puro e meigo, onde as pessoas viviam uma vida tranquilla e sã.

Por fim veio o dia — dia importante entre todos na vida de uma mulher moça — o dia que assignalava o primeiro anniversario do seu casamento. De manhã, Anne recordara a Monte que nesse dia completavam um anno de casados, e pediu-lhe que voltasse para casa um pouco mais cedo e a levasse a qualquer parte, para que, juntos, festejassem aquella data excepcional.

Monte beijou-a com meiguice, approvou a idéa do passeio e da comemoração, e partiu de casa, prometendo estar de regresso bem cedo. Durante todo o dia, ao occupar-se dos seus affazeres caseiros, Anne não cessou de cantar, de conversar consigo, ao mesmo tempo que mentalmente resolvia que vestido ia vestir e a que logar pediria a Monte que a levasse. Mas chegou e passou a hora de Monte regressar, sem que elle apparecesse. Anne começava a affligir-se um pouco quando o telephone tocou. Correu a joven esposa ao aparelho, e em resposta ao seu "hallô!", ouviu Monte communicar-lhe que uma imprevista occupação commercial o impediria de voltar á casa e sair com ella como projectara. A excusa já seria má se não fosse outra a culpa de Monte, mas essa culpa aggravou-se pela circumstancia de que, ao mesmo tempo que Monte lhe falava, Anne percebia os accordes barulhentos de uma "jazz band", a executar um trecho de musica obrigatorio em todos os programmaes do *Moinho Vermelho*.

Anne não fez o minimo protesto a Monte, pelo telephone. Pendurou somente o receptor e deixou-se cahir numa cadeira, a chorar convulsamente. Depois de haver chorado mais de uma hora, sentiu-se mais alliviada levantou-se e enxugou os olhos. Mulher reflectida, cogitou então de assenar o que faria, uma vez que os affectos de Monte tinham arrefecido ao ponto d'elle a abandonar, a enganar, e até lhe mentir.

Antes porém d'elle haver resoldido a que directriz faria obedecer a sua conducta, de accordo com a grave situação em que se via, souu a campainha á porta, e Anne, acudindo ao chamado, encontrou Henry Mortimer o velho amigo de seu marido,

Ora a esse tempo Anne e Mortimer eram já grandes amigos, e foi a presença do escriptor que fez que uma idéa atravessasse com a rapidez de um raio o cerebro da esposa abandonada. "Desperta, mulher", pensou de si para si, no vel-o, e administra a Monte Collins uma dose do seu proprio remedio!". De posse dessa excellente idéa, Anne assentou que Mortimer lhe proporcionasse o divertimento de que a privava Monte, e que se faria ver por este no correr dessas horas de falsa alegria.

Depois de trocados os cumprimentos usuais, Anne, voltando-se para Mortimer, disse-lhe:

— Saiba que hoje é o anniversario do meu casamento, Sr. Mortimer? Monte tinha-me prometido que me levaria a festejar a data, mas infelizmente reteve-o uma occupação commercial, o que o impedirá de me acompanhar esta noite. Ora, francamente, custa-me a abrir mão dessa commemoração para que me havia preparado, e queria lhe pedir que me acompanhasse, nem que fosse somente a jantar em qualquer lugar.

— Pois não. Será com o maior prazer. Leval-a-ei onde quizer — respondeu Mortimer, penalizado por esse desamparamento da joven noiva no primeiro anniversario do seu casamento. Romancista que era, comprehendia por certo o que um anniversario como esse significava para uma mulher, e sentia por Anne uma compaixão maior do que qualquer outro homem poderia sentir.

Anne agradeceu a Mortimer effusivamente, e partiu, escada acima, a preparar-se para sair. Quando voltou, pouco menos de uma hora depois, radiante de contentamento e encantadora com o seu vestido novo, por certo expressamente feito para aquella data, Mortimer reflectiu com panno como é que um homem podia permitir que qualquer occupação de character commercial impedisse a commemoração do seu primeiro anno de matrimonio com uma mulherzinha tão encantadora como aquella.

Depois de estarem na rua, Anne disse a Mortimer que tinha ouvido falar num local, por nome o "Moinho Vermelho", onde se jantava deliciosamente, e propoz que jantassem lá. Mortimer, que conhecia pouco aquella cidade, immediatamente concordou e deu ordem ao "chauffeur" do taxi que para ali os transportasse.

Monte viu-os logo que entraram no "Moinho Vermelho", e immediatamente deixou de o seduzir o prazer que o havia feito quehrar a sua promessa a sua esposa. Mas assentou que os observaria de longe para ver o grão de intimidade em que estavam os dois. Agora que outro homem a considerava sufficientemente do seu gosto para a levar a passear, para a obsequiar na sua companhia, Anne crescera de valor nos seus olhos, e logo elle a achava mais attraente do que nenhuma das outras mulheres que estavam na sala.

Mortimer admirou-se um pouco da especie de local a que a senhora Collins lhe pedira que a trouxesse, mas attribuiu a sua escolha á circumstancia della nunca ali ter estado e ignorar portanto que especie de café era aquelle.

Durante todo o jantar, Anne mostrou-se tão alegre, risosinha e jovial companheira que Mortimer, que sempre a conhecera reservada e tranquilla, não ponde deixar de se admirar. Quando porem, ao fim do jantar, ella se serviu de um dos seus cigarros, e se entreteve a fumar com deleite, o panno do escriptor chegou ao auge.

Finalmente, quando Anne e Mortimer se levantaram para se retirarem do "Moinho Vermelho", Monte, a esse tempo cego de ciúmes partiu para casa, e ali chegando antes, sentou-se na escada com uma carabina, na disposição de lhes proporcionar um caloroso acolhimento. Mas Monte havia dormido pouco e dansara em demasia nas noites anteriores. Além disso a saleta que á escada dava acceso estava quente, e Monte, ainda por cima, de vez em quando pedia a um frascinho que guardava consigo um supplemento de conforto. De tudo isso resultou elle cahir num sono tão pesado que não via Anne chegar a casa, depois de, á porta, se despedir de Mortimer.

Quando de manhã acordou com o corpo magoado, opprimido por uma enxaqueca furiosa, Monte verificou que sua esposa estava no seu quarto, mas não logrou ver por ella recebido. Na esperança de tranquillizar os seus nervos excitados, resolveu-se a tomar uma ducha. Aproveitando-lhe a momentanea ausencia, Anne esgueitou-se para fora de casa, foi ter com Mortimer, com quem desde a vespera combinara encontrar-se, afim de darem juntos um grande passeio.

Quando Monte descobriu que, durante o seu banho, Anne fugira de casa, immediatamente chamou o representante de uma agencia de "detectives" cujo lemma era "Jámais falhamos", e lançou-o no encalço de sua esposa e de Mortimer.

A esse tempo Mortimer e Anne passavam horas deliciosas numa das ilhas ao largo da costa da California Meridional, onde pescaram e petiscaram até serem horas de partir para casa. Em caminho, porém, a lancha em que elles vinham soffreu um desarranjo de motor, de modo que os dois se viram obrigados a passar a noite na ilha Catalina.

Ao tempo de Anne e Mortimer chegaram ao principal hotel dessa ilha, o *detective* que os perseguia conseguia descolir-lhes o paradeiro. Correndo ao telephone, o Argus chamou Monte e recebeu-o com estas palavras:

— Não lhe disse eu que "Jámais falhamos"? Pode creditar-se uma victoria mais: sua esposa e o amante estão aqui no Palace Hotel. E' da escripta: é para aqui que todos elles vêm, mais hoje, mais amanhã!...

Sem querer ouvir mais, louco de raiva, o esposo ultrajado (suppostamente ultrajado) obteve um aeroplano que o desenhava vinte minutos depois na ilha Catalina. Correndo ao Palace Hotel e descoberto o numero do quarto occupado por Mortimer, pelo registro do hotel, Monte precipitou-se pela escada acima, bateu á porta de Mortimer, e precipitou-se sobre elle com um revólver na mão. Do lado opposto do corredor, Anne ouviu o barulho no seu quarto e immediatamente correu em soccorro de Mortimer. Pondo-se em frente delle, a protegê-lo, enfrentou os olhos colericos do marido, exclamando ao mesmo tempo:

— Não consentirei que assassines o homem que amo!

Ao ouvir Anne pronunciar semelhantes palavras, Mortimer voltou-se com um olhar de surpresa, e Monte, deixando escapar um grito, deixou cahir o revólver ao chão e fugiu do quarto, espavorido.

Semilouco com a idéa de haver perdido sua esposa, de havel-a perdido por culpa de a haver abandonado e descurado, Collins sepultou-se no seu Club e recusou-se a receber fosse quem fosse.

A esse tempo Mortimer que exigira de Anne uma explicação do seu singular pro-

cedimento, viera a saber que tudo aquillo não passara de um plano da esposa de Monte para o curar da sua vida leviana. Sentiu-se um tanto humilhado por haver sido instrumento do plano ardiloso da Sr. Collins, e ainda mais abatido ficou quando Anne lhe exigiu que visitasse Monte Collins no Club e lhe explicasse detalhadamente a situação.

— E se elle me matar antes que eu lhe possa dar qualquer explicação? perguntou a Anne.

— Oh, não o matará! — respondeu Anne impaciente.

— Não fale com essa certeza! Vão muitas heres não podeis fazer idéa de como um homem se sente em circumstancias como estas! Pois não era melhor que a senhora lhe escrevesse, lhe contasse todo o seu plano! Não acha que isso seria muito melhor do que eu artiscar a minha vida inda a elle, no estado em que elle está, para lhe dizer que tudo continua a correr como no melhor dos mundos? — perguntou o pobre Mortimer.

— Tolice! Isso não daria o menor resultado! — respondeu Anne.

— E porque não? — replicou Mortimer, a desafiar os argumentos da moça.

— Pois o senhor não comprehende que Monte não acreditaria uma só palavra do que eu ou o senhor lhe escrevessemos em carta? — perguntou Anne.

— Mas se elle não acredita no que eu lhe possa dizer em carta, como é que ha de acreditar no que eu lhe disser pessoalmente? — perguntou Mortimer.

— Basta que elle contemple a sua figura um instante e immediatamente ha de ver no senhor um pobre homem ultrajado de quem uma mulher ardilosa se serviu, como de um alliado, para levar ávante os seus propositos. Um só olhar, um só, e elle immediatamente concluirá que o senhor está tão innocente em tudo isto como uma creança!

— Mas supponha que elle não perde o tempo necessario para esse exame e desata aos tiros sobre mim, — insitiu Mortimer, ancioso.

— E como é que elle ha de atirar, sem olhar primeiro para o senhor?

— Está bem. Vejo que não tenho remedio senão sujeitar-me, mas lembre-se Anne Collins, que se eu for morto, o meu sangue recalará sobre a sua cabeça! — murmurou lugubrememente Mortimer.

— Esteja tranquillo que ninguem o matará! — respondeu Anne.

— Francamente, nunca vi uma mulher assim! A senhora despacha um homem para uma morte quasi certa com a mesma tranquillidade com que o mandaria comprar um cartão postal!... — respondeu Mortimer, retirando-se com uma expressão humilhada no semblante.

Muitas horas depois dessa conversação com Anne, Mortimer entreteve-se a passear para cima e para baixo defronte do Club de que era socio Monte, buscando munir-se de coragem para entrar e enfrentar Monte. Diversas vezes lhe parecerá avistar Monte na pessoa de individuos que saham do Club, e precipitadamente se abrigava num sitio donde podia fazer reconhecimentos sem correr perigo de ser visto. De todas as vezes porém a pessoa que sahiria do Club não era Monte, e Mortimer regressava ao seu passeio agitado, não longe da fachada do Club.

Ha um momento porém em que o terror attinge ao desespero. Mortimer chegou por fim a esse ponto. Estava inteiramente convencido que Monte faria fogo sobre elle apenas o visse, e só pedia agora a Deus que tudo acabasse o mais depressa

possível e tivesse definitivamente tido aquella horrível agonia.

Nesse estado de espirito, subiu rapidamente as escadas que conduzião á porta do Club, abriu a porta e entrou. Perguntou por Monte e encaminharam-no á bibliotheca, onde encontrou o esposo de Anne sentado, com um copo de whisky e soda defronte de si e uma ponta de charuto apagado entre os dedos. Monte era a perfeita imagem do desconsolo e, mesmo perturbado como estava pela idéa do tragico destino que o ameaçava, Mortimer não pôde deixar de ter pena d'elle.

Monte não levantou a cabeça quando Mortimer penetrou na sala, e o escriptor demorou-se um momento a contemplar-o. Depois, com grande pasmo de si mesmo, Mortimer atravessou a sala, deu uma pancadinha nas costas de Monte e com voz calorosa:

— Olá, velho amigo: em que estás pensando?

Monte levantou a cabeça languidamente, alçou os olhos baços, e murmurou:

— Porque não me deixas em paz? Pois não estás ainda satisfeito com a destruição do meu lar? Ainda vens aqui alvejar-me com as tuas perfidas ironias?

Mortimer mal podia acreditar nos seus ouvidos, mas quando finalmente se convenceu de que se não havia enganado, deu um grande suspiro de allivio e respondeu:

— Qual historia! Não foi para isso que aqui vim, Monte: foi para cousa bem diversa.

— Mas então para que vieste?

— Para te dizer que és um bobo em estar aqui sentado a ruminar tolices a respeito de tua mulher, uma mulherzinha que não tem outra que se lhe compare sobre a terra! Bonita, leal, meiga, pura como uma flor! E tu para aqui a torturar-te, a ruminar cousas absolutamente inverídicas e sem o menor fundamento — respondendo Mortimer.

— E' verdade mesmo, Mortimer? E's capaz de provar o que estás dizendo? — interrogou Monte febrilmente, aferrando ao mesmo tempo o braço de Mortimer apegando-se a elle, como um naufrago se apegava a uma estaca que seja.

— Se sou capaz de o provar? Capacissimo, meu bobo! — exclamou Mortimer.

— Pois então, anda depressa, pelo amor de Deus! — supplicou Monte.

Mortimer deixou-se cahir numa cadeira junto áquella em que Monte estava sentado e contou-lhe em detalhe o plano que Anne architectara para lhe dar uma lição que lhe abrisse definitivamente os olhos.

Monte ouviu-o num fascinado silencio e quando Mortimer terminou, poz-se de pé de um salto, exclamando:

— Deus te abençoe, meu bom amigo!

Depois, disparou em direcção á porta, saltou para dentro de um taxi e prometteu dar ao *chauffeur* uma indemnisação de vinte dollars por quantas leis de velocidade elle conseguisse violar no trajeto até a casa. O homem fez realmente jús ao dinheiro prometido. Tanto assim que em menos de meia hora, Monte estava em sua casa, a apertar nos braços Anne, enquanto dos olhos lhe cahiam sobre as faces lagrimas de que elle não se envergonhava porque eram o epilogo de uma lição de que elle não se poderia esquecer até ao termo dos seus dias.

O que tudo quer dizer, minhas caras senhoras, que se algum dia os vossos maridos se descurarem de vós, o que tendes a fazer é somente pôr-vos diante do espelho, fitar os vossos proprios olhos e dizer como Anne Collins disse a si mesma: "Desperta, mulher!". Experimental então

o tratamento inventado por Anne, e vereis que vos haveis de dar muito bem.

O MEU CAVALLO FIEL.

(FIM)

uma chamma ante a qual se encolhia o espanto acobardado do jogador. Depois, por se sentir mysteriosamente intimidado e possesso ante o seu medo, Mc Gee colheu-a nos braços e apertou-a ao peito.

— Vamos! Por que não grita? Por que não chama agora seu marido?? — disse com escarneo, sentindo-a rigida e hirta nos seus braços. — Ignora porventura o que pretendo de si?

Ella adivinhara-o á justa, e o seu rosto se fez abatido e pallido, mas não deixou de responder com serenidade:

— Não chamo por meu marido porque sei que o senhor só procura um pretexto para o matar!

A colera de Mc Gee poz então á solta á fera barvia que havia nelle.

— Por Deus — praguejou — vou sahir daqui, e a senhora irá commigo, quando chegar a hora! Talvez que então tenha satisfação em acompanhar-me!

Os olhos de Suzanna cerraram-se e Mc Gee proseguio, com ar fanfarrão:

— Ah, não responde? Agora, está com medo!

A partir de então as palavras de desafio, sahiram-lhe porém mal da bocca, e o seu desejo se aplacou: é que Mc Gee percebera que Suzanna estava rezando.

Como em resposta á sua oração, a porta abriu-se, e saturnina, ironica, recortada na penumbra da noite, a figura de J. B. appareceu á porta. Os braços cruzados sobre o peito, fitou longamente Dandy Mc Gee, que sob aquelles olhos frios, de um azul metallico, se fez fivido de medo. O jogador tinha no bolso duas pistolas, mas não se moveu, os musculos convertidos em agua, de improvisio.

— Que é isso, Mc Gee — fez J. B., zombando. — Sô sabes então atirar quando um homem está de costas? — disse entrando lentamente na sala, sem prestar attenção a Suzanna. — Vê se botas no chão a ferragem que tens no bolso, e caminha na direcção opposta: vamos! rapido!

O jogador desapontado desapareceu na escuridão da noite.

— De novo, agradecida! — disse Suzanna debilmente — Dir-se-ia que é minha sina ter sempre que lhe ser agradecida!

J. B. desviou-se della bruscamente, voltou a cabeça para a porta e, seguindo-lhe o gesto, Suzanna viu as confusas formas de dois cavallos, arreitados para viagem.

— O senhor veio aqui para me buscar, para me levar consigo? — interrogou. Elle respondeu que sim com a cabeça — E agora? — voltou Suzanna. — E agora?

J. B. fitou-a extranhamente, sentindo-se burlado, como se sentira Mc Gee. Dentro de sua alma sentia um desmoronamento como de velhas paredes que de subito aluíssem, deixando penetrar a luz onde antes fóra a treva.

— Agora, — replicou a custo — agora, creio que esperarei um dia ou dois.

Ao preço da propria vida, elle não poderia tocar-lhe. Era como se qualquer cousa se houvesse levantado entre um e outro. Mas o que elle jámais poderia adivinhar é que esse alguma cousa era um eu que elle não podia suspeitar, a pelear por ella, contra o seu proprio desejo.

Os labios de Suzanna eram como uma supplica:

— Leia aquelle livro que lhe vendi, — disse baixinho. — Logo á primeira vez que

o vi, percebi que o senhor era um bom homem. E' em Deus que eu ponho a minha fé!

— E eu ponho a minha em J. B., — retorquiu elle grosseiramente, penetrando ao lado della na treva, e falando aos animaes arreitados, á porta. Na sua barraca pequena, durante toda a noite caminhou de um lado para outro, exgotando-se numa infructifera batalha contra essa força invisivel que subtrahia aos seus braços a mulher que elle queria.

— Não te mettas nisto, Deus! — disse alto uma vez, levantando o rosto espavorido. — Pois não basta o que tenho soffrido toda a vida? Ainda tu te mettes de permeio? Nunca tive nada de meu, nem mesmo um nome, afóra essa marca de gado "J. B.", porque eu proprio me chamo! E, anno após anno, sempre a viajar, sem parar nunca, e todos e tudo contra mim até o dia em que a vi! Quando a primeira vez olhei para ella, para aquelles olhos de bondade, para aquellas mãos brancas e fortes, e recebi o affago quente daquelle seu modo de sorrir, foi como se finalmente houvesse alcançado um pouso, como se finalmente houvesse chegado á casa. E tu agora, Deus, mettes-te entre mim e ella!

Ao alvorecer, cansado na apparencia, J. B. apanhou o livro que recebera das mãos della, e abrindo-o, poz-se a olhar trabalhosamente para aquelles signaes cheios de mysterio. Nessa tarde elle e Jokko foram passeando até á barraca de Suzanna. A' porta, Mary Jane, a filha della, brincava com uma boneca, feita de um sabugo de milho, J. B. chamou-a por um signal, e humildemente, num singular impulso de esperanza, disse-lhe:

— Uma menina tão bonita como tu, com certeza já sabe ler, não é verdade?

Mary Jane reflectiu, e cautelosa:

— Eu tenho lá em cima o meu primeiro livro, — disse a medo — E já dei até onde diz: Quer que eu leia para o senhor ouvir?

J. B. acceitou.

— Não digas nada a ninguem e traze o livro para o celeiro. — E accrescentou, astucioso. — Não é que me interesse o que lá está, mas é que não quero que Jokko a faça "homem" sem receber alguma educação!

E, assim, enquanto Dandy Mc Gee curti a sua humilhação por detraz do balcão dourado do seu bar, procurando convencer-se de que nada nem ninguem lhe mettia medo; enquanto Hi Morton pelejava contra a tavolagem, e consumia até o ultimo prego de que dispunha, sem que a igreja passasse do arcabouço, J. B. passava horas acorcorado nas penumbras do celeiro, que o feno perfumava, correndo o seu grande dedo toco pelas paginas do primeiro livro, acompanhando aquella peregrinação do "g-a-t-o" ao "r-a-t-o", que ia da primeira á ultima pagina. Arquejava com esforço, transpirava penosamente, mas não desapegava da tarefa ingrata que se havia imposto.

Pensava que Suzanna nada sabia dos seus esforços para aprender a ler, muito embora tantas vezes, com o mesmo orgulho com que uma mãe o poderia fazer por um filho, a esposa de Morton, repassada de sympathia e compaixão, lhe houvesse acompanhado o pertinaz labor. Como mestra, Mary Jane tinha os seus defeitos, pois preferia, por muito, brincar com Jokko. Não obstante isso, a pouco e pouco, as marcas mysteriosas foram perdendo o seu mysterio, e já de vez em quando J. B. conseguia descobrir uma palavra, aqui e

ali, no livro que comprara á esposa do pastor itinerante.

Nesta noite estavam as coisas na noite da grande chuva.

A batida veio como se de repente se soltassem as comportas de uma represa, precipitando no momento em que J. B., após a sua ligação, regressava á casa. Apalpando a seta, descobriu que o macaco tinha fugido. Mais tarde, na picada, a diligencia da tarde emergindo da tremenda enxurrada, passou junto a um viajante encharcado até aos ossos que seguia penosamente pelo atalho da beira-estrada, ora convertido em leito de uma torrente enfurecida. Mais tarde, fantástica como uma ficção do pensamento, uma figura de cavalleiro atravessou vertiginosamente a espessa cortina d'agua, quasi atirando ao chão aquelle que ao pé seguia o seu caminho.

J. B. pôde reconhecer o rosto livido de Hi Morton, o ministro de Deus, e o olhar que os dois trocaram, por um instante fugaz, teve o mesmo poder revelador que se fossem duas almas que se acotovelassem, amias a caminho do paiz d'alem-tumulo.

— Aquelle maldito macaco fugiu, e estou á procura d'elle! — berrou J. B. com tremendo esforço, mas a chuva e a tormenta arrancaram-lhe as palavras da bocca, como que a zombar d'elle. Os labios descorados do ministro morreram-se como os de um morto que de repente falasse, e logo elle desapareceu.

— Aqui ha qualquer coisa! — disse o caminheiro de si para si. — Morton vae correndo como se o perseguissem mil demónios! E aquelle cavallo... Pareceu-me reconhecer-o... Mas, não; não poderia ser...

Para meio dia, quando abatido e prostrado, J. B. chegou ao atalho que conduzia á barraca de Morton. Bateu e, sem lograr resposta, metteu hombros á porta, e penetrou na habitação. A mulher, ajojada como um feixe junto ao leito, levantou um rosto palpitante de contentamento que logo a desfer quando ella reconheceu quem estava a seu lado.

Suspeitaram d'elle, hein? — disse J. B. com malícia, para suffocar a dor que aquelle olhar acabava de causar-lhe. — Pois é bem feito que o enforcuem. E' o que elle merece por ter assaltado a diligencia, ter roubado o dinheiro de Mc Gee, e haver rebentado o meu cavallo para fazer tudo isso! Vae ficar á sombra por um par de annos! E a nós que nos importa?

O infeliz estava cevado de desgosto, do desejo de fazer soffrer a outros o mesmo que elle soffria. Curvou-se então, levantou a do chão, apertou-a por tal modo a si que lhe sentiu o latejar do coração. Mas nos olhos que ella alçou para elle — via-o bem — não leve pensamento algum que lhe dissesse respeito ou a ella mesma.

— Salve-o! — murmurou Suzanna, ciciando entre os labios seccos as palavras. — Elle roubou por intenção de Deus. Actua que era justo roubar o bastante para atalar a igreja!

Apontou então para a cama: — Está tudo ali, debaixo do colchão. Leve tudo, mas salve-o!

— Mas porque o hei de salvar?! — disse J. B. cruelmente — Eu desejo-a como jamais desejei mulher alguma, e o meu desejo teria sido satisfeito — bem o sabe a senhora — se aquelle temor de canto-chão — não estivesse em meu caminho!

— Deseja-me de facto? — interrogou, com uma pureza de crystal nos olhos vivos e grandes. E á luz desse olhar, o forasteiro lia-lhe na alma, lia a tremenda luta do seu coração, a sublime annuncia de si

— ouço aqui as minhas andadas... Pois bem: salve-o, se eu irei comigo! Juro-o, diante de Deus!

Nunca elle imaginara que pudesse haver fidelidade igual áquella. Era como se as mãos della tivessem varrido portas e cortinas, e a luz houvesse penetrado nos mais sombrios recantos do seu espirito. A sua pobre alma divisoou então um mundo que não vira jámais, e sem intervenção da sua vontade, os seus labios encontraram uma palavra nova que pronunciaram como uma supplica:

— Deus!

O rosto de Suzanna cerrara-se impensavelmente. Nunca elle reparara que seus labios eram tão vermelhos e lisos. Fechou os olhos para os não ver, porque se os visse; não poderia partir, e tinha que partir. Não lhe estava reservado conhecer, bem o sentia agora, o fogo acalentador da lareira domestica. E puxando-a para o lado, com meiguice, correu para a cama, apANHOU uma mancheira de moedas de ouro do sacco guardado sob o colchão.

— Guarde o resto para a reconstrução da igreja, — disse-lhe, já partindo. — Reze por elle, e um pouco por mim também. — Ah! O senhor cre! — exclamou a esposa de Morton, um momento esquecida do seu bem amado no transporte daquella inesperada alegria — O senhor cre em Deus!

— Pelo menos! — respondeu J. B., a correr — pelo menos creio na senhora!

Tumble Bluffs commentou depois as occorrencias, e a maioria dos moradores foi de parecer que J. B. era por demais calado para ser honesto. De resto, sempre assim haviam pensado... Mas o insulto supremo veio quando o ladrão confesso, o assaltante da diligencia appareceu em meio d'elles todos, inermes de medo, e depois de lhes atirar um punhado das moedas de ouro roubadas, disparou no seu cavallo malhado.

— Depois que eu partir bebam uma boa rodada, com o seu proprio dinheiro!

Foi nesse momento que Dandy Mc Gee commetteu o erro de pensar que J. B. estava desprevenido e atirou contra elle; mas o caminheiro quasi no mesmo instante lhe varou, com uma bala, o coração.

Depois, cobrindo a multidão pela mira da garrucha, J. B. sorriu tristemente:

— Bem: creio que agora tenho que proseguir viagem...

Chegara ali como uma figura solitaria, e como uma figura solitaria partiu de novo pela picada arenosa até escapar á vista dos que haviam ficado para traz. Levava consigo porém tres cousas que não trouxera: um "primeiro livro" de creança, enxarcado de agua, uma Biblia, e na sua alma, reverentemente, a crença na bondade de uma mulher, o que, para um homem, não dista muito da crença abençoada de Deus!

O CONTRARIO DO MAL (FIM)

e que ella — ella e este homem por quem tudo esquecera — eram a causa de tudo. Atravessou a sala cheia de fumo com os joelhos a tremer e perguntou a si mesma se teria forças para percorrer a meia duzia de quarteirões que a separavam de casa, se poderia chegar lá a tempo de encontrar viva a pobre velhinha. A vista da neve reluzente pol-a tonta, e duas ou tres vezes ella conseguia levantar-se, parecia-lhe que o rosto livido da moribunda lhe gritava de longe que andasse depressa:

— Vou já, mãezinha, — respondia. — Espere por mim!

Da proxima vez que cahio, dois braços fortes a suspenderam do chão e arrancou-a á treva em que se ia despenhando uma voz que lhe murmurava ao ouvido:

— A senhora não devia andar assim, ao tempo!

— E' que o senhor não sabe, — respondeu a essa voz. — Foi por causa de mamãe que está morrendo... E tudo por minha culpa, por minha culpa, a m!

— Onde é que mora? — perguntou a voz.

— No numero tres, ao virar da esquina.

E na treva mergulhou de novo até o mancebo a deixar em casa. Depois despertou-a qualquer coisa que ella conhecia, e de novo ella se arrancou á sua inconsciencia.

— Mãezinha fazia questão de ver o meu namorado, mas eu sei agora que elle não vem, que elle nunca poderia vir, — murmurou debilmente. — Mamãe e Jimmy nunca viram Joe...

De repente passou-lhe no espirito uma idea feliz:

— Ah, se o senhor quizesse ter a bondade de vir em lugar d'elle! Não seria um grande sacrificio, e talvez que assim ella se salvasse!

— Pois seja! Fal-o-hei com o maior prazer! — replicou o mancebo ajudando-a a subir.

— Seja muito meigo para ella, sim? — recommendou Essie, em frente á porta do aposento. — Ella está tão doentinha!...

— E' então esta a nossa mãezinha? — disse o moço ao penetrar no quarto da doente.

Ao som daquella voz extranha, a Sra. Birsdong levantou os olhos para o rosto que se debruçava sobre o seu, contemplou-o, immovel, um segundo, e deixou então escapar, um suspiro, repassado de contentamento.

— E' elle, Joe. Não te dizia eu que elle era bonito? — perguntou Essie, semi-hysterica, adiantando-se para o leito.

— Não te approximes della agora, — disse-lhe Jimmy, com um accento de commando na voz.

— Ha tanto tempo que espero para o ver! — murmurou a doente, cingida pelo braço forte de homem, com a mão d'elle presa na sua.

— E ha tanto tempo que eu desejava vir, — respondeu elle, — mas não podia!

— Joe é muito envergonhado, mamãe! Eu não te dizia?... — accrescentou Essie.

— Agora porém estou tão contente, — disse a velhinha com um suspiro de satisfação. — Tens uma mão forte como a do padeiro menino! — disse ao sentir que a mão do visitante se apertava sobre a sua. — Até me dá vontade de chorar!

— Mas, mãezinha: eu não quero vel-a chorar assim, por uma coisa á toa! — declarou o homem, procurando emprestar á voz um tom jovial.

— Agora, entrem e vão comer, — disse a velhinha. — Se o apetite de Joe for igual ao do pae de vocês, tenho a certeza de que elle vae comer bem!

— Eu não sou uma moça má, mamãe! juro-lhe que não sou! — disse-lhe Essie, semi-escondida entre os demais.

— Mãezinha bem sabe, mãezinha bem sabe, minha filha! — replicou a Sra. Birsdong. — E agora vae ao toa quarto lavar o rosto para que Joe possa ver como tu és bonita, sem nenhuma dessas tintas estranhas!

Entrementes, na pequenina sala de jantar, Joe e Jimmy, emprehendiam uma ruidosa tentativa para fazer justiça á ceia preparada.

— Ah, mamãe, que comidinha succo! — dizia o rapaz, debalde forcejando para en-

gular um pedaço de bolo que insistia em não passar.

— E' como se me estivesse rehendando por dentro, Joe! — dizia Jimmy, abraçando-se ao outro homem. — Sinto bem que se ella nos deixar, não resistirei, não me será possível resistir!

— Coragem, — disse o outro a animal-o, com um braço em volta do pescoço do rapaz. — Tua mãe conta contigo, e tens, portanto, que ser homem até o fim!

— E's tal e qual como o pae d'elles! — ciciou a mãe Birdong — grande, e forte e bom! E dirigindo-se ao grupo que penetrava no quarto: — Agora já não tenho preocupações.

Espalhou-se-lhe pelo rosto um sorriso contente, e como o homem a recostasse de novo suavemente ás almofadas:

— Meus filhos, meus queridos filhos, estou prompta agora: Deus é bom para todos nós!

— Mamãe, mamãe porque não me fallas? Por que não me falas? — disse Jimmy com os olhos cravados no rosto pallido.

Mas um braço forte se pousou sobre o seu hombro, e um instante depois, elle estava soluçando a sua grande dor nos braços do seu novo amigo:

— Vamos, Jimmy: se um homem! — uma voz lhe segredou ao ouvido. — Lembra-te que ella ainda precisa de ti!

O rapaz reprimiu um soluço e voltou-se para onde estava sua irmã, um vulto inerte tombado junto ao leito:

— Fica certo, fica certo que saberei cumprir o meu dever! — prometteu ajoelhando ao lado de Essie, e amparando-a com meiguice nos seus braços.

E se a mãezinha tivesse podido resistir até á primavera seguinte, teria visto Essie na sua nova casinha, e Joe, o unico Joe que ella conhecera, grande e forte e bom como o pae de seus filhos, feito o indulgente esposo da sua menina, o camarada e irmão do seu rapaz. Jimmy invocara, no lar novo, o direito de collocar todos os dias uma flor sob o retrato da velhinha, na confortavel salinha que os noivos haviam arranjado. E todos os dias, quando cumpria o seu encargo de bondade, segredava áquelles doces olhos que o fitavam:

— Está tudo bom, mamãe. Os nossos sonhos realisaram-se por fim. A nossa Essie está feliz e em segurança!

UM GRANDE AMOR

(FIM)

— Se é o cobrador ou o homem das prestações, o Sr. Butters sahio! — disse uma voz, feminina pelo buraco da fechadura. Se é o cobrador de aluguel, que espere alguns dias. Se é alguma intimação judicial, o Sr. Butters está fóra...

A mulher mais corpulenta, que vestia um costume perfeitamente masculino, bateu na porta com a sombrinha.

— Sou eu, Bella Bright, a ex-noiva de Samuel! Então, estão com a sella na barriga, hein? E a senhora o que faz, que não vae para á rua cavar um emprego?

— Violet, sou eu, tua mãe: abre a porta! — disse a outra visitante, muito emocionada. — Não ficarás nem mais um dia com esse vadio, esse papa-moscas!...

E a Sra. White começou tambem a dar soccos na porta.

De dentro soaram pancadas identicas, e uma soprano indignada gritou em voz estridente:

— Faça favor de não chamar nomes feios ao meu Poeta!

Um baixo iracundo fez o dueto, interrogando:

— Quem se atreve a fazer censuras a esta esposa-modelo que Deus me deu?

A esse tempo, sob a pressão dos murros, dos sapatos, das sombrinhas que a percutiam, a porta batia com um ruido infernal. Escada acima, arquejando, vinha o encarregado da casa, a ejacular maldições.

Attingindo ao mesmo tempo o passeio fronteiro á casa, as duas visitantes enfrentaram-se hesitantes. Depois, como sentissem que não tinham sido formalmente apresentadas uma á outra, apertaram-se as mãos e partiram para o "Papagaio Verde" onde sefaram uma alliança, saboreando chá de Macau e bolachas Maria.

E' preciso fazer seja o que fôr! — declarou Bella, remexendo o assucar tristemente, dentro da sua chavena. — A fazenda está indo de mal a peor! Não se pode segurar uma pessoa para trabalhar, a menos que se case com ella! E' necessario separar aquelles dois, e deixar-me reharver o meu Samuel!

— Archibald está solteiro ainda! — disse a Sra. White, hesitante. — Quem sabe se elle...

— Porque não verifica se... — suggeriu Bella.

— Tenho vontade de... — disse a Sra. White. — Por favor, deixe-me pagar... Quem convidou fui eu... Bem, uma vez que insiste...

Archibald Melão escutou complacentemente a historia pathetica dos infortúnios da sua antiga namorada. Um candidato descartado sempre se sente lisongeadado quando sabe ter dado em droga o rival que lhe foi preferido. Endireitou cautelosamente o vinco de uma das calças, fez um "hum..." inexpressivo, passou os dedos pelo bigode e poz-se a contemplar embevecidamente a sua imagem no espelho.

— A minha pobre pequena! — choramingou a mãe de Violet — Como ella tem soffrido! Como ella deve agora sentir cruelmente o seu erro!

E inclinando-se para Archibald:

— Ah, se o senhor a fosse ver, e lhe fizesse sentir que ella ainda tem amigos! Perdõe-me, supplico-lhe! Bem vê: quem falla é o meu coração de mãe!

E comprimia a mão sobre uma parte da sua anatomia, parecendo antes indicar que quem fallava era o seu figado. Depois, afluou-lhe aos labios um triste e suave sorriso.

— Mas como? Violet é esposa de outro homem! — ponderou Archibald.

— Elle *bute-lhe*! — inocentou apressadamente a Sra. White que ha muitos annos não fazia senão ler livros de Laura Libby. — O senhor bem sabe: estes poetas!...

Archibald empertigou-se todo e fez um gesto de firme resolução. Um lindo gesto, por signal.

— Sim, — declarou solemnemente. — Irei vel-a, irei vel-a amanhã.

Violeta estava a lavar a louça quando elle chegou e gracejando com Samuel, que enxugava os pratos, dizia-lhe ser ainda uma felicidade elles não terem dinheiro sufficiente para jantares de sete pratos. Estava ainda mais linda do que quando lhe havia chamado lirio, reflectio Archibald Melão, ao vela entrar na salinha nua, com o seu vestidinho de chita cor de rosa, amarfanhado da lide caseira. O mais extraordinario, é que signaes de sevicias ella não apresentava nenhum!

— Imagine que eu pensei que o senhor fosse o cobrador do jogo de cozinha, ou da sala de jantar, que comprámos a prestações... O senhor sabe: somos pobres, e pobres teremos que ser até o dia em que Samuel venda o seu livro de versos.

Archibald recordou-se do seu Ibsen, e inclinando-se para ella, disse-lhe:

— A sra. já reflectiu no direito que lhe assiste de viver a sua propria vida? Deixe-me abrir a porta da sua casa de boneca, criança adorada, deixe que eu lhe dê a liberdade!

Violet fitou nelle os seus olhos grandes, como estrellas que se reflectissem n'um lago:

— O senhor está nos dando um mandado de despejo... ou... — titubeou, surpresa.

Archibald Meão atirou para traz o cabello calido sobre a fronte. Sentiu-se nobre, sentiu-se redemptor, e um tanto molhado de suor debaixo do collarinho.

— Não; vim para lhe offerecer a indemnisação deste anno terrivel que a senhora atravessou — disse em voz tremente. — Venha commigo! Fuja commigo!

O aposento era tão pequeno que as supplicas vehementes de Archibald se fizeram ouvir mais longe do que elle por certo calculára. Violet, levantando-se um tanto embaraçada, abriu a porta, assim poído á vista Samuel que entalado atraz do fogão amaldiçoava a sua má sorte.

— Imagina que tenho impressos nos hombros o desenho da grelha de fazer torradas. Para a outra vez que pretenderes fingir, é favor deixares-me, ao menos, entrar para o quarto de cama!

Archibald tossio nervosamente. As coisas não iam seguindo o curso pre-figurado. Além disso, trahir um esposo já não era pouco: mas do que ninguem o prevenira é que elle ia trahir um marido de tão grande peso!...

Violet agora não se mostrava absolutamente vexada:

— Se me dá licença, vou apanhar umas coisinhas que desejo levar commigo! — disse em ar muito natural. — Depois, estarei inteiramente ás suas ordens.

— Pois não, perfeitamente, perfeitamente...

Violet desapareceu, com Samuel, no quarto contiguo, donde voltou, momentos depois empurrando um carrinho que parecia a Melão crição de carinhas rosadas e de mãozinhas turbulentas, muito embora apenas contivesse duas creanças:

— E' preciso alimental-os de tres em tres horas, — disse Samuel jovialmente, enfiando uma garrafa de leite em cada um dos bolsos do impecavel redingote Principe Alberto que Archibald vestia — e se elles acordarem e chorarem, no correr da noite, o senhor terá que...

Mas Archibald dera ás de Villa Diogo, — uma cousa que nenhum dos raptos de Ibsen jámais fizera!...

Por sobre as cabeças desguarnecidas das creancinhas, os paes entre-olharam-se jovialmente. Mas o sorriso de Samuel desapareceu pouco depois.

— Tua mãe tinha razão, Violet: eu não sirvo nem para ganhar o teu pão!

— Paciencia! — respondeu a esposa. — Ao demais, o pão que nós comemos, é pouca cousa!... Coragem, meu amigo: não ha poeta que não atravesse mãos pedações, nos primeiros tempos. Todos o desconhecem então, mas por fim todos vêm a lhes fazer justiça, quando lhes escrevem a biographia. E imagina que bellos episodios para a tua biographia: a aventura do fogão, a outra dos dois gemeozinhos! E mais tarde, que lindo deves ficar, quando a tua estatua fór levantada em marmore, no Salão das Glorias!

— Não sei, Violet: de ha muito me parece que não tenho a figura de um verdadeiro poeta!

As suas palavras eram propheticas. No dia seguinte, os editores a quem havia sido

enviado o precioso manuscrito escreveram-lhe a comunicar-lhe que, pela amostra que lhes fora submettida, só podiam concluir que o senhor Butters errara a sua vocação. Os seus poemas indicavam que elle talvez tivesse talento para funileiro ou para armador funerario. Como poeta, entretanto, elle pertencia á pleiade infinita dos que versam "sem rima nem razão".

— Mux-a tua epopéa! — exclamou Violet — E os teus contos românticos!

— Não minha filha. Do que devemos tratar não é de "contos": é de "contas". Da conta do açougueiro, da conta do padreiro, da conta do leiteiro... Devenas este mundo e o outro, e chegamos finalmente a esta linda situação: não temos recursos que nos permitam ficar aqui, nem temos recursos que nos permitam mudar-nos!

— E' que tu não te lembras do fundo para a educação das crianças! — disse Violet, e trepando a uma cadeira retirou um sapo de louça de uma prateleira. Com ansiedade palpitante, contaram o conteúdo: — Sete dollars e trinta e seis centavos.

— Mette até pena lançar mão disso! — suspirou Samuel.

— Também, boa educação havíamos de arranjar para os pequenos com 7 dollars e 36 centavos!... commentou alegremente Violet.

Feitos rapidamente os preparativos de partida, com um genço em cada hombro, o poetastrô abriu a porta com a maxima cautela, e ia já a descer a escada para a rua, quando Violet o chamou:

— Era bom embulharmos em qualquer coisa as garrafas de leite!

Samuel reflectiu um momento, mas logo depois brillhou-lhe nos olhos o clarão de uma inspiração:

— Os meus poemas! Depressa!

— E' mesmo! Nada melhor! — fez Violet num transporte de emoção, suspendendo-se ao pescoço do marido:

— E' extraordinario! Em qualquer conjunctura, sabes sempre o que se deve fazer! Ah, que havia de ser de mim sem o meu robrato carvalho!

Numa cálida tarde de verão seguinte, Bella Bright empunhava o volante no seu "roadster" ao lado de seu capataz. Nem iam em nenhuma excursão romantica, pois a verdade é que iam simplesmente apreçar uns leitões, nem Bella, com o seu collarinho d'ouro e os seus punhos cerrados por botões de osso, era nada que se parecesse com uma doce figura de amorosa. Não obstante isso, o capataz não deixava de lançar de ora em quando para o seu lado uns olhares languorosos, em seguida aos quaes suspirava com forte resonancia dos bronchios. Pouco provavel é que esses testemunhos de uma secreta paixão passassem despercebidos a Bella, mas o certo é que o seu olhar se dirigia inalteravelmente para a frente, onde appareciam as montanhas cobertas de matto baixo.

O carro parecia entoar com a disposição espirital da dona, pois proseguia aos tontos e sacões rasgando caminho pela areia branca da estrada, e enchendo de nuvens de pó a decantada atmosphera da California. De um e outro lado alongavam-se campos interminaveis, cobertos de salvas em flor, por sobre as quaes doudejavam innumeras abelhas. Ao longe, á beira da estrada, apparecia agora um chalet recoberto por um toldo, por cima do qual se via esvoaçar uma flammula com a seguinte inscripção: "Vende-se Mel".

Bella poz os olhos na pequenina figura, com uma touca pittoresca e um gracioso

aventall que descansava á sombra do toldo, e immediatamente as rodas da frente do automovel começaram a descrever uma imprevisível linha sinuosa. Bella fez parar o "roadster", no meio de uma nuvem de pó:

— Macacos me mordam se não é a boquinha de papel! — exclamou.

Poi um momento solemne para Violet, que se declarou muito satisfeita em ver Bella, o que por certo era sincero, dada a sua insistencia em que ella e o seu companheiro entrassem, descausassem um momento. Depois, com Samuel, fez os visitantes percorrerem a linda casa, e marido e esposa referiram-lhe então a illada da sua boa sorte, desde o dia em que tinham buscado refugio-se dos credores numa lareira abandonada na montanha e haviam descoberto que a chaminé da barraquinha estava cheia de favos de mel.

— Hoje temos um bom lote de sessenta geiras, inteiramente consagrado á agricultura — disse Violet — e calculo que ao tempo dos pequenos terem a idade propria, as abelhas lhes terão ganho o sufficiente para pagarem a sua educação!

— Mas que pequenos? — perguntou Bella, numa voz bizarra. — Pequenos de quem?

— Ué! Nossos! De quem mais?... — fez Violet, e correndo ao quarto proximo trouxe para fora o carrinho: — Na minha opinião, puxaram muito a Samuel!

De sobre as almofadas duas carinhas rosadas abriram os olhos atues e pousaram-nos em Bella. De facto tinham herdado o queixo duplo do pae, e apresentavam nas faces um tom rosado que proclamava uma vigorosa saúde.

— Que leitõesinhos mais engraçados! — exclamou o capataz — Nunca vejo crianças assim sem sentir, no meu intimo, que nasci realmente para ser pae! — disse, olhando de esguelha para Bella.

— Hum, hum! — fez Bella, com um ar pensativo.

Ao subir para o automovel, lançou ainda os olhos para traz, para a porta de entrada da vivenda, onde Violet assistia á partida, com a cabeça encostada ao massiço peito de Samuel. Depois, inesperadamente, tomou o banco de traz do automovel, em vez do banco da frente, em que viera.

— Guie você — disse para o capataz, com uma especie de rubor, a tingir-lhe as faces batidas do tempo. — Afinal "guiar" é uma tarefa que, por justo direito, incumbe aos homens!

E' que Bella acabava de resolver que se filaria, por fim, á familia das trepadeiras.

DEVER DE GRATIDÃO (FIM)

ford, no que mais pensa, é nos factos da vida. São essas as cousas, as unicas cousas, sufficientemente poderosas para feril-o.

Quasi ao primeiro relance, Inga concluiu também que appellar para o coração daquelle mulher seria inutil. Seria um acto sensacional nos seus resultados e que, sem duvida, despertaria um grande eco superficial. Mas, uma vez que ella se retirasse, a terra fofa revirar-se-ia de novo e á semmente seria espiacelada...

Inga tinha razão. A Sra. Garford lacermejou sobre as fraquezas alcoolicas do "pobre Dan", e insinuou, sem grande reserva, que suspeitara dessas fraquezas muito antes da desastrosa scena que elle fizera e da sua consequente desaparição. Não a surpreenderia, disse bem alto, nada do que Miss Sonderson lhe pudesse dizer... Causa alguma a podia agora sur-

prehender. Daniel fizera-a soffrer pelos seus insignificantes erros, fraquezas pueris, ao passo que elle... ao passo que elle — Santo Deus! — de que não era elle capaz? Concluiu agradecendo a Inga, com uma verborrosidade insultuosa, a sua intervenção em favor de Daniel. Infelizmente não via como pudesse avivar uma inclinação affectiva cujo poder de har muito sentira minguar em seu coração. Inga partiu sob a vaga impressão nojenta de ter ainda ouvido observações sobre "reis mortos, reis postos", e assim successivamente, ad nauseam. Era uma mulher positivamente insensível! E Inga quasi se sentiria levada a condemnar Garford pelo máo emprego que fizera do seu amor, se nãooubesse como era futil censurar qualquer pessoa por essa lei da attracção, compulsiva e forte, a que não ha resistir. Pois não havia de haver pessoas, reconheceu, poucas embora, sem duvida, para quem Terry não fosse o ente divino, soberano e omnipotente que era para ella?...

Circunstancias ha, occasioes, ou antes conjunctos de circumstancias, que dão a um individuo a responsabilidade moral de outro, com apparente inconsequencia. Assim, succedeu, durante esse inverno, com Inga e Garford. Estivesse ella com quem estivesse, fizesse o que fizesse, fossem quaes fossem as suas actividades, elle ali estava, o homem que precisava della a cada hora. E tão pouco logrou Inga resistir á necessidade que elle tinha da sua pessoa, como resistia ao amor que lhe tinha Terry, um amor torturado mais e mais, á medida que ella lutava por salvar Garford dos abysmos em que cahira, e em que se ia afundando.

— Estou-lhe pagando apenas o que lhe devo, — repetia ella a Terry — Estou pagando uma divida de honra.

— E' porque com certeza o amas! — murmurava Terry por entre os seus labios tristes.

— O amor nada tem que ver com tudo isto! — dizia Inga; e acrescentava quasi sempre: — Será possivel que tu não possas comprehender qual é o meu modo de sentir neste caso?

— Não, não posso com effeito, — respondia o rapaz.

— Pois então — replicava Inga — estás-me cobrando um preço mais alto do que eu pretendia pagar...

— Mas que continuarias pagando...

— Por certo, visto que é uma divida.

Mais tarde, tornou-se mais pesada a divida, quando Garford veio a sentir que Inga se tornava para elle, não a sua bem-feitora, a sua salvadora, mas a mulher que elle amava. Ainda essa carga, elle lha poz as costas.

Vim a senti-o naquella noite em que vieste a mim naquella antro de opiomanoes e o "china" te disse que eu era um dos "habitués" da casa. Eu via-te atravez do fumo, branca de alabastro, como se estivesses rezando... e estava de facto rezando... naquella antro... por mim! Senti então, subitamente, que ara por isto que eu tinha esperado, que onde até então eu andara errado, andava agora certo, de repente. A minha concepção era finalmente justa. Varrera-se dos meus olhos o véo que me tapara a luz. E Inga, como te amei, como te amei naquella noite profunda!

— Se o senhor me ama — disse-lhe a rapariga — saberá manter-se de pé, erecto e firme, seja onde fôr, succeda o que succeder. O amor é constructor por excellencia, e não tolera a destruição!

Quasi como uma criança que agarra des-

esperadamente á mão segura e forte que a leva, Garford, apegado a Inga, foi lutando, resvalando de ora em quando, mas sempre por ella amparado, ganhando um pouco hoje, perdendo esse pouco amanhã, lutando ora com vantagem, ora sem ella, até que muito lenta, muito dolorosamente, alcançou além do ponto a que chegara afetos de sobrevir a crise. Finalmente, raiou o dia em que sentiram ambos que a batalha estava ganha e concluída a jornada.

Estavam os dois sós, inteiramente sós no "atelier" onde ella recolhera Garford na noite da sua primeira enfermidade, naquela noite em que, depois de separar-se de sua esposa, elle ali fôra parar, apatetado, ébrio, e a surpreendera a conversar com as pessoas da sua amizade, e a reconhecer a despeito de tudo.

Era ao cair da tarde, e Inga servira-lhe o chá, enquanto elle lhe contava do seu ultimo successo, das encomendas de retratos que estava recebendo todos os dias.

— Tu bem sabias que o senhor se havia de vencer a si mesmo! — disse-lhe Inga, com os olhos cheios daquella luminosidade que sempre tinham ante os triumphos dos que lhe eram caros.

— E sabes porque venci? Foi só por tua causa, só por ti, exclusivamente por ti, Inga.

— Supplico-lhe...

Garford debruçou-se para ella.

— Tu amas-me, sim. Amas-me com certeza. De outro modo, não me terias alumiado o caminho como fizeste! Não terias descido á lama, a degradação, como desceste! Não seria humanamente possível! Esses prodigios só os opera o amor de uma mulher por um homem, o grande amor de uma grande mulher... pelo homem que lhe fala á carne e ao pensamento!

Inga abanou a cabeça, numa attitude grave.

— Engana-se, meu amigo, meu bom amigo. O que lhe dei foi a minha sympathia, a mais quente irradiação que pode brotar de uma alma. Mas o meu coração, passe, dei-o a Terry!

Mas Garford supplicou com ancia:

— Mas não parece que elle agora o queira, minha adorada. Uma vez que elle acredita em cousas... em cousas indignas...

Inga respondeu sorrindo:

— Terry é tão moço! Muito mais moço do que eu, sem embargo dos annos! Elle não comprehende e ninguém deve ser condemnado pelo que não comprehende. Elle não tem idéa do patrimonio de riquezas que pode encerrar-se num coração humano. Mas o senhor, se me ama, sabe bem que isso pouco importa. Mesmo que elle não o venha jámais a comprehender, isso de nada valerá. O que importa, só o que importa, é que eu o amo!

Pouco depois, Garford levantou-se para partir. De pé, ao limiar da porta, nos olhos a sua expressão de outr'ora, elle apertou as suas as duas mãos de Inga.

— De qualquer modo, foi um milagre tudo isto, Inga. Não me pudeste dar o amor, mas deste-me a fé em mim mesmo, na humanidade..., nos entes do teu sexo. Reconstituiste uma coisa fragmentada, redouaste uma pobre coisa marcada, maculada, Saraste e fortificaste. Não o terás feito em vão. Eu amo-te, é isso o que importa, é só o que importa! Terry virá a ti, descança. E adus, por agora, Deus te faça feliz! Deus te abençoe!

Terry, apparecendo uma hora depois, ainda encontrou Inga na mesma sombra do crepúsculo em que a deixara Garford.

— Garford está bonoutra vez! — de-

clarou. E como Terry, deixando-se cahir numa cadeira, do lado opposto da sala, cravasse nella os olhos carregados de censuras, repetiu — Garford está outra vez bom, inteiramente bom. Está paga a minha divida de honra.

Terry não desprendeu della os olhos.

— Consta-me, — disse finalmente com certa difficuldade em articular as palavras — consta-me que tu... que tu te vaes casar... e não posso acreditar isso de ti... não posso...

Inga olhou para elle, extremamente seria:

— Não percebo o que queres dizer, Terry. Porque não acreditas de mim, — tu, sobretudo? Parece-me entretanto uma conclusão logica...

— Supponho que sim — fez o maticebo — mas tu... tu e ca... e agora...

— Sim, Terry... e agora?

— Casar, assim, tão depressa... E' como desviar-se de um cadaver para beijar um transeunnte... Eu sentado aqui... contigo... á nossa janella... contemplando as nossas ruas, povoadas pelos sonhos que sonhamos juntos... parece-me...

— Terry, vou-me casar. E' melhor que o saibas desde já, definitivamente. Vou-me casar e breve, tão depressa elle me queira, — o homem a quem amo!

Inga levantou-se e, atravessando a sala, lançou os braços á figura desalentada de Terry, apertando-o contra as tranquiilas e certas pulsações do coração.

— Sim, com o homem que eu amo — repetiu — com o unico... o unico homem que amei no mundo... meu bom Terry: contigo!

E as luzes creadas pelo Homem empallideceram ante as estrellas incommensuráveis e eternas que illuminavam docemente o céu, palpitando, faiscando, como olhos de mulheres!

O PEQUENO LORD FAUNTLEROY (FIM)

creados, que lhe faziam grandes reverencias; perguntou á governante a qual Hawisham o confiou, se todos aquellas pessoas cheias de galões dourados eram da familia, o que levou a boa mulher a carregal-o horrorizada para os seus aposentos. Hawisham dirigiu-se á bibliotheca onde o conde já o esperava.

No pavilhão, bem longe, junto ás grades do castello havia uma pobre mulher em pranto; em um vasto aposento cheio de tapeçarias uma creança tambem não se achava nada feliz no meio dessas pessoas extranhas. O velho conde andava atormentado por gottas e mais ainda por pensar no pequeno intruso que lhe invadia a casa. Tinha os supercilios franzidos, o rosto duro.

— Que tal é elle? perguntou, mal correspondendo aos cumprimentos do procurador. Desabusado e insupportavel como todos os americanos, não é?

— E' encantador e de uma intelligencia bem acima da habitual ás creanças de sua idade, respondeu Hawisham com firmeza.

Ouvindo isso o velho deixou cahir o monoculo e tomou uma pitada.

— E a mãe recusa a pensão que Vossa Honra lhe offerece, preferindo viver das pequenas rendas de que dispõe.

O conde não deixou escapar a occasião de descarregar sua colera em alguém.

— Não me fale nessa mulher, gritou; isso é uma simples manobra para esconder sua alma de intrigante; ella está em minha casa, é a mãe de Lord Fauntleroy e ha de viver como eu determinar e resolver.

Na hora do jantar Cedric vestido com

um costume de velludo magnifico, foi levado até á porta do aposento onde o avô o esperava.

A principio nada viu; o velho disimulado no fundo de uma immensa poltrona, escondia-se na sombra; só um terra nova magnifico, quasi do tamanho delle, levantou-se, foi farejal-o e depois, sem duvida satisfeito com o exame, poz-se a acompanhá-lo, agitando brandamente a cauda. E de subito Cedric viu o conde, sobranceiras franzidas, olhar terrivel fixo nelle, mudo como uma estatua. Cedric porém tinha um coração tão terno que não enxergou essas apparencias hostis: murmurou de si para consigo: "é aquelle o avôzinho," e adeantou-se com a mãozinha estendida.

— Supponho que o senhor é o conde, pois eu sou seu neto.

O monoculo teve um reflexo, a bengala de ebano tremeu nas mãos do velho; tomou a mãozinha estendida apertando-a na sua gravemente; depois, sem responder, poz a perna enferma por terra e empurrando o banco em que a repousava, fez o pequeno sentar-se. E ficaram um defronte do outro examinando-se.

O velho parecia, dos dois, o mais comovido. Não sabia que attitude tomar deante do sorriso feiticeiro e franco de Cedric. E quasi se atemorizava de pela primeira vez em sua vida não causar pavor...

Os pensamentos do neto tomavam outro rumo. Examinava no avô tudo quanto en para elle novidade. O monoculo então interessava-o de veras. Não podendo mais conter-se, disse:

— Vovô Lord, você perdeu um vidro de seus oculos.

O conde de Dorincourt deixara cahir o monoculo, tomou uma pitada, um projecto de sorriso appareceu-lhe na physionomia. Depois puxando a creança para si, mirou-a longamente e depois perguntou com um leve tremor na voz:

— Não te pareço muito mão, então? Gostará de mim um bocadinho?

Cedric arregalou os seus grandes olhos.

— Mas eu já gosto de ti bastante, vovôzinho.

O conde julgou mister tomar uma outra pitada. Um criado veio annunciar o jantar. O conde levantou-se a custo, procurando a sua bengala, mas o neto adeantou-se: — Apoie-se em meu hombro, vovô...

E o velho sem se fazer rogar apoiou-se. Cedric levou-o então até a distante sala de jantar. Uma immensa mesa carregada de porcellanas e prataria e em cada cabeceira uma cadeira. Sob o olhar impassivel dos creados o pequeno vergava-se todo para um e outro lado, procurando ver o avô atravez das peças monumentaes que os separavam. Estavam no segundo prato, quando Cedric perguntou:

— Vovô Lord, você não anda todo o dia com sua corôa na cabeça?

Os criados fugiram da sala para rir á vontade, mas o velho conde respondeu seriamente.

— Não Cedric, nem todos os dias. Vamos a saber, que tal acha o jantar. Começa a gostar de Dorincourt? O castello não é muito grande para a sua pessoinha?

Cedric teve um sorriso cheio de gentileza:

— Não seria tão grande se a mamãe estivesse aqui commoço.

— Que dizes? exclamou o conde sobre-saltado.

Cedric correu ao conde e mostrou-lhe o medalhão que trazia ao pescoço. O conde abanou a cabeça...

— Que foi que ella te disse a meu respeito?

— Que eu devia gostar muito de você

O Utero doente faz da mulher um cadaver vivo
 Salve-se com a
“FLUXO-SEDATINA”



E' A "FLUXO-SEDATINA"

A "Fluxo-sedatina" actua rapidamente nos orgãos genitais das senhoras. Nas colicas uterinas faz effeito em quatro horas. Nos partos, garantimos que não haverá mais perdas de vidas em consequencia de hemorragias antes e post-partum. Tomando 15 dias antes de dar á luz, facilita o parto, diminue as dores e as colicas, produzindo-se com facilidade e diminuindo as hemorragias. Para as outras doenças peculiares da mulher, como Flôres Brancas, Inflamações, Corrimentos, máo cheiro, Tumores, Suspensões e os perigos da idade critica, etc., a "Fluxo-sedatina" dá sempre resultados garantidos. Senhoras, use a "Fluxo-sedatina" e dae ás vossas filhas e recommendae ás vossas amigas; prestareis assim um bello serviço ao vosso sexo. A "Fluxo-sedatina" é a verdadeira saúde da mulher e a tranquillidade das mães. As senhoras que usarem uma vez nunca mais tomarão outro medicamento; tenha sempre um vidro em casa que é como se tivesse o medico á mão. Está sendo usada nas maternidades de toda a America do Sul. Recommenda-se aos medicos e parteiros. E' de gosto agradável.

A' venda em todas as pharmacias e drogarias do Brasil

Depositarior Geraes: **GALVÃO & C.**

Avenida S. João 145 -- São Paulo



Os mais
 poderosos
ANTIFEBRIS
 e os mais
 faceis de to-
 mar são

NOVAMIDON
 E
PYRAZOLINE
 EM COMPRIMIDOS

Cia. CHIMICA RHODIA BRASILEIRA
 São Bernardo (São Paulo)



Attesto que tenho empregado muitas vezes o preparado ELIXIR DE NOGUEIRA, do pharmaceutico chimico João da Silva Silveira, contra varias manifestações terciarias da syphilis, obtendo sempre os melhores resultados.

Rio Grande do Sul — Pelotas, 27 de Agosto de 1913.

Dr. Ariano de Carvalho.
 (Firma reconhecida)

RENY

*A única
infallível*

TIRA SARDAS, PANNOS,
MANCHAS
E CURA ESPINHAS.



Pote 4\$000
Pelo
Correio 5\$000



PO' DE ARROZ
RENY — Adherente e perfumado. Caixa grande 2\$500. Pelo correio 3\$500. Caixa pequena 600 réis. Pelo correio 1\$000.

LOÇÃO RENY — Elimina a caspa e evita a queda dos cabelos. Vidro 5 \$ 5 0 0 — Pelo Correio 8\$000.

DEPIL Unico liquido que tira o cabelo em 5 minutos. Vidro pequeno 5\$000, grande 8\$000 — Pelo correio 6\$500 e 12\$000.

AGUA BALSAMICA RENY — Perfume das orientaes. Algumas gottas perfumam um banho. Vidro pequeno 5\$000, grande 8\$000 — Pelo correio 8\$000 e 12\$000.

Magalhães & Lobo

Rua Marechal Floriano Peixoto n. 17
Sobrado